

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ANA CAROLINA PASSOS AUN NEVES

SOCIABILIDADE NAS SALAS DE CINEMA DA CIDADE DE GOIÁS (1909 – 1934)

UBERLÂNDIA – MG

2014

ANA CAROLINA PASSOS AUN NEVES

SOCIABILIDADE NAS SALAS DE CINEMA DA CIDADE DE GOIÁS (1909-1934)

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, pela linha de pesquisa “Linguagens, Estética e Hermenêutica”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Leandro José Nunes

UBERLÂNDIA – MG

2014

ANA CAROLINA PASSOS AUN NEVES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leandro José Nunes – Orientador

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof.^a Dr. Eduardo José Reinato

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

*Essa dissertação é dedicada aos meus pais,
Luciano e Cleusa, e ao meu esposo Anderson.
Sem vocês esta obra não seria possível.*

Agradecimentos

Durante o trajeto da feitura deste trabalho várias pessoas foram importantes e merecem o meu agradecimento.

Agradeço ao Prof. Dr. Leandro José Nunes pelo apoio, reuniões, paciência, compreensão e por me ajudar a tornar possível a realização desse trabalho.

Agradeço, também, ao Prof. Dr. Alcides, pessoa sem a qual eu não teria vindo a essa Universidade e tampouco desenvolver esse trabalho nos moldes em que ele se configurou.

À Prof^a. Dra. Rosangela, agradeço, pelas aulas que fundamentaram os capítulos da dissertação, pela amizade, carinho, respeito e parceria que me fortaleceu e tranquilizou nos momentos de tensão nas diversas etapas da escrita da dissertação.

Fica aqui o meu agradecimento ao Prof. Dr. Eduardo Reinato, pelo acompanhamento desde a graduação, na confecção do projeto e pelo apoio em todos os momentos que precisei.

Agradeço aos amigos do NEHAC, de Goiânia, de Uberlândia e de São Paulo pelas conversas e apoio.

Ao Bruno, meu irmão, por estar presente na minha vida.

Aos meus pais pelo apoio incondicional principalmente nos momentos difíceis.

Ao Anderson pelo amparo intelectual e sentimental.

A Neiriane que deu o ponta pé inicial desta jornada.

A minha avó Felicidade e minha tia Eny pessoas que habitam o meu coração.

Aos amigos Ronaldo Veiga e Lucíola pelo amparo nas visitas à Cidade de Goiás.

Estendo os meus agradecimentos à coordenadora Maria de Fátima Cançado da Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa Frei Simão Dorvir (FECIGO) e ao Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil central (IPEHBC) pelo suporte a pesquisa.

Agradeço a Edgard Viggiano Teixeira por toda solicitude e presteza.

Agradeço, também, a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo amparo financeiro que deu suporte ao desenvolvimento desse trabalho.

Obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho visa analisar e compreender as transformações e/ou permanências nas relações sociais na Cidade de Goiás entre os anos de 1909 e 1934. Para tanto, lançamos olhares para o advento na cidade e como os seus habitantes se relacionavam com o mesmo e, também, entre si. Nesse sentido, procuramos estabelecer um paralelo entre o que era tomado como antigo, a noção de progresso e as “novas” formas de sociabilidade que se desenvolveram no período.

Palavras chave:

Modernização – Salas de Cinema – Sociabilidade – Progresso.

Abstract

The present work aims to analyze and understand the changes and / or continuities in social relations in the Cidade de Goiás between the years 1909 and 1934. To this end, we look for the advent of the city and its inhabitants as they related to the same and also among themselves. In this sense, we seek to establish a parallel between what was taken as ancient, the notion of progress and "new" forms of sociability that developed during the period.

Keywords:

Modernization – Movie Theaters - Sociability- Progress

Índice de Imagens

Imagem 01: Mapa do transporte ferroviário em 1922_____	24
Imagem 02: as casas eram coladas umas as outras_____	27
Imagem 03: Portas e janelas das casas_____	27
Imagem 04: Largo do Chafariz (chafariz ao fundo da imagem)_____	28
Imagem 05: Vista parcial da Cidade de Goiás, início do século XX_____	31
Imagem 06: Festa Nossa Senhora da Abadia_____	48
Imagem 07: Poço do Caldeirão_____	49
Imagem 08: Primeiro anúncio do Cinema Goiano na Cidade de Goiás – 1909_____	66
Imagem 09: Fundo do prédio do Cinema Goyano_____	69
Imagem 10: Quartel do 20 (lado esquerdo da primeira criança) e Cinema Goyano (atrás da segunda criança)_____	71
Imagem 11: Cinema Luzo-Brasileiro ao lado direito da imagem com a bandeira._____	74
Imagem 12: Rua Couto Magalhães, hoje Rua Coronel Joaquim Guedes, conhecida como Rua do Cinema_____	76
Imagem 13: cartaz de divulgação de Soirée e sessão cinematográfica realizada no Cinema Luzo Brasileiro_____	77
Imagem 14: Programas apresentados no salão do cinema “Luso-Brasileiro”_____	78
Imagem 15: orquestra Ideal – fevereiro de 1927_____	78
Imagem 16: comercial da <i>Paramount</i> _____	84

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1 – A Cidade de Goiás e o progresso	14
1.1 – <i>A verdade é que todos tínhamos um ideal e procurávamos cultivar o espírito, adquirindo conhecimentos vários</i>	15
1.2 – <i>É este incontestavelmente um grande melhoramento, que virá concorrer para o nosso progresso</i>	30
Capítulo 2 – A Cidade de Goiás e as manifestações sociais	42
2.1 – <i>A velha Goiás ainda conserva os traços da época em que refulgiu e apenas toma nuance modernista</i>	43
2.2 – <i>Theatro de São Joaquim</i>	54
Capítulo 3 – A Cidade de Goiás e as salas de cinema	63
3.1 – <i>Cinema Goyano</i>	64
3.2 – <i>Estamos informados que, em breves dias, terá a cap tal a agradável surpresa da primeira função cinematographica da nova empresa</i>	74
3.3 – <i>Fitas focalizadas na tela, á meia escuridão; fitas passadas as claras, á vista dos papás e das bondosas mamãs, que fingem nada ver</i>	86
Considerações Finais	95
Fontes	97
Referências Bibliográficas	102

Introdução

Atualmente, na Cidade de Goiás, não há mais exhibições cinematográficas no Cine Teatro São Joaquim. Anualmente a cidade e, também, o Cine Teatro, são palco do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA), festival este, que premia obras em vídeo e película, cuja temática é a defesa da qualidade de vida na Terra e consolidou-se como um grande evento de cinema ambiental.

A história do cinema na Cidade de Goiás tem seu início em 1909 quando houve a primeira exibição de filme no Teatro São Joaquim. A partir desta data vários cinemas surgiram na cidade e envolveram a sociedade da época, tanto em suas dimensões culturais quanto políticas e econômicas. Objeto de discussões em jornais e revistas, as experiências provocadas pelo cinema também fazem parte das memórias dos moradores, integrando-se num conjunto que, de alguma forma, constitui as diversas maneiras de se viver numa pequena cidade do interior do país no início do século XX. Isso permite ao historiador indagar-se sobre os múltiplos significados que foram atribuídos, por aqueles que viveram essas experiências, ao contato com uma novidade tecnológica vista como um dos símbolos da modernidade.

Assim, a proposta deste trabalho, intitulado “Sociabilidade nas salas de cinema da Cidade de Goiás (1909-1934)”, é elaborar uma análise sobre as salas de cinema da cidade e a relação que os habitantes estabeleceram com este invento, as novas práticas de sociabilidade surgidas e, também, investigar como o processo de modernização/progresso, que são formulas abreviadas para amplas transformações sociais, econômicas e culturais, além de serem compreendidos “por meio da história de algumas inovações talismânicas: o telegrafo e o telefone, a estrada de ferro e o automóvel, a fotografia e o cinema”¹, se apresentou e foi vivido pela sociedade local.

Neste sentido, e partindo da concepção de que uma visão pode “transformar a realidade observada, ou ao menos revelar certos aspectos de uma realidade observada e não outros”², a partir de certos pontos de vista e parâmetros, entendemos que o ponto de vista do sujeito que fala pode interferir na realidade que é construída sobre uma localidade. Procuramos, então, compreender como os habitantes dessa cidade teciam suas relações, as nuances de sua vida

¹ CHARNEY, Leo; SCHAWARTZ, Vanessa R. (org). O cinema e a invenção da vida moderna. Tradução: Regina Thompson. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 17.

² BARROS, José D’Assunção. Teoria da História. 3. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013, p. 62.

cultural e como viveram os impasses e embates que a chamada “modernidade” provocava em uma sociedade acostumada com outros ritmos de vida, com outras formas de ver a si própria e ao mundo. Nesse sentido, pensamos nos laços que unem o cinema e essa sociedade de uma pequena cidade/capital de um estado localizado fora do chamado eixo econômico e cultural do país, a fim de entender os significados que foram atribuídos às práticas culturais, buscando compreender as transformações na forma de enxergarem-se e ao mundo, não deixando de lado dados econômicos e políticos que propiciam uma importante leitura sobre o tema.

O cinema despertou o interesse em diversos grupos sociais, cada qual fazendo o uso da forma que lhe convinha, a sua capacidade de representar e criar representações fascinava e induziam ou questionavam a experiência sentida na sala e no ato de ir ao cinema. Assim, o cinematógrafo (chamado assim no início do século XX) se transformou, segundo Jorge Nóvoa, “num gigantesco laboratório de experiências para a elaboração da linguagem cinematográfica em função de finalidades que logo ultrapassaram os objetivos dos seus inventores e o desejo do público em encontrar divertimento”³. O cinema faz parte do imaginário social desde o início do século XX e, enquanto tal, pode constituir-se numa importante fonte que permite ao historiador a elaboração de conhecimentos sobre uma dada sociedade.

Ao investigarmos a relação dos habitantes da Cidade de Goiás com as salas de cinema intentamos averiguar as novas práticas de sociabilidade surgidas, como estes habitantes se relacionaram entre si, com o meio e com este novo aparato tecnológico. A sociabilidade é uma construção que pressupõe troca e reciprocidade entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Assim,

A sociabilidade é constituída por meio de troca de valores sociais ligados materialmente ao grupo. Esta troca assume a forma de uma produção pessoal para o consumo auditivo e visual dos outros (a coletividade). A coletividade consome os valores gerados no grupo e o troca quando há uma circulação deste bem. **A circulação de valores é feita como comunicação e este é o processo de constituição da sociabilidade**⁴ (Grifo nosso)

A sala de cinema torna-se um espaço de sociabilidade onde essa troca de valores acontece e permite a construção de novas relações que serão levadas para o ambiente externo.

³ NÓVOA, Jorge. Cinematógrafo. Laboratório da razão poética e do novo pensamento. In: Cinematógrafo: um olhar sobre a história. In NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (orgs.). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009, p. 163.

⁴ OLIVEIRA, Jocyléia dos Santos; OLIVEIRA, Maria de Fátima. Sensibilidades e Sociabilidades no Ensino de História. In: PESAVENTO, S. [et. al]. Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa. Goiânia: Ed. UCG, 2008, p. 145.

Nesse espaço que permite a circulação de valores e ideias, diferentes sujeitos, ao se relacionarem com o ambiente e entre seus pares, se transformam. Como apontou Oliveira, a sociabilidade assim constituída é parte integrante das relações vividas e sentidas pelo grupo social e, dessa maneira, é construída e reconstruída continuamente.

Ademais, indicadas as principais justificativas que norteiam o presente trabalho, vale salientar que o recorte temporal escolhido para o estudo, que compreende o período entre os anos de 1909 a 1934, está diretamente atrelado aos acontecimentos relativos ao cinema na cidade - em 1909 temos a primeira exibição cinematográfica e, em 1934, o fim do cinema mudo, na cidade, para entrar na era do cinema falado.

As fontes que nos ajudam na construção do trabalho são várias, entre elas temos os jornais, diários pessoais, livros de memórias, revistas e relatórios dos governadores do Estado de Goiás. Os jornais possibilitam uma prospecção do possível cotidiano dos habitantes da cidade. Neles percebemos os anseios, desejos, críticas e lutas daquela sociedade e assim podemos compreender as mudanças ocorridas num dado período de tempo, ou seja, o processo histórico vivido. Neles encontramos assuntos de ordem religiosa, política, econômica e cultural, que nos ajudam a compreender a dinâmica que existia na cidade, os costumes e espaços de sociabilização surgidos a partir da vivência na cidade. Por exemplo, através dos anúncios é possível perceber a influência francesa nos produtos que eram vendidos nas casas comerciais. Os principais jornais que servem-nos como fonte de pesquisa são: O Lidador (1909 – 1912/1914 - 1916), Nova Era (1914 – 1917), Jornal de Goyaz (1915 – 1923), O Democrata (1916 – 1930), O Lar (1926), Voz do Povo (1927) e A Imprensa (1922).

Os arquivos pessoais, diários e livros de memórias também fazem parte das nossas fontes já que, por meio deles, é possível referenciar as práticas culturais de uma época, entrecruzar fatos e tempos, ressaltar elementos do cotidiano, as maneiras de viver e de pensar de uma determinada época.

Ao estudar estas fontes, devemos estar atentos para o fato de que não existe uma neutralidade nos textos tanto dos jornais e revistas quanto dos livros de memórias, eles estão inseridos no seu meio social e histórico e, por isso, carregados de funções específicas, produzidos de acordo com as necessidades de seu tempo.

Ademais ao nos debruçarmos sobre essas fontes estamos voltando a um tempo já transcorrido, no qual é possível lermos as representações já construídas para criarmos a nossa e, assim, “representar o já representado, re-imaginar o já imaginado”. Sobre essas fontes colocaremos a nossas questões para “resgatar aquilo que um dia teria acontecido”. E para

resgatar este tempo é necessário se valer das representações dessa época, que “documentam o real, sejam elas de escritores, de poetas, de arquitetos ou mesmo de historiadores de então”.⁵

As salas de cinema já foram objeto de inúmeros estudos, em diversos campos do conhecimento. Temos trabalhos sobre as salas de cinema de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, entre outros. Para os objetivos da nossa pesquisa, foram importantes os seguintes trabalhos: *Sociabilidade em Catalão (GO): entre o arcaico e o moderno – 1920 a 1960*, de Eliane Aparecida Silva Rodrigues, dissertação defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), analisa as mudanças e readaptações nos espaços públicos da cidade de Catalão, incluindo a sala de cinema, analisando a relação cidade/modernidade e suas manifestações no cotidiano. Outro trabalho, intitulado *Entre Caboclas e Thedas Baras: a tradição e a modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira*, de Fabiana Moraes Machado, dissertação defendida na Universidade Federal de Belo Horizonte (UFMG), analisa o local cinema na recém construída Belo Horizonte e o seu papel na dúbia relação entre o novo e o antigo. *Entre a tela e plateia: Theatros e Cinemathographos na Franca da Belle Époque (1890-1930)*, de Veruschka de Sales Azevedo, dissertação defendida na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), investiga as faces da Belle Époque em Franca, tendo como enfoque principal o desenvolvimento das atividades artístico-culturais. Por fim, *Lazer, Cinema e Modernidade: um estudo sobre a exibição cinematográfica de Montes Claros (MG) – 1900-1940*, de Jailson Dias Carvalho, dissertação defendida na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), nela discute a gênese do circuito exibidor de Montes Claros e as diferentes formas de lazer que incidiram no espaço público da cidade.

Sobre o cinema em Goiás três obras foram importantes, os livros: *Goiás no século do cinema* de Eduardo Benfica e Beto Leão, *Centenário do cinema em Goiás 1909-2009* de Beto Leão - esses dois primeiros apresentam um panorama sobre o cinema desde a sua instalação na Cidade de Goiás em 1909 até a sua atual situação desde produção até exibição –, e o livro *A música em Goiás* de Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça, um livro específico sobre a música desenvolvida na Cidade de Goiás, que traz-nos informações sobre os grupos que faziam o fundo musical nos cinemas da cidade. Esse conjunto de livros possibilitou um primeiro contato com alguns dados sobre o cinema da Cidade de Goiás.

Acreditamos que a singularidade do presente estudo está na compreensão das relações estabelecidas entre a sociedade da Cidade de Goiás, o progresso/modernização e o cinema, pois verificamos que mesmo diante de novas perspectivas analíticas sobre as questões como

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1999, p. 11.

progresso e modernização sobre a cidade, ainda há muito a ser discutido e, nesse sentido, nossa pesquisa insere-se como uma nova abordagem, dado o fato de que tomamos a compreensão das dinâmicas da cidade “de acordo com as condições de possibilidade presentes em cada lugar”, evitando “a simples assimilação de modelos teóricos”⁶ desconsiderando as configurações locais.

O trabalho foi dividido em três capítulos.

No primeiro, intitulado **A Cidade de Goiás e o cenário urbano**, apresentamos uma discussão sobre a questão do progresso e da modernização e como estes elementos foram recebidos e apropriados pelos habitantes da cidade. Em um segundo momento, apresentamos as transformações urbanas ocorridas na cidade em relação a esse progresso/modernização, entre elas estão as normas relativas à saúde, higiene, comportamento na cidade, a instalação da energia elétrica e, também, como esse progresso se torna excludente para algumas camadas da população.

No segundo capítulo, **A Cidade de Goiás e as manifestações sociais**, analisamos as características da sociedade goiana, como era a relação entre os seus habitantes, quais os elementos que indicavam que esta sociedade buscava referenciais de um mundo moderno e como eles foram apropriados. Em um segundo momento, destacamos a importância do Teatro São Joaquim nesse ciclo cultural e social.

No terceiro capítulo, **A Cidade de Goiás e as salas de cinema**, faremos um mapeamento do cinema na cidade, evidenciando aspectos importantes da constituição dos cinemas *Goyano*, *Luso-Brasileiro*, *Iris* e *Ideal*, os filmes que passavam, as relações estabelecidas entre eles e o meio cinematográfico. Também, procuramos compreender as práticas de sociabilidade surgidas a partir da relação dos habitantes com a sala de cinema e entre si para, neste sentido, entender como essa sociedade assimilou o cinema e as relações construídas a partir disto.

⁶ DOIN, José Evaldo de Mello et al. A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)-a proposta do Cemumc. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, 2007, p. 91-122.

Capítulo 1 – A Cidade de Goiás e o progresso

Pogressio, pogressio.

Eu sempre iscuitei falar...

(Conselho de Mulher – Adoniran Barbosa)

1.1 – A verdade é que todos tínhamos um ideal e procurávamos cultivar o espírito, adquirindo conhecimentos vários

De Arraial a Vila, de Vila a Capital, a Cidade de Goiás nasceu a partir do processo de expansão da mineração do século XVIII. No ano de 1722, Bartolomeu Bueno da Silva Filho⁷, que mais tarde seria conhecido como o Anhanguera II⁸, saiu de São Paulo em busca de metais preciosos. O movimento bandeirante, assim, penetrou o centro-oeste e descobrindo as minas – principalmente de ouro – fundam, em 1727, o Arraial de Santana – futura capital do Estado – que é integrado, em seguida, aos quadros do sistema colonial. Em 1736, já na condição de Vila, ganha o nome de Vila Boa de Goyaz e em 1748 foi elevada a categoria de Capitania independente da Capitania de São Paulo.⁹

O chamado ciclo do ouro em Goiás foi considerado como um momento de riqueza, a Capitania foi apontada como a segunda maior produtora de ouro do Brasil – a produção de Goiás só foi considerada inferior a de Minas Gerais – a dedicação era exclusiva a exploração do ouro e os alimentos e outros bens necessários vinham das Capitanias da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo e teve curta duração de apenas 50 anos. Essa duração efêmera esta relacionada aos processos irregulares de extração do ouro, além da falta de infraestrutura e tecnologia e também a organização administrativa que visava o enriquecimento da metrópole.

O ciclo do ouro em Goiás foi importante para a expansão territorial, além de incentivar o povoamento, sendo a extração do ouro responsável pela construção das cidades que começaram a surgir na região.

⁷ Na história goiana Bartolomeu Bueno da Silva Filho foi o fundador do Arraial de Santana, futura Cidade de Goiás, mas há registros de que Bartolomeu Filho era contra a fundação da cidade, além de ter desavenças com a Capitania de São Paulo. Sobre o assunto vide em: QUADROS, Eduardo Gusmão de. Anhanguera: mito fundador de Goiás. Revista Temporização, 2006. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/24/37>>. Acesso em: 02 sep. 2013.

⁸ O Anhanguera foi o nome dado ao pai Bartolomeu Bueno da Silva na sua primeira incursão ao centro-oeste, em 1682, após a sua morte Bartolomeu Bueno da Silva Filho ficou com a alcunha. No entanto a controvérsias quanto a origem do nome: a mais conhecida diz-nos que para amedrontar e fazer com que os índios indicassem o ouro, Bartolomeu, colocou fogo na cachaça dizendo que faria o mesmo com as águas dos rios se não fosse atendido, assim os índios colocaram o nome de Anhanguera que significa “diabo velho”; a outra versão é que esse nome foi resultado de uma chacina aos índios Inhenguiras, no Tocantins, que aconteceu antes mesmo da entrada de Bartolomeu em Goiás. Maiores esclarecimentos vide em RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. A modinha em Vila Boa de Goiás. Goiânia, Ed. Da Universidade de Goiás, 1982.

⁹ Dado histórico importante foi o fato de ser Villa Boa de Goyaz, oficialmente, o primeiro núcleo urbano para além do Tratado de Tordesilhas, que definiam o território português. O aglomerado constituído prestou-se ao nascimento da urbs colonial em função do sucesso da empresa mineradora e da instalação do Governo e da Igreja. Em 1º de agosto de 1739, o Arraial de Sant1Anna é erigido à Vila e passa a chamar-se Villa Boa de Goyaz, em homenagem aos índios Goyá e a Bartolomeu Bueno da Silva. Em 25 de julho de 1749, dado o crescimento da população e as dificuldades decorrentes do governo distante – São Paulo – a Villa Boa foi elevada à categoria de capitania e recebeu o primeiro governador privativo. Vide em: TAMASO, Izabela. Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na Cidade de Goiás. 2007. 787 f. Tese (Doutora em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UNB), 2007, p. 36 e 37.

A vila tornou-se cidade em 17 de setembro de 1818, por meio da carta Régia de Dom João VI, com o nome de Goyaz, mas a publicação no Correio Oficial só aconteceu exatamente um século depois, em 17 de setembro de 1918.

Auguste Saint-Hilarie, viajante francês que visitou a atual Cidade de Goiás no ano de 1819, deixou registrado sua visão sobre a cidade. No relato ele diz que esta era dividida ao meio pelo Rio Vermelho, com pontes de madeira que faziam a ligação entre as partes, que existia um grande número de igrejas, as ruas eram calçadas e largas, também existiam duas praças onde ficavam os prédios públicos da cidade. Saint-Hilaire descreveu que a população da cidade era formada por negros e mulatos, não havia casamentos, a prática era o concubinato, esta era uma prática comum entre as pessoas simples e também, se tornou comum entre os governantes, já que estes deixavam suas famílias nas cidades grandes e passavam apenas um período na Cidade de Goiás, enquanto estavam exercendo os cargos públicos. Para o viajante não existia vida social na cidade e as pessoas passavam a maior parte do tempo em suas casas.¹⁰

Com o fim da exploração aurífera, como meio econômico principal, as atividades econômicas foram reorientadas à agricultura e a pecuária e no século XIX¹¹ estas passaram a ser a principal atividade da região, devido à existência de boas pastagens e a possibilidade de condução do gado ao mercado consumidor assim, trabalhadores de diversas localidades da região perceberam, na Cidade de Goiás, a possibilidade de progredir com a pecuária, já que as fazendas eram mal aproveitadas devido a falta de trabalhadores. Verifica-se, então, um significativo aumento populacional resultado de um crescimento natural¹² e também pela chegada de migrantes advindos de Estados vizinhos, como da Bahia, do Pará, Maranhão, entre outros. Essa migração é fruto da movimentação financeira da pecuária, ou seja, o comércio era feito com as regiões vizinhas, como por exemplo, a Bahia.

As vias de comunicação eram bastante precárias, as estradas, nos períodos de chuvas ficavam intransitáveis e os viajantes sofriam com ataques indígenas, assim a navegação foi

¹⁰ SAINT-HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Belo Horizonte:Itatiaia, São Paulo:EDUSP, 1975.

¹¹ É importante saber que da passagem século XVIII para o século XIX também ocorrem modificações que serão encontradas no decorrer do XIX até início do XX. A economia mineradora não é mais a vigente e sim a economia agropastoril. Com relação aos moldes de vida, percebemos alterações nas práticas sociais devido ao novo tipo de economia. Os centros urbanos ganham mais força e na Cidade de Goiás conserva-se até com certos requintes. Auguste de Saint-Hilaire conta que no jantar, oferecido pelo Governador Fernando Delgado de Castilho, o luxo era assombroso, já que para chegar na cidade só tinha o lombo do burro e a distância do litoral era de 300 léguas. Vide em: SAINT-HILAIRE, August de. Viagem à Província de Goiás. Belo Horizonte:Itatiaia, São Paulo:EDUSP, 1975.

¹² Crescimento natural ou vegetativo é a diferença entre os nascimentos e os óbitos, ou seja, entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade.

uma solução promissora para os problemas de transporte. Esta navegação seria feita pelos rios Araguaia e Tocantins, mas foi inviabilizada pelo alto custo e desinteresse do governo. A comunicação através dos correios já existia e a partir de 1810 já apresentava certa regularidade. O telegrafo foi instalado em 1891, o que possibilitou uma melhora na transmissão de notícias entre a cidade e as demais do país. As estradas não eram bem conservadas, mas eram alvo de preocupação entre os governantes, como podemos verificar na *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz*, no dia 15 de maio de 1911, pelo chamado Exm. Sr. Coronel Dr. Urbano Coelho de Gouvêa, governador do estado:

Obras Publicas

Com o Estado precario dos cofres publicos torna-se impossivel despende grandes quantias com melhoramentos materiaes.

Dentro dos limites da pequena verba concedida tem o governo melhorado algumas estradas, reconstruindo algumas pontes e feito novas.

Demanda-lo a estrada da serra, que põe em comunicação a capital com o Rio de Janeiro, e por onde é abastecido o Mercado da Capital, concertos de alto preço e não podendo o Estado presentemente ocorrer a taes despesas, pretendo organizar uma turma de trabalhadores, sob a direcção de pessoa competente, que possa, em prazo não muito curto certamente, tornar transitavel essa estrada com a vantagem e conservação constante.

É uma experiência que estou certo será coroada de bons resultados.

Percebemos que as questões relacionadas às atividades econômicas e de infraestruturas, que eram necessárias para a sobrevivência e reprodução do capital, eram pauta nos projetos dos governantes, por exemplo, a mensagem acima nos diz respeito do conserto das estradas como algo necessário e para viabilizá-lo, já que a situação econômica do Estado passava por dificuldades, era necessário promover uma experiência na qual os próprios trabalhadores da Cidade ajudariam a tornar a estrada transitável. Essa estrada ligava a cidade a Capital Federal, deixá-la viável atenderia não apenas uma necessidade econômica, mas também social e cultural.

Assim, melhorar as vias de comunicação, reconstruindo estradas e pontes, facilitaria o acesso e saída da cidade permitindo a sua integração as demais regiões do país. Além de uma preocupação dos governantes essa também era uma questão importante para os grupos influentes da Cidade de Goiás, formados por comerciantes de artigos importados, latifundiários e funcionários públicos, que se dedicavam as atividades de caráter social e cultural e partilhavam de ideais divulgados nos grandes centros urbanos.

Ora, muitas outras cidades do país, entre o final do século XIX e XX, buscavam os referenciais de sociedade nos grandes centros, fossem eles Rio de Janeiro, Londres ou Paris,

como exemplos de modernização e progresso. Podemos perceber tal necessidade, em equiparar a Cidade de Goiás aos grandes centros urbanos na festa de Proclamação da República, que ocorreu em 5 de dezembro de 1889. Na ocasião, foi cantado o hino francês “*La Marseillaise*”¹³, em comemoração a decisão que havia tomado o governo de Goiás em aderir à República Federativa. Segundo Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça, autora do livro *A Música em Goiás*:

A escolha da Marselheza deve ter se dado por transmitir os ideais revolucionários de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, tão divulgados naquela época. Citaremos agora a palavra de Dr. Donizetti Martins de Araújo:

A verdade é que todos tínhamos ideal e procurávamos cultivar o espírito, adquirindo conhecimentos vários. Quase todo o goiano, empolgado pelas belezas naturais e pela poesia ou atrativos da região, pela tranquilidade que gozava naquele meio tão propício e vivendo sem os divertimentos encontrados nas capitais populosas, mais em contato com a civilização europeia, quase todo goiano, repito, era inteligente, dotados de sentimento artístico e se esforçava para estudar também a música e executar instrumento.¹⁴ (grifo nosso)

Se Mendonça acredita que cantar o hino *A Marselhesa* estava relacionado aos possíveis ideais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, para nós, por outro lado, estava relacionado a necessidade de equiparar-se aos locais considerados como exemplos de sociedade a ser seguida. Não era incomum o fato de indivíduos pertencentes às famílias mais abastadas irem estudar na Europa e, desse modo, em seu regresso traziam consigo referências e/ou ideais que eram intensamente apreciados e reproduzidos – numa tentativa de aproximação/alinhamento. Em reuniões particulares, a língua francesa (ou pelo menos alguns termos) era bastante utilizada. Tal fato foi ressaltado por Goiás do Couto que, em suas memórias, diz que “era *chic* falar o francês, exercitado correntiamente por todos aqueles que tinham suas veleidades literárias. A França, era considerada luzeiro universal.”¹⁵ Falar francês ou ter hábitos, estilo e costumes franceses era moda e estavam presentes em cidades como o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, pois de acordo com a historiadora Sandra Pesavento “a adoção de um “modelo parisiense” é “sintoma” da modernização desejada e representa a possibilidade de assumir um padrão identitário que, metonimicamente, passa da cidade para o

¹³ “*La Marseillaise*” foi uma canção adotada pelos revolucionários no processo de implementação das causas da Revolução Francesa tornando-se, posteriormente, o hino da França.

¹⁴ MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de. *A música em Goiás*. 2ª Ed. Goiânia, Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1981, p. 20.

¹⁵ COUTO, Goyaz do. *Memórias e Belezas da Cidade de Goiás*. Conferência pronunciada na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, em 1 de Agosto de 1956. Cidade de Goiás, 1958, p. 19.

país”.¹⁶ Assim, certa parcela da sociedade goiana¹⁷, em um exercício de autoafirmação, cultivavam as artes, o latim e a retórica; o francês era língua que estava de acordo com as convenções e regras da boa educação - para compor o cenário -, onde as referências europeias eram tomadas como ideal a ser perseguido.

Em relação a fala de Dr. Donizetti Martins de Araújo – citado por Mendonça – que nasceu no ano de 1889, então não estava presente no ato acima mencionado, percebemos que a fala é utilizada para reafirmar que o ideal da sociedade goiana eram as referências dos grandes centros urbanos, como ele afirma, mesmo não estando nestes grandes centros os goianos ainda sim se esforçavam para adquirir conhecimentos vários, o fato de estar mais em contato com a natureza favorecia tal busca.

Nesse sentido, é importante evidenciar que as assertivas supracitadas propicia-nos tomar contato com apenas uma visão de um grupo da sociedade goiana e não toda ela. Ora, era bastante comum que estes grupos tivessem a possibilidade de estudar, tomar contato com manifestações artísticas e voltar suas atividades para criação e apreciação de música, literatura, crítica dentre outras possibilidades. O espaço destinado a este grupo da cidade era o do homem branco e estendia-se às suas respectivas famílias.¹⁸

A Cidade de Goiás, devido a sua condição de capital, apresentava certa importância política, foi o espaço urbano que centralizou as discussões políticas oficiais, onde o governo do Estado tinha sua sede. Dessa forma, as práticas culturais e as alterações urbanas, estavam atreladas a grupos que desejavam mudanças que adequassem esta cidade a um projeto de normatização do meio urbano característico de uma capital.

É importante ressaltar que nem todas as famílias participavam do poder político, mas carregavam o poder simbólico valorizado na Cidade de Goiás que era a tradição. Famílias que tinham o espírito de clã¹⁹ e estavam sempre reunidas carregando a tradição e os costumes da cidade, carregados dos velhos preconceitos, orgulhosos da posição social que ocupavam. O sobrenome tradicional era importante nas relações sociais.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit., p.24.

¹⁷ Ao falarmos “certa parcela da sociedade goiana” estamos nos referindo a mais rica, pois nem todos tinham acesso as artes e a educação.

¹⁸ Na capital e também nas demais cidades de Goiás, essas famílias, que detinham projeção social e econômica, buscavam no casamento a forma de estreitar o seu poder. Havia casos de união conjugal entre os familiares, quando isso não era possível, as famílias mais importantes se uniam, por meio do casamento, a outras famílias de renome. Assim, os componentes da política no âmbito estadual e municipal, quando não ligados a parentesco eram sujeitados a alianças que os tornavam componentes do grupo hegemônico. FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo no Estado de Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura. In: CHAUL, Nasr Fayad (org). Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998, p. 61.

¹⁹ Famílias que possuem ascendência e descendência comum.

A cidade se torna um local de experiências que traduzem as exigências políticas para o cenário urbano desejado - o cenário de uma capital. Entendemos que estas modificações eram patrocinadas e voltadas para os setores elitizados, compostos pelas famílias tradicionais e também pelos os coronéis²⁰, figura importante característica da Primeira República, geralmente envolvidos com a política local e nacional²¹ e que estavam alinhados a um ideal de progresso proveniente de um modelo pátrio.

Na Primeira República o discurso do progresso estava ligado ao positivismo²², que estava alinhado aos ideais desejados à construção da República no Brasil que era promover a ordenação e o desenvolvimento do país, buscando escapar do atraso que o antigo regime representava. A mentalidade positivista assumida, em defesa da modernização a ser conquistada no período republicano, tinha como ideal a instalação de um regime que superasse o "atraso" mantido pelo antigo governo, o Império, e promovesse a "ordem" para viabilizar o "progresso" do país.

O progresso era visto como um processo no qual a etapa mais recente seria melhor e superior à que a precedeu, uma mudança orientada e necessária, assim a busca pelo que é novo, deixando para trás o atraso, tornou-se um projeto. Essa ideia de progresso na busca pelo

²⁰ Os coronéis já existiam no Império, muitos autores concordam que o título é procedente da Guarda Nacional, milícia criada no período regencial (1831-1840), mas somente na República que os coronéis encontram o ambiente favorável para seu domínio e ascensão. Já o coronelismo foi resultado de um conjunto de medidas comuns à política nacional e teve grande destaque no cenário político de Goiás. Temos em Campos Sales, presidente do Brasil de 1898 a 1902 o responsável pela consolidação das oligarquias cafeeiras no país, além de ser o idealizador da Política dos Governadores. Essa política funcionava, em linhas gerais, da seguinte forma: o presidente eleito respeitava as decisões dos governadores dos Estados e em troca os governadores deveriam eleger deputados e senadores que apoiassem o presidente. No plano estadual acontecia o mesmo, os coronéis apoiavam os governadores e vice-versa. O coronelismo era um sistema político que estava inserido em uma rede de relações entre o poder oligárquico local, estadual e federal. Tal fato foi dito por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil*: “na ausência de uma burguesia urbana independente, os candidatos às funções novamente criadas recrutam-se, por força, entre os indivíduos, da mesma massa dos antigos senhores rurais, portadores de uma mentalidade e tendência características dessa classe. Toda a ordem administrativa do país, durante o império e mesmo depois, já no regime republicano, há de comportar, por isso, elementos estreitamente vinculados ao velho sistema senhorial”. P. 88.

²¹ Os governadores do Estado indicavam as pessoas para os cargos políticos das cidades e esses cargos eram ocupados por pessoas de confiança do grupo oligárquico que estava no poder, por exemplo, no governo do Dr. Olegário Herculano da Silveira Pinto, eleito para presidente do Estado, em 1913, pela oligarquia Caiado, foi eleito, na Cidade de Goiás, para o cargo de Intendente Municipal (Prefeito) o Coronel Abílio Alves de Castro, fazendeiro, comerciante e funcionário público, ligado ao grupo caiadista por casamento com a filha de Torquato Ramos Caiado que era Senador Estadual. Não podemos deixar de ressaltar que haviam eleições para os cargos, mas estas eram manipuladas de acordo com o grupo dominante que estava no poder. In: Mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado de Goyaz pelo Dr. Olegário H. da Silveira Pinto em 13 de maio de 1914. P. 9.

²² Em linhas gerais o positivismo é uma linha teórica criada por Augusto Comte (1798-1857), surgiu no século XIX como contraponto ao racionalismo abstrato do liberalismo, e atuou como pensamento dominante a partir da segunda metade dessa centúria. Buscava explicar questões práticas da humanidade, dando ênfase à experiência, e procurava aprimorar o bem-estar intelectual, material e moral do homem, através da utilização de novos métodos para o exame científico dos problemas da sociedade. No Brasil, o positivismo foi bastante influente na Proclamação da República e o lema da bandeira brasileira e reflexo dessa influência “Ordem e Progresso” retirado da máxima do positivismo que diz: o amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim.

melhor se manifesta, também, pelo progresso tecnológico no qual a humanidade avança para um mundo melhor a partir da adoção dos aparatos tecnológicos, entre eles podemos citar, a eletricidade, o carro, a estrada de ferro, fotografia, cinema e etc.²³

O progresso, também, está ligado a ideia de “civilizar-se”²⁴, pois preservar e participar do tipo de sociedade que foi construída ou se almeja construir é resultante de atitudes voltadas ao progresso que cada vez mais foi atingindo os cantos mais remotos do planeta.

De acordo com Robert Nisbet em seu livro História da Idéia de Progresso:

O surto de desenvolvimento tecnológico, industrial e comercial que ocorreu no ocidente (...) cresceu e se tornou abrangente, - incluindo maior numero de pessoas especialmente das classes médias, e abordando no século XIX praticamente todos os aspectos da vida: economia, ordem social, cultural e governo – tudo isto é, em grande parte, o resultado da fé quase religiosa, **na ascensão da humanidade do passado para o futuro.**²⁵ (Grifo nosso)

Esse novo tipo de sociedade e, também, esse novo tipo de cidade almejada, está relacionado a “ascensão da humanidade do passado para o futuro”. Novos pontos e pessoas do mundo passam a ter acesso ao desenvolvimento tecnológico, que atinge, como dito no parágrafo acima, a todos os aspectos da vida humana. O progresso é o futuro e está intimamente ligado aos avanços tecnológicos, a industrialização, a urbanização, a educação entre outros.

Após tais explicações e voltando nossos olhares para a Cidade de Goiás, percebemos que havia um desejo pelo progresso na cidade, partilhado com um projeto de progresso almejado pelo país. Sobre o assunto Nars Chaul Fayad nos diz:

Deve-se ressaltar que muitos dos homens que dirigiam a política local, (...), eram bacharéis, médicos, engenheiros, farmacêuticos e outros profissionais liberais, sintonizados com o progresso e o desenvolvimento do país, pontos fundamentais a qualquer projeto de governo e ansiados por qualquer grupo, dentro ou fora do poder. Eram componentes de uma camada média urbana que, ligados ou não a grupos oligárquicos, tinham interesse no

²³ BARROS, José D’Assunção. Op. Cit. Vale salientar que nem sempre este progresso está alinhado a inclusões sociais, na ética e na supressão da desigualdade humana.

²⁴ O termo civilizar-se foi espelhado na expressão do cronista Figueiredo Pimentel “O Rio civiliza-se”. Na crônica de Luís Edmundo ele diz que: “O rio civiliza-se e civiliza-se com efeito! O progresso, que havia muito nos rondava a porta, sem licença de entrar, foi recebido alegremente”. Sobre isto Pesavento nos diz que: “O abandono dos hábitos portugueses carregava consigo o repudio do passado colonial que, no tecido rememorativo, é relembado como pitoresco e exótico. Exótico sim, porque a vocação do Novo Mundo era, sem dúvida a modernidade e o progresso, que finalmente chegaram ao progresso”. Assim, compreendemos que o progresso é o caminho para a civilização e a modernização. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit., p. 190.

²⁵ NISBET, Robert A. História da idéia de progresso. Trad. De Leopoldo José Collor Jobim. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, c1980, p. 304.

desenvolvimento econômico e na projeção política através do progresso de Goiás (...).²⁶

O progresso e o desenvolvimento da cidade eram almejados por uma parcela da sociedade estando estes ou não envolvidos com a política goiana. A importância da estrada de ferro, por exemplo, estava ligada a um elemento que proporcionaria a modernização econômica da região, permitindo transformações que atingiriam a esfera econômica e social, ela era um meio de evidenciar a aposta destes grupos no desenvolvimento e no progresso.

A estrada de ferro adentra o território goiano em 1914, o ponto final encontrava-se em Roncador, município de Urutaí. A linha-tronco da Estrada de Ferro Goiaz foi aberta a partir de Araguari, onde já estavam os trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro desde o ano de 1896. A estação de Roncador foi inaugurada em 1914 e recebeu o nome de um córrego das proximidades da estação. Permaneceu como ponta de linha por 8 anos, de 1914 a 1922 ²⁷, como podemos verificar no mapa do transporte rodoviário de 1922:

²⁶ CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Op. Cit. P. 163.

²⁷ Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efgoiaz/roncador-velha.htm>, Acesso em: 12 dez. 2013.

Sistema de Transporte

Rodo-Ferrovário (1922)

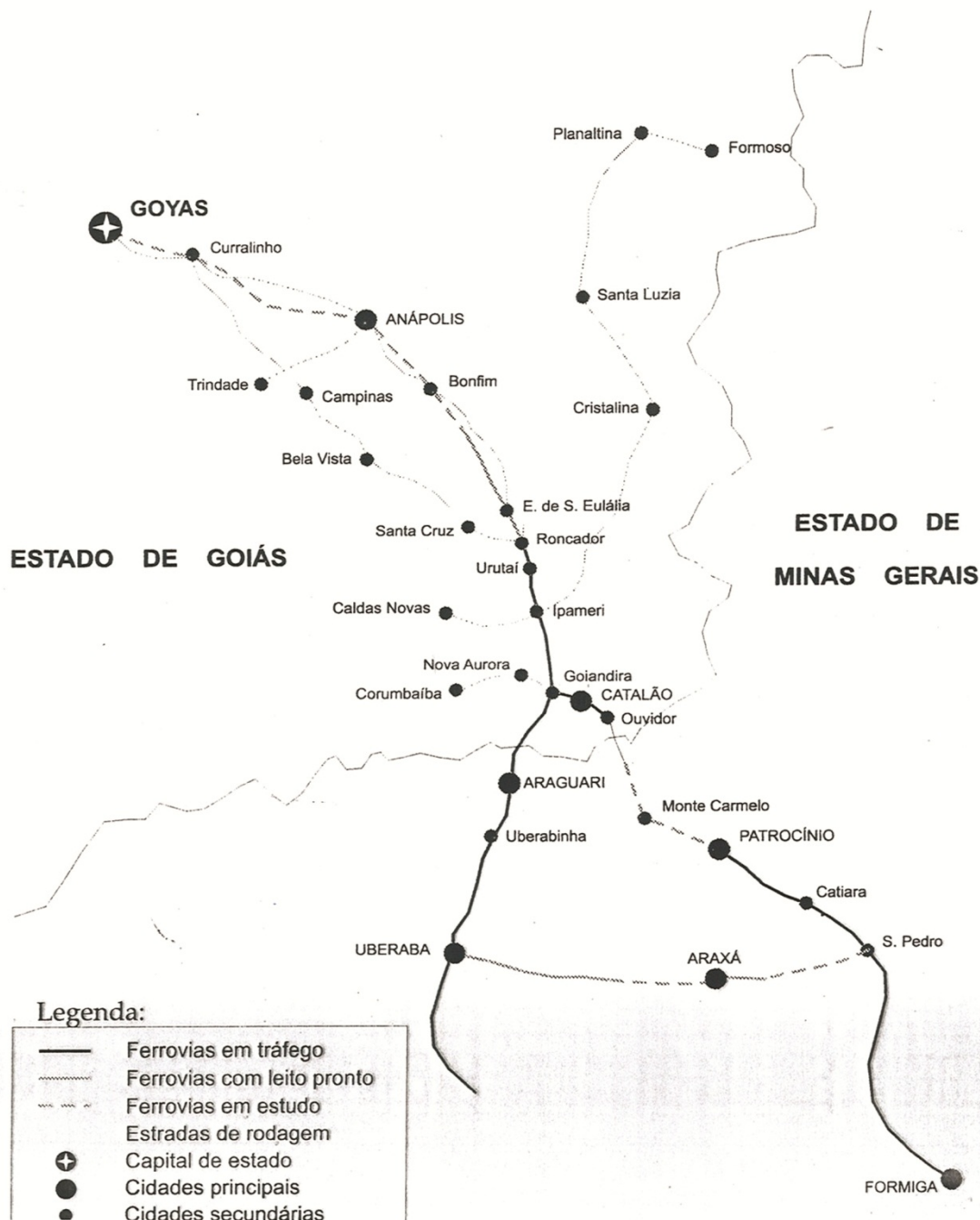


Imagem 01: Mapa do transporte ferroviário em 1922.

Fonte: ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. 2ª edição. Goiânia: Editora Vieira, 2009, p. 100.

Em 1922 foi aberta a estação seguinte em Pires do Rio. Há de se ressaltar que a estrada de ferro não chegou até a Cidade de Goiás, devido a problemas de caráter financeiro e administrativo e, também, a partir de 1930, a Cidade de Goiás passa por um processo de mudança, deixa de ser capital e a nova capital do Estado passa a ser Goiânia²⁸, tal fato contribuiu para que os trilhos não chegassem à cidade.

A Cidade de Goiás apresentava a mescla do ambiente urbano com o rural, muitas famílias viviam em suas fazendas e iam para a cidade para participar de eventos, festas religiosas entre outros, mesmo as pessoas que moravam na cidade ainda carregavam em si o passado colonial, esta situação não acontecia somente na Cidade de Goiás, em Catalão, por exemplo, a maior concentração populacional estava no campo.²⁹

No livro *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda, ressalta que a realidade da mescla do ambiente rural com o urbano é uma realidade no Brasil do início do século XX, a sociedade parte de uma estrutura colonial, a vida da colônia se originou destas propriedades, assim as cidades acabaram sendo virtualmente, ou de fato, uma dependência desta estrutura rural, havia uma marca da vida rural na formação social brasileira. O declínio da lavoura e a ascensão dos centros urbanos fez com que a sociedade rural perdesse, muito, do seu prestígio, já que novas atividades que incluíam a política, burocracia e profissões liberais, concorreram com a posição antes ocupada pelos senhores rurais. Holanda nos diz que:

E bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, a gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.³⁰

²⁸ A mudança da capital, da Cidade de Goiás para Goiânia, foi resultado de um processo político iniciado com a Revolução de 30 e ligado ao projeto do governo nacional conhecido como Marcha para o Oeste. Idealizado por Pedro Ludovico Teixeira, interventor do estado de Goiás, o projeto estava ligado ao plano político que caracterizava a Cidade de Goiás como o local do atraso e nova capital seria precursora do progresso, nas palavras de Pedro Ludovico Teixeira: “Como poderia dirigir e acionar o desenvolvimento do colossal território goiano, uma cidade como Goiás, isolada, trancada pela tradição e pelas próprias condições topográficas ao progresso.” Segundo o interventor, a marcha desenvolvimentista do Estado necessitava, assim, de uma “capital acessível, que irradiasse progresso e marchasse na vanguarda, coordenando a vida política e estimulando a econômica, ligada à maioria dos municípios por uma rede rodoviária planificada.” Goiânia simbolizaria o avesso do atraso e poderia retirar o Estado de sua atávica decadência. In: CHAUL, Nasr Fayad. *Goiânia: a capital do sertão*. Dossiê cidades planejadas na hinterlândia. Revista UFG, ano XI, nº 6, junho 2009, p. 104. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/goiania.pdf Acesso em: 15 junho 2013.

²⁹ RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva. *Sociabilidade em Catalão (GO): entre o arcaico e o moderno (1920-1960)*. 2004. 177 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia, p. 108.

³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Cia das Letras. 26ª Edição, 11ª Impressão, São Paulo, 1995, p. 82.

Neste sentido, havia uma mistura entre os valores do campo e da cidade, assim o progresso que chega a cidade passaria por um processo de adaptação aos velhos costumes e vice-versa. Sabemos que a ideia de progresso almeja o futuro e a quebra com os antigos hábitos, mas é necessário compreender as suas particularidades e as formas que se manifestou em determinados locais. Cristina Helou Gomide ressalta que:

A capital goiana – a Cidade de Goiás - vivia um ambiente específico de disputa e desenvolvimento que lhe era peculiar. (...) Dessa forma, a cidade de Goiás era, ao mesmo tempo, o passado colonial e o centro das decisões de toda a região goiana. (...) Seu espaço urbano desenvolvia seu tempo próprio, portanto, designava seu próprio progresso, suas normas peculiares aos seus referenciais de necessidades.³¹

Um exemplo das mudanças que envolveram o progresso e sua relação com os costumes e tradição da cidade são as alterações nas características arquitetônicas da Cidade de Goiás, estas já estavam relacionadas a chegada do progresso e o embate com a tradição e por esse motivo foram alvo de críticas por alguns habitantes da cidade. Ao constatar tais transformações, Regina Lacerda nos diz:

É preciso dizer, entretanto, que muitas coisas mudaram em Goiás. Com o desejo de morar mais confortavelmente, muita gente demoliu suas casas, peças harmoniosas no conjunto urbanístico da cidade e fez levantar construções novas (sem contudo adotar um bom modelo de arquitetura). Outras pessoas, seduzidas pelo modernismo, desfiguraram as fachadas de suas simpáticas residências coloniais com a abertura de um pequeno hall de entrada, que nada significa ao conforto dos seus moradores. Não ficou nem moderno, nem ao menos modernoso, mas um triste modernante.³²

As casas na Cidade de Goiás foram construídas em estilo colonial, eram coladas umas as outras, baixas e simples, em paredes-meias separando as residências como podemos observar na imagem 02. Vale ressaltar que as construções eram feitas desta forma para diminuir a incidência do sol entre as casas, uma forma de amenizar o calor característico da cidade. Eram construídas em taipa de pilão, um sistema de construção de paredes e muros de barro amassado.³³ As janelas eram feitas de madeira com guilhotina envidraçada ou com

³¹ GOMIDE, C. H. Centralismo político e tradição histórica: Cidade de Goiás (1930-1978). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999, p. 32-33

³² LACERDA, Regina. Vila Boa: história e folclore. 2ª Ed. Goiânia, Oriente, 1977. P. 38.

³³ As casas são assim classificadas: de um lanço, de dois, de três lanços, conforme a divisão interna dos cômodos. A porta da rua sempre conduz a um corredor, dividido pela “porta do meio”, e dos lados do corredor estão os quartos de dormir e a sala de visitas. Se essas dependências se situam apenas de um lado do corredor esse é o tipo de casa de “um lanço”; e se, pelo contrário, de ambos os lados, há salas e quartos, a casa é tipo “dois lanços”. A casa de “três lanços” tem divisão interna mais complicada, com o acréscimo de mais uma série de quartos à direita ou à esquerda dos primeiros. In: LACERDA, Op. cit., p. 40.

persianas móveis, nas fachadas eram usadas o caiçã, uma pintura a base de cal, como mostra a imagem 03.



Imagem 02: as casas eram coladas umas as outras

Fonte: Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979, p. 69.



Imagem 03: Portas e janelas das casas

Fonte: Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979, p.75.

Essas habitações caracterizavam a cidade colonial, que se formou no meio de serras e colinas, onde havia muitas ladeiras, com ruas irregulares e curvas apertadas.³⁴ As construções eram singelas, tanto em relação as casas quanto aos prédios públicos e igrejas. O calçamento das ruas foi feito com pedras irregulares, no tamanho e no formato, obedecendo ao sistema de águas laterais ou conservando o sistema primitivo de água central, para canalização de enxurradas, pois não havia sistema de esgoto.³⁵ Havia praças pequenas e grandes, que eram chamadas de largos ou larguinhos, recebiam nomes populares, por exemplo, Largo da Matriz, do Açougue e etc.

O Largo da Matriz, retratado na imagem 04, foi construído por escravos, no ano de 1778, e tinha a função de refrescar as pessoas que moravam na cidade. O Chafariz foi feito em pedra, com detalhes de pedra-sabão, possuía no corpo central as bicas que forneciam água a população e dois tanques na parte externa que era destinado aos animais.



Imagem 04: Largo do Chafariz (chafariz ao fundo da imagem)

³⁴ LACERDA, Regina. Op. Cit. P. 36, 37 e 38.

³⁵ Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979. P. 33.

Fonte: CRAVEIRO, J & poetas. Goyaz e Serradourada. 1911 a 1915. Goiânia: ed. do autor, 1994, p.21.

Acreditamos que estas mudanças tinham relação com o anseio de progredir, mas entravam em conflito com a tradição, essa tradição estava ligada ao conforto, ao que era conhecido, já as mudanças em prol do progresso não eram almejadas por todos, parece-nos uma mudança necessária alinhada a um projeto específico, um projeto progressista para a cidade, orientado por um grupo que tinha a necessidade de se modernizar, “talvez, para os “modernizadores”, uma bela cidade do passado, que deveria necessariamente mudar”³⁶. Com as mudanças citadas por Lacerda, os habitantes passaram a usar esquadrias de ferro e cores nas paredes externas, para a autora, que foi moradora da cidade, estas alterações desfiguraram o conjunto urbanístico da cidade. Assim as mudanças, na Cidade de Goiás, foram arquitetadas de maneiras sutis, absorvendo e combinando a modernização com a tradição. Sobre o assunto Sandra Pesavento nos diz:

Naturalmente, as concepções e juízos que se associam, à ideia do progresso são aquelas, mais caras à modernidade e que traduzem uma avaliação da necessidade e a inevitabilidade da mudança. O progresso – e com ele a transformação urbana – é entendido como inexorável, ao passo que o conceito de tradição se relaciona para a preservação dos monumentos do passado, da memória e do patrimônio cultural da cidade. Todavia, essas posturas não se apresentam como excludentes, mas sim, de forma combinada, no binômio conservação-mudança.³⁷

Em consonância com tais assertivas, parece-nos que a cidade moderna esta imbuída de características tradicionais, que pode se apresentar nas pessoas, na arquitetura ou na cultura. A aceitação de tal fato – por aqueles que não fizeram parte do projeto de progresso – foi lenta e gradual. Deste fato podemos perceber, também, a relação estabelecida entre o “velho” e o “novo”, ou seja, o “espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto é por sua vez, também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos”.³⁸ O progresso e a modernização chegam, mas não exclui o chamado “velho” e sim estabelece relações interativas que nos permitem afirmar, que não é possível separar um do outro, ao passo que novos equipamentos da modernidade chegam, as tradições permanecem e, mais das vezes, sequer se modificam, o progresso passa a ser parte integrante e/ou atuante da sociedade e suas dinâmicas. A própria manutenção do

³⁶ GOMIDE, Cristina Helou. Op. cit., p. 36.

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit., p. 181.

³⁸ Idem, p. 16.

poder de alguns grupos da sociedade nos revelam uma ideia de modernização, uma “modernização conservadora que se deu por meio da manipulação do desenvolvimento urbano e do desejo de experimentar os novos acessórios modernos (urbanização, telefone e cinema, entre outros)”³⁹.

Ou seja, a tradição e os antigos hábitos conviviam com este processo de modernização e progresso. Os comportamentos considerados arcaicos e bárbaros ainda estavam presentes na vida política e social, os grupos mais abastados da sociedade almejavam o progresso, mas sem deixar de lado as características próprias da manutenção do poder, pois como ressalta José Evaldo de Mello Doin:

Era nas câmaras municipais – e em outros espaços públicos, como teatros, hospitais e órgãos de imprensa – que os coronéis, majores, capitães e seu grupo de doutores comandavam a administração municipal, sempre associando ao racionalismo modernizante mais recente. Entretanto, a velha arte de **sociabilidade cordial e do mandonismo** não era abandonada (como comprova o uso corrente de patentes), bem como não eram deixadas de lado as práticas de jagunçagem, presentes nas tocaias, no esquentamento de documentos de propriedade e na formação de condomínios da violência pelos agentes do Estado e pelos grupos privados detentores de poder nos municípios.⁴⁰ (Grifo nosso)

Assim, a necessidade do progresso e a manutenção do poder através da “sociabilidade cordial e do mandonismo” convivem no momento em que se encontram. Havia o desejo de novos marcos para a cidade, seja no âmbito arquitetônico, urbano ou cultural, mas os velhos hábitos ainda permaneciam.

Sendo assim, para compreender como o processo de progresso e modernização se apresentou na Cidade de Goiás é necessário investigar as transformações urbanas que ocorreram na cidade e os novos acessórios do mundo moderno que chegaram até ela.

³⁹ DOIN, José Evaldo de Mello et al. Op. cit., p. 93.

⁴⁰ DOIN, José Evaldo de Mello et al. Op. Cit. P. 97.

1.2 – “É este incontestavelmente um grande melhoramento, que virá concorrer para o nosso progresso”

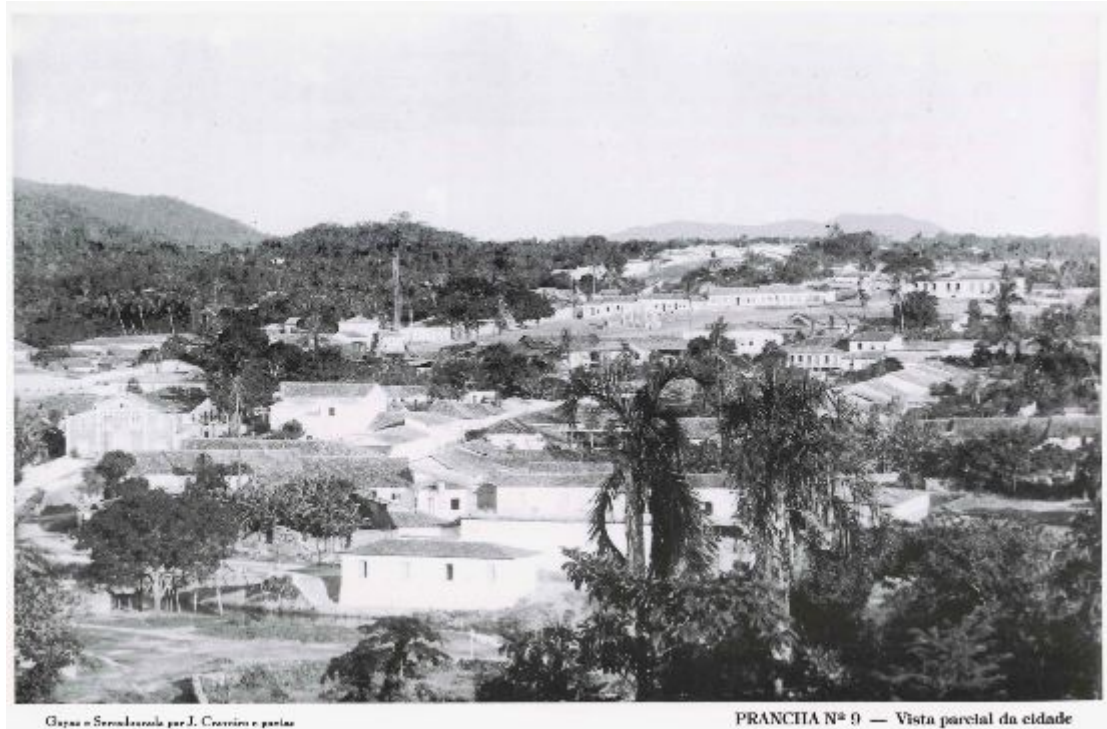


Imagem 05: Vista parcial da Cidade de Goiás, início do século XX.

Fonte: CRAVEIRO, J & poetas. Goyaz e Serradourada. 1911 a 1915. Goiânia: ed. do autor, 1994, p. 40.

Ao lançarmos olhares para a infraestrutura urbana da Cidade de Goiás verificamos que as alterações urbanas realizadas na cidade podem nos mostrar as necessidades e anseios dos grupos locais e também da administração pública em prol do progresso. A imagem acima nos mostra uma cidade marcada por características coloniais, características estas que deveriam ser modificadas, pois o espaço urbano se torna um local da experiência tanto política como social e nos mostra a intenção da ordenação do local que se almejava construir.

Sendo assim, a procura de uma ordem para o espaço urbano estava ligada a um ideal de progresso, percebido também nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo. Nos grandes centros as alterações urbanas estavam ligadas a chamada *Belle Époque Brasileira* que começou no fim do Império e perpassou pela Primeira República. Foi um momento de mudanças sociais e alterações na paisagem urbana, inspiradas na *Belle Époque*⁴¹

⁴¹ A Belle Époque ocorreu na Europa entre de 1871 até 1914. Considerada uma era de ouro da beleza, inovação e paz entre os países europeus. Novas invenções tornavam a vida mais fácil em todos os níveis sociais, e a cena

ocorrida na Europa, um momento no qual foram introduzidas novas formas de pensar e viver no cotidiano das cidades. A sociedade moderna era apresentada a partir de suas cidades, da urbanização e das transformações sociais, a urbanização se torna uma necessidade. Sendo assim as cidades passaram por alterações em sua infraestrutura (eletricidade, água encanada, esgotos) e, também, nos seus equipamentos urbanos (educação, saúde, transporte).

Sendo a modernização o “processo de desenvolvimento social cujas características principais seriam os avanços tecnológicos, a industrialização, a urbanização” entre outros, o processo de transformação vivido por algumas cidades brasileiras estava ligado ao desejo de ser moderno e de “dar ao presente a qualidade específica que o faz diferente do passado”⁴². Almejar o progresso era almejar a modernização, caminhavam lado a lado no desejo da construção de uma sociedade moderna.

A Cidade de Goiás encontrava-se distante dos referenciais adotados para explicitar transformações progressistas, como por exemplo, ter em seus limites a estrada de ferro, mas, por outro lado, percebemos na sociedade goiana características que aproximavam das nuances comuns à *Belle Époque*, o “gosto pelo moderno e por toda a materialidade e simbolismo que envolviam e que eram experienciados na Europa”⁴³ encontrados nos modos de falar, nas casas de comércio, nos termos em francês utilizados no jornais e em reuniões familiares, além dos aparatos modernos trazidos para a cidade, como o teatro, cinema, luz elétrica entre outros.

De acordo com José Evaldo de Mello Doin esse processo de transformação se inicia, no interior do país ainda no século XIX:

Por volta de 1852, vilazinhas e lugarejos localizados na porção interiorana do país eram tomados por uma avalanche de transformações. O que poucos anos antes eram apenas parques aglomerado de casebres, anônimos, insignificantes, entregues à modorra sonolenta da rotina, num repente acordavam, tomados de pressa ingente para entrar no bonde da história e atingir as *benesses* do *progresso*.⁴⁴

Nessas transformações, citadas por Doin, verificamos a chamada “*Belle Époque* caipira constituída especialmente pela ação de uma elite desejosa de modernizar-se”. Assim,

cultural estava em efervescência: cabarés, o cancan e o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. A Belle Époque foi representada por uma cultura urbana de divertimento incentivada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte.

⁴² TOSTES, Simone Parrela. Arquitetura, Modernização, Modernidade e Modernismo: os significados do moderno. Revista Interpretar Arquitetura, Ed.14, 2009. P. 1. Disponível em: http://www.arq.ufmg.br/praxis/textos/simone_IA1.pdf. Acesso em: 01. Dez. 2013.

⁴³ DOIN, José Evaldo de Mello et al. Op. cit., p. 94.

⁴⁴ Idem, p. 95.

“lugarejos cresciam e tomavam forma de cidades, (...) um verdadeiro admirável mundo novo, que mesclava sem possibilidades de separação o arcaico e o novo”⁴⁵. Octo Marques, autor do livro *Colcha de Retalhos – casos e crônicas*, em seus relatos sobre o tempo que morou na cidade nos deixou sua visão sobre o processo de modernização que passou a Cidade de Goiás:

Consentiram, de uns anos a esta parte, que ampliasse por aqui o reinado da taxicomania, manobrada, tão sinistra dinastia, tanto por fora como por dentro de nossa coletividade humana, sob o manto protetor de uma burguesia coronelesca.

Pensavam muitos deles, há uns tempos não muito distantes, transformarem Vila Boa numa cidade ultramoderna, aparentemente suntuosa, arrojadamente incluída no rol imobiliário de suas congêneres do sul e sudoeste do nosso Estado, sem mais ostentar quaisquer ranços do colonialismo lusitano de outrora.⁴⁶

Havia por parte dos grupos mais abastados da sociedade o desejo de se modernizar, procuravam atingir os benefícios que o progresso traria para a cidade. A intenção desses grupos era eliminar o arcaico e ir rumo ao mundo moderno, na tentativa de competir com as cidades que estavam neste caminho, mas o que percebemos é que o novo não substituiu o velho e sim interagiu com ele. As alterações urbanas e manifestações de ordem cultural presentes na Cidade de Goiás são um exemplo disto.

O processo de modernização das cidades brasileiras teve características diferentes em cada local, não podemos generalizar ou deixar que economia ou alguns aparatos da modernidade determinem o que é atrasado e o que é moderno, pois embora os grandes centros tenham sido a referência do que é moderno, este moderno adquiriu características diferentes nos diversos lugares em que se manifestou.

Segundo Marshall Berman, “a interpretação da tensão entre o que é herdado e o que é modificado é que empreendemos uma interpretação da modernidade em conformidade com os poderes e saberes que definem e constituem os espaços locais.”⁴⁷. A partir da assertiva entendemos que o processo de modernização da cidade deve ser compreendido de acordo com a possibilidade presente em cada lugar, pois no local/cidade em que o desejo pelo progresso esta presente e a modernização atuante que podemos interpretar as relações que são estabelecidas naquele espaço.

Esse processo de modernização pode ser percebido de várias formas, colocá-la em apenas uma possibilidade de interpretação seria um erro, pois, “a cidade é objeto de múltiplos

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ MARQUES, Octo. *Colcha de Retalhos – casos e crônicas*. Goiânia: Editora da Ufg, 1994, p. 77.

⁴⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Companhia das Letras, 1990, p. 109.

discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros”.⁴⁸ Romper com a tradição, com velhos hábitos, não significa ser moderno, a união do velho com o novo que gera uma nova possibilidade de modernidade que pertence à cidade e as pessoas que nela vivem. Assim entender que o processo de modernização, “vai além de rígidas polarizações e totalizações achatadas.”⁴⁹ Segundo Jeffrey Needell: “(...) não há como negar a ocorrência de mudanças no período, mas a persistência de estruturas douradoras, adaptadas a circunstâncias instáveis, talvez seja o dado mais importante”⁵⁰, sendo assim, para além de comparar as mudanças ocorridas na cidade com as demais que passavam pelo mesmo processo, devemos perceber as adaptações surgidas entre as estruturas do passado e as alterações ocorridas na cidade, o dado mais importante é a interação surgida entre estas duas instâncias.

Percebemos que as preocupações em torno do progresso na Cidade de Goiás, se apresentavam através das melhorias com obras públicas, serviços urbanos e nos códigos de posturas, direcionados ao ambiente no qual viviam, pois “aos olhos dos que idealizavam a cidade moderna industrial, a Cidade de Goiás distanciava-se dos preceitos do que se poderia considerar atrativo”⁵¹. Para os idealizadores de tais mudanças as reformas urbanas trariam um novo padrão de vida para a cidade, era necessário criar um novo traçado urbano, pautado na estética, na higiene e na técnica.

A partir de meados do século XIX já percebemos a necessidade de uma ordenação das medidas sanitárias da cidade, em 1825 foi criado o *Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara*, que estava consoante com medidas adotadas pelo governo central que era a instalação de hospitais em todas as capitais do império.⁵² Segundo Cristina Helou Gomide⁵³ a questão da higiene também era alvo de mudanças, em 1859, foi criado o *Cemitério Público de São Miguel*, antes da criação do cemitério os enterros eram feitos na Igreja - o que passou a ser discutido como um problema de higiene, pois um espaço público necessitava de higiene, pois a falta deste poderia causar danos à saúde da comunidade. Na Cidade, tais medidas surgiram com o intuito de implantar formas higiênicas e de regularização de vida para as

⁴⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit., p. 9.

⁴⁹ BERMAN, Marshall. Op. cit., p. 35.

⁵⁰ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 42.

⁵¹ GOMIDE, Cristina Helou. Op. cit., p. 67.

⁵² SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Saúde e doenças em Goiás (1826-1930)*. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org.). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

⁵³ GOMIDE, Cristina Helou. Op. cit.

várias camadas da população, criando assim um espaço “correto” para uma capital. Este espaço era garantido pelas famílias locais que, também, algumas delas compunham os grupos políticos, possibilitando a composição do cenário ideal, pois de acordo com Sandra Jatahy Pesavento: “a modificação do espaço de uma cidade, dando a ela uma feição, contém em si um projeto político de gerenciamento urbano em sua totalidade”. Assim, as medidas eram tomadas ao ambiente urbano em geral, podemos verificar no exemplo a seguir a preocupação com a higiene da cidade:

Cabras e Cães

Escrevem-nos:

E’ uma sabia, salutar e moralizadora medida a tomada pela ultima lei votada pelo Conselho Municipal, prohibidade que se criem cabras nas ruas da cidade com ofensa a todas as arvores e plantas e o decoro público.

A lei é uma reprodução das posturas municipaes.

O espectáculo que nos dava esses animais em certas épocas, era revoltante e indigno de uma Capital, só tolerado pelo habito inveterado desta população, que nascia, criava-se e crescia espectadora de taes actos, sem prestar-lhes attenção sem medir-lhes o alcance.⁵⁴

Verificamos nessas modificações as necessidades e anseios da administração local e para qual caminho a cidade foi levada, as intenções relativas à estrutura da cidade no intuito de torná-la uma cidade que apresentaria padrões modernos são evidenciadas no código de posturas municipais. Uma capital não poderia conviver com animais nas ruas que deixavam seus dejetos causando mau cheiro e problemas para os que transitavam nas ruas, principalmente para os visitantes, pois, segundo o redator do jornal, somente a população da cidade suportava tal situação por já estavam acostumados.

As normas atingiam, além, das questões de higiene e serviços urbanos, também, a organização da sociedade, como a retirada de pessoas das ruas que eram consideradas inconvenientes para o grupos mais abastados da sociedade, como podemos verificar na *Mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado de Goyaz*, pelo Dr. Olegario H. da Silveira Pinto, em 13 de maio de 1914:

Azylo de S. Vicente de Paulo

Tenho sempre grande contentamento quando visito o Azylo de S. Vicente de Paulo. A instalação dessa casa de caridade, única e exclusivamente devida aos esforços de um grupo devotado de goyanos, fez com que

⁵⁴ Jornal Goyaz, nº 1101, 5 de fevereiro de 1910, p. 2.

desaparecessem por completo das nossas ruas grande numero de mendigos de ambos os sexos.

O intuito era criar uma imagem da Cidade e também garantir a limpeza visual do ambiente urbano, o *Asilo de São Vicente de Paulo*, foi criado justamente para isto, era um local de assistência social, onde ficavam pessoas que tinham doenças não contagiosas e também um local para o confinamento dos idosos pobres. A aglomeração de pessoas consideradas “indesejáveis” no espaço público era considerado uma ameaça para isto era necessário um controle social, feito a partir de reformas que alteravam o quadro de posturas da sociedade, tanto sanitárias quanto sociais. No Rio de Janeiro, por exemplo, o “bota abaixo”, no início do século XX, foi o despejo das pessoas dos cortiços que eram considerados locais de doenças, bandidos e violência, o objetivo era derrubar as velhas construções e transformar o local em uma região limpa, própria de uma burguesia. Essas medidas foram baseadas nas praticas feitas em Paris, que remodelou a capital francesa 30 anos antes do ocorrido no Rio de Janeiro.

A própria configuração da estrutura das ruas da cidade permite-nos perceber como era organizada a sociedade. A Cidade era composta por becos, largos e ruas principais, os becos⁵⁵ eram construções que facilitavam o acesso às ruas, geralmente surgida entre os quintais das casas, funcionava também como local de depósito de tudo que a sociedade desejava evitar. Os largos, que eram as praças da cidade, eram ligados as ruas principais, onde viviam as famílias da sociedade. “A cidade de Goiás era constituída por uma sociedade em que o mundo oficial era ditado pelas práticas conservadoras, das famílias que residiam nos largos e ruas principais, que elegeram os becos como locais dos segregados”.⁵⁶ Aos marginalizados não era permitido a participação entre a sociedade, dos locais, no qual eram confinados, só poderiam sair para lugares específicos, para o *Hospital São Pedro de Alcântara*, para o *Asilo São Vicente* e para o *Cemitério São Miguel*, segundo Clóvis Carvalho Brito a sociedade da Cidade de Goiás destinava aos pobres “ o confinamento nos becos, nos hospitais e asilos ou a morte, formas eficazes de evitar, silenciar e esconder os indesejáveis”.⁵⁷ Os becos da Cidade de Goiás foram evidenciados na poesia de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas que foi moradora da

⁵⁵ De acordo com Clóvis Carvalho Brito originalmente os becos teriam a função de atender a um número restrito de residências como acesso de serviço. Formados por detrás das ruas principais, funcionavam urbanisticamente como solução para a existência das extensas quadras e entrada de serviços e animais. Os becos ligavam ruas e eram ladeados pelos muros dos quintais e, em algumas situações, tinham a função de escoamento das águas de rios e córregos. BRITO, Clóvis Carvalho. Das cantigas do beco: cidade e sociedade de Cora Coralina. Sociedade e Cultura: revista de ciências sociais, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 115-129, Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70310110>. Acesso em: 10.ago.2013

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Ibidem, p. 13.

cidade, mais conhecida como Cora Coralina, no poema Becos de Goiás ela diz: “Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos...mal afamados/onde família de conceito não passava. “Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.”⁵⁸

Neste sentido entendemos que o espaço urbano nos permite compreender o mundo e as relações estabelecidas no local, pois o traçado de ruas e praças são, sem dúvida, o registro físico de uma cidade, mas também, são um modo de pensar sem linguagem. O espaço é portador de um significado, imbuído de moral, de valores e de ideologia, que é possível por haver uma relação entre a forma física e as relações sociais.⁵⁹

Na busca por uma cidade que apresentasse os parâmetros de progresso e modernização o setor administrativo da Cidade buscava por melhorias, em todos os níveis, inclusive, na educação, pois os velhos hábitos de socialidades denunciavam um povo que não era civilizado, denunciavam a barbárie e a ignorância e também ofendiam a estética da cidade, um retrocesso em relação as benfeitorias que estavam ocorrendo no espaço urbano, assim incentivar a educação era considerado como forma de elevação do espírito e dos princípios morais da sociedade, saindo da barbárie e entrando na civilização.⁶⁰ Na *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz*, em 13 de maio de 1917, pelo Coronel Joaquim Rufino Ramos Jubé, percebemos que a educação é um sinal de progresso da sociedade:

Instrução publica primaria

Apezar das dificuldades com que lucha o nosso Estado pela distancia em que se acha dos centros civilizados, nem por isso em comparação com a de outros irmãos mais favorecidos, a nossa instrução primaria se acha em plano superior, signal esse evidente de que o povo goyano aspirar evoluir e progredir, acompanhando as outras Unidades da Federação.

Entendemos que era importante participar dos costumes “civilizados” das demais regiões brasileiras. O progresso era almejado em todas as suas formas, fosse na educação, no comércio, nas alterações urbanas ou na simples adoção dos hábitos existentes nas cidades ditas civilizadas.

Percebemos que havia a preocupação com a elaboração do espaço urbano, novos empreendimentos e consertos dos edifícios públicos era uma preocupação da administração estadual e local, como podemos verificar no relatório do secretário de obras públicas para o governo do Estado:

⁵⁸ Vila Boa de Goiás. Op. cit., p. 21.

⁵⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. cit., p. 15 e 16.

⁶⁰ Idem.

Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Cel. Aprigio José de Souza, Presidente do Estado de Goyaz, pelo Dr. Agenor Alves de Castro, Secretário de Estado dos Negócios de Instrução, Industrias, Terras e Obras Publicas.

d) concertos em vários edifícios públicos, taes como: Palacio do Governo, Lyceu Goyano, Enfermaria da policia, Secretaria de Instrucção, Casa da Carioca, Cadeia Publica & Na estrada do Norte estão sendo feitos orçamento de vários serviços, algum dos quaes já estão concurrencia. (...) Até junho próximo, deverá ser installado nesta Capital um centro telefônico official no Palacio do Governo com ligações para todas as repartições publicas.⁶¹

As medidas tomadas pelo governo em relação à estruturação urbana se apresentam como benéficas para toda a população da cidade, mas é necessário compreender que elas, principalmente, atendiam a necessidades políticas e também beneficiavam os grupos dominantes que se valiam dessas melhorias urbanas.

Os jornais anunciavam as transformações da cidade em prol do progresso, sabemos que estes veículos de informação eram espaços de poder onde as notícias serviam para demonstrar a ordem e o progresso almejados pela administração local e que tanto faziam gosto de tê-los.

Consoante com tal fato o advento da luz elétrica, na Cidade de Goiás, estava ligada ao progresso almejado para a cidade e também por questões econômicas e políticas, para a capital era importante contar com este benefício da vida moderna. Vale ressaltar que a partir de 1848 as ruas receberam iluminação a querosene. A luz elétrica foi inaugurada em 1920, “patrocinada” pelo Coronel Joaquim Guedes Amorim. Na mensagem enviada ao Congresso legislativo do Estado de Goiás, no dia 13 de maio de 1918, o Presidente do Estado João Alves de Castro, informa que foi firmado contrato com Joaquim Guedes Amorim, pela empresa *Guedes, Ratto & Companhia*:

Iluminação Publica

De conformidade com a autorização contida na Lei 553 de 16 de julho de 1917, entrei em accordo com o Município da Capital para poder o Estado executar os serviços de iluminação electrica, água e exgotos nesta cidade. Mediante concurrencia, largamente divulgada, foi, no dia 2 do corrente, acceita a proposta mais vantajosa devendo ser lavrado contracto com o cidadão Joaquim Guedes Amorim para a execução do serviço relativo a iluminação.

⁶¹ Jornal “Correio Official”, 25 de setembro de 1917, numero 136, pg. 1-2.

A capital não foi o primeiro local do Estado a receber o benefício da eletricidade, entre os anos de 1914 e 1915 a cidade de Curralinho, hoje conhecida como Itaberaí, já possuía edificações com iluminação a acetileno feito por meio de 30 lâmpadas, enquanto a Cidade de Goiás ainda era iluminada a querosene, na Prefeitura eram colocados pequenos lampiões a cada cem metros.⁶²

O equipamento para a instalação da eletricidade foi obtido em São Paulo, no ano de 1918, e a compra foi informada ao governo da Cidade de Goiás por telegrama pela empresa responsável de tal tarefa.⁶³ Da data da assinatura do contrato até a viabilização e oferta da energia elétrica, embora estivesse prevista para o prazo de um ano e seis meses, somente ocorreu no ano de 1920 devido a atrasos no recebimento do material. A notícia do jornal Correio Oficial traz a solicitação, feita em 2 de fevereiro de 1920, de prorrogação da inauguração da luz elétrica na cidade

Nos autos abre pedido para a instalação da luz electrica na Capital, requerido pelos concessionários Guedes, Ratto e Cia: A alegação de fls. 39, expondo a dificuldade em que se encontra a Empresa com a demora do recebimento do material encomendado, poderia apenas determinar mais uma prorrogação do prazo para a inauguração dos serviços de iluminação, dos termos de seu contracto.⁶⁴

Tal solicitação foi indeferida e a mesma deveria ser refeita a Secretaria de Obras Públicas. Em fevereiro de 1920, outro problema foi verificado, com a instalação do equipamento foi encontrado um problema no motor que impedia o fornecimento da luz e novo prazo foi solicitado, a energia só foi inaugurada em edifícios públicos e em casas no qual o serviço foi contratado, a iluminação pública foi adiada devido ao defeito do motor. Vale ressaltar que na Cidade a eletricidade era produzida por vapor e quando a iluminação atingisse quatro mil e quinhentas lâmpadas era obrigatória a mudança para energia hidrelétrica. O governo era responsável pelo pagamento da iluminação pública das ruas e dos edifícios estaduais, para as casas dos residentes na cidade havia um preço estipulado de acordo com a quantidade de velas em cada lâmpada. A empresa era obrigada a fornecer energia às residências em todo o perímetro da capital onde houvesse iluminação pública.⁶⁵

⁶² FERREIRA, Joaquim Carvalho. Presidentes e Governadores de Goiás. Coleção Documentos Goianos 5. Goiânia: Editora da UFG, 1980, p. 95

⁶³ Jornal Correio Oficial, 24 de agosto de 1918, nº 184, p. 8.

⁶⁴ Idem, 14 de fevereiro de 1920, nº 259, p. 1.

⁶⁵ Dados retirados do contrato entre o governo do Estado e a empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica disponível no Relatório dos presidentes dos Estados Brasileiros 1891 a 1929. Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz pelo Presidente do Estado Dezenbargador João Alves de Castro, Na 2ª sessão da 8ª legislatura, em 13 de maio de 1918.

Face à inauguração da luz, que ocorreu em abril de 1920, a imprensa local notificou em seus jornais a novidade que chegava a cidade. No jornal *Correio Oficial de Goyaz*, temos a notícia informando sobre a inauguração oficial da luz elétrica na cidade:

Luz electrica

Realizar-se-á hoje, ás 18 horas, a inauguração oficial da luz electrica nesta Capital e na povoação do Bacalhaó.

É este incontestavelmente um grande melhoramento, que virá concorrer para o nosso progresso.

O acto revestir-se-á de grande solenidade, devendo assistil-o todas as autoridades do Estado.

Só quem conhece as dificuldades de comunicação com que luctamos, é que pode avaliar o que representa a realização de tão importante desideratum.⁶⁶

Percebemos que a notícia ressalta a importância do benefício da luz elétrica para a cidade, sendo um fator importante para impulsionar o progresso. É tamanha a importância que, segundo o jornal, o ato terá grande solenidade e contará com a presença de autoridades do Estado. A luz elétrica era vista como uma importante aspiração realizada, ao nosso ver, o jornal ressalta que as dificuldades de comunicação entre a cidade e outras localidades do país existia, mas não era por esse motivo que obras importantes deixavam de ser realizadas na cidade.

Nesse mesmo ano, da inauguração da energia elétrica na cidade, chegou o primeiro automóvel. O carro pertencia a José Brom, um caixeiro-viajante, nessa época ainda não havia estrada de rodagem que chegava a cidade, – a primeira estrada de rodagem só foi construída em 1921 e ligava a Cidade de Goiás ao ponto terminal da estrada de ferro na estação de Roncador – assim o carro chegou pelas estradas de terra. Segundo Octo Marques, o carro era da marca *Studebaker*, com capota de lona e capacidade para seis passageiros. Na chegada, o carro, ficou estacionado ao lado da Cruz do Anhanguera, junto a ponte da Lapa. Houve comemorações com foguetes, aplausos e banda de música.⁶⁷ O automóvel era uma grande novidade para a maioria dos habitantes da cidade, por isso a sua chegada foi comemorada.

Os benefícios que chegaram a cidade não atingiram, entretanto, o sistema de esgoto e fornecimento de água da cidade, segundo Orfélia Sócrates do Nascimento, autora do livro *Reminiscências – Goiás de Antanho*, não havia água encanada e nem esgoto, por volta de

⁶⁶ Jornal *Correio Oficial de Goyaz*, nº 268, 17 de abril de 1920, p. 9.

⁶⁷ MARQUES, Octo. Op. cit., p. 67.

1910, a água para consumo era retirada dos chafarizes, revelando a pouca higiene do produto consumido:

Para se beber, a água vinha da Carioca, chafariz de água límpida, mais pura que a do imponente chafariz do Largo e a dos outros existentes na cidade. Por ficar mais afastado da parte central, sua condução custava mais caro que a dos outros chafarizes. Em toda casa a água de beber ficava na sala de jantar, em cantoneira pregada na parede. Junto do pote, na cantoneira, ou pendurada em prego, estava sempre bonita caneca esmaltada destinada a tirar a água de dentro dele. Isso não era nada higiênico porque as pessoas, principalmente as crianças, enfiavam também na água, a mão que segurava a caneca.⁶⁸

Já em 1920, de acordo com o relato de Octo Marques havia na cidade cisternas públicas escavadas que supriam de água a população.⁶⁹ Vale ressaltar que, entre os melhoramentos buscados por uma cidade que almeja o progresso, houve a tentativa de dotar a capital com um sistema de esgoto, na *Mensagem apresentada ao Congresso em 13 de maio de 1928*, pelo Sr. Dr. Brasil Ramos Caiado, então governador do Estado, foi publicado um edital para a arrematação do serviço de fornecimento de água e a construção de uma rede de esgoto na Capital. Também consta na mensagem que se não houvesse nenhum candidato para realizar o serviço o próprio governo efetuar a tarefa. Os serviços não foram realizados nesta época e consta que, até a década de 1960, as únicas cidade que contavam com o abastecimento de água e esgotos sanitários, eram Goiânia e Anápolis.⁷⁰

Este fato evidencia que as ações modernizadoras não atingiram todas as instancias do espaço urbano, mas uma parcela deste espaço foi modificado e recebeu benefícios que possibilitaram participar do progresso almejado. Não podemos considerar que toda a sociedade usufruiu desses melhoramentos ou até mesmo apoiaram tais transformações, acreditamos que os embates entre o progresso e a tradição estavam centrados nas relações sociais entre aqueles que almejavam e aqueles que consideravam o progresso desnecessário. Até mesmo para os idealizadores de um projeto em prol do progresso os hábitos tradicionais estavam imbuídos, como ressalta Chaul, a vida cultural das famílias goianas tradicionais “estava inserida num contexto que ia do francês à opera, da fazenda ao diploma de curso superior, do berrante ao apito do trem”⁷¹

⁶⁸ MONTEIRO, Orfélia Sócrates do Nascimento. *Reminiscências: Goiás de antanho, 1907 – 1911*. Goiânia: Oriente, 1974. P. 21-22.

⁶⁹ MARQUES, Octo. Op. Cit. P. 80 e 82.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.saneago.com.br/site/?id=historico&tit=historico>. Acesso em: 22 Dez. 2013.

⁷¹ CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Op. Cit. P. 163-164.

Assim para compreender as dinâmicas dessa sociedade é necessário investigar suas manifestações sociais e como os habitantes agiam nesse espaço urbano.

Capítulo 2 – A Cidade de Goiás e as manifestações sociais

*Goiás da prosa no banco da praça
Do Coreto, da Matriz
Cidade dos passos lentos
Da vida devagar
Onde ainda se conversa debruçado na janela
Onde ainda se conversa nas portas dos casarios
Onde ainda se conversa*

(Poema a Velha Goiás, <http://joaoadolfoamaral.wordpress.com/2008/04/22/>)

2.1 – “A velha Goiás ainda conserva os traços da época em que refulgiu e apenas toma nuance modernista”

Para entender a cidade é preciso compreender o que lhe traz sentido, os “cenários dos cidadãos, às ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e as sociabilidades que nesse espaço tem lugar”.⁷² A cidade é construída pela ação dos homens e criada e recriada por eles. As relações construídas nas cidades representam os sonhos da comunidade que projetaram no espaço vivido as suas utopias.

Assim, é importante estabelecer diálogos que, de um modo ou de outro, apresente-nos perspectivas e/ou reflexões que corroborem para a urdidura de um panorama social da Cidade de Goiás. Nesse sentido, travamos diálogos com obras de diversos autores que se debruçam sobre a história da cidade, além de livros de memória e registros familiares.

Regina Lacerda, autora do livro *Vila Boa: História e folclore*, apresenta-nos, de modo bastante descritivo e elogioso, um panorama das relações culturais e sociais da Cidade de Goiás. A referida autora procura trazer à tona os costumes e atividades dos habitantes da cidade desde os seus primórdios até o século XX. Ao avaliar as perspectivas morais, e como essa rege as interações sociais dos habitantes, Lacerda afirma: “nada perturba a paz que envolve os habitantes de Vila Boa. Sua gente é ordeira, pacata e hospitaleira; conservadora e essencialmente católica; de costumes severos; romântica. (...) Guarda tradições e conserva princípios”⁷³ Essa imagem de uma sociedade quase idílica, que apresenta características que primam, sobretudo, pela manutenção da ordem social presentes nas crônicas e memórias, parece reforçar o caráter conservador desta sociedade. Como contraponto a essa visão idealizada, Ondina de Bastos Albernaz⁷⁴, que foi moradora da cidade, relata em seu livro de memórias que a sociedade goiana era fechada e preconceituosa, “nos bailes em palácio ou em saraus, intensa discriminação. (...) Homens empertigados, em grande estilo, envergando fraque ou casaca, cheios de planos para o futuro e maldizendo o presente”. Tomando por base que alguns grupos da sociedade goiana apresentam-se com caráter bastante conservador, parece-nos que, ao que tudo indica, as práticas desenvolvidas na cidade envolviam um grupo específico (que atendesse aos interesses dos que desejavam a manutenção da ordem e do poder) deixando pouco espaço para que o restante da população (ou outros grupos) participasse.

⁷² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op. Cit. P. 10.

⁷³ LACERDA, Regina. Op. Cit. P. 36.

⁷⁴ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. *Reminiscências*. Goiânia: Kelps, 1992. P. 20.

Nas diversas obras sobre a história de Goiás é ressaltado a distancia da capital, Cidade de Goiás para os grandes centros urbanos. Por outro lado, parece-nos que esta questão não era um empecilho para a manutenção das necessidades da sociedade goiana. As casas comerciais *Alencastro Veiga, Cristiano de Moraes, Manoel de Souza, Sebastião Camargo, Felipe Batista e Francisco da Cunha Bastos* vendiam uma grande variedade artigos importados. Nesse ínterim, artigos e peças estrangeiras chegavam a cidade conforme descrito por Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues, em seu livro *A modinha em Vila Boa de Goiás*:

Goiás, apesar da distância, manteve contato com o comercio estrangeiro e, através dos “cometas”, encomendavam peças de cristal tcheco, porcelanas inglesas e chinesa, prata portuguesa, seda e outros. A mercadoria chegava em “carro de boi” vinda do porto do Rio de Janeiro ou subia pela navegação do Araguaia, aportados em Belém do Pará.⁷⁵

Percebemos que havia um mercado na cidade para o consumo de artigos considerados de luxo, tal fato evidencia o gosto pelos produtos “de fora”, fosse através dos cometas, pelo carro de boi ou pela navegação esses produtos chegavam e abasteciam o comércio da cidade. Tal fato é passível de compreensão quando verificamos que a sociedade goiana além de apreciar os costumes de fora ainda estava ligada a um passado que permitiu gozar de certo luxo, pois segundo Ondina de Bastos Albernaz nas festas “era constante a presença de damas empavonadas, agarradas ao que sobrou do seu cabedal abastado, de ouro e senzala”⁷⁶. Essa ligação com tempos áureos do passado demonstra que havia a necessidade, por parte dessas pessoas, em consumir o que de melhor havia no comércio da cidade, de manter um padrão alto e diferenciá-los do restante da sociedade.

Não podemos deixar de ressaltar que havia um comércio pequeno, eram pequenas vendas que funcionavam nas salas das residências dos proprietários. Estas vendas disponibilizavam panelas, potes de barro, pingas frutas, cereais, colher de pau, vassoura e guloseimas, alguns destes artigos eram produzidos pela própria família do proprietário.⁷⁷ Octo Marques ressalta em suas crônicas que seu pai era proprietário de uma venda como as citadas acima, nela havia frequentadores o tempo todo e funcionava de manhã até a tarde. Em seu relato percebemos que este tipo de venda era frequentada por pessoas mais simples, por exemplo, funcionários da família Caiado: “constantemente, nela estava o “seu” Mané,

⁷⁵ RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. *A modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia, Ed. Da Universidade de Goiás, 1982, p. 44.

⁷⁶ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. Op. cit., p. 27.

⁷⁷ Idem.

bebericando a caninha e contando potocas, (...) Mané trabalhava para os Caiado e dizia-se, geralmente, que ele era muito bom de serviço, executando tudo que eles mandassem”⁷⁸.

É interessante, porém, notar que os mesmos habitantes que cultivavam uma cultura e características dos grandes centros urbanos, na busca de uma vida cosmopolita, também, apresentavam manifestações/práticas de simplicidade com – características populares. Como podemos perceber na passagem a seguir:

É interessante observar que, apesar dos vilaboenses terem adquirido valioso desenvolvimento cultural, permaneceram vinculados a procedimentos que são próprios, de uma maneira geral, do povo. As pessoas atingiam um certo destaque mas continuavam com sua vida simples de antes, como Dr. Pedro Pinheiro de Lemos que foi um respeitado juiz e continuava sendo o excelente ourives. (...) Domingos Gomes D’ Almeida, próspero comerciante que trouxe o primeiro cinema para Goiás em 1909, era o fogueteiro. As irmãs do Cônego Rêgo de Carvalho, eram doceiras.⁷⁹

Diante das assertivas de Rodrigues, parece-nos que no mesmo processo onde a sociedade almejava os chamados hábitos modernos, os habitantes não perdiam as características próprias da cidade, “o viver se apresenta de forma dualista, porque não dizer paradoxal, um querer moderno, fazer parte do novo, mas sem perder de vista as referências com o antigo universo, para não cair num caos de ausência de identidade.”⁸⁰ Desse modo, ainda que existisse um projeto que vislumbrava transformação em diversas instancias da sociedade, as tradições eram mantidas – mesmo com a vontade (ou com necessidade) de alinhar-se às sociedades chamadas de modernas. Em um relato eloquente, mas que nos proporciona a ideia do “viver dualista” que existia na cidade, Goiás do Couto diz: “a velha Goiás ainda conserva os traços da época em que refulgiu e apenas toma nuance modernista pelo dever instintivo e natural de se adaptar ao prosaísmo de um progresso que lhe mutila a paisagem suave e personalíssima”⁸¹. Não acreditamos que fosse um “dever instintivo e natural”, acompanhar o progresso, mas sim uma necessidade almejada por alguns grupos da sociedade, pois a fala do autor revela que essa nuance modernista mutilou a paisagem que tinha características próprias, fato que nos indica que o progresso e a modernização não eram almejados por todos.

⁷⁸ MARQUES, Octo. Op. cit, p. 80 e 82.

⁷⁹ RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. Op. cit., p. 36.

⁸⁰ MACHADO, F. M. (2005). Entre caboclas e Thedas Baras: a tradição e modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 25.

⁸¹ COUTO, Goyaz do. Op. cit., p. 12.

Enfatizamos que as tradições existentes alinharam-se aos novos costumes que chegavam como sinal de progresso para a sociedade, Ondina de Bastos Albernaz ressalta que apareceram na Cidade de Goiás lojas de turcos, aventureiros e outros tipos de forasteiros que buscavam condições melhores para suas famílias, e não deixaram de contribuir, “voluntária ou involuntariamente, para o progresso, seja desenvolvendo a educação, o comércio, a mecânica, ou simplesmente introduzindo novos hábitos na região”. Os novos hábitos e as influências nos diversos âmbitos eram importantes para fazer parte dessa nova proposta de progresso.

Na tentativa de estabelecer novas “convenções” que regeriam ou norteariam as praticas culturais e sociais da cidade de Goiás, embasados num referencial europeu, é interessante notar as estratégias adotadas (ou caminhos percorridos) pelos idealistas da “nova sociedade”, por exemplo, Rodrigues traz a seguinte fala em seu livro *A modinha em Vila Boa de Goiás*: “Bastião Pifanio, filho do grande mestre de música, Epiphanyo Rodrigues de Jesus, tocava cello, dirigia uma banda de música que executava peças eruditas, marcava a quadra francesa e em outras horas era o mestre do Tapuio, era quem fazia o “Judas”, era latoeiro etc”, tal afirmativa ressalta o referencial europeu apropriado pela cidade, pois, Bastião Pifanio, sabia tocar instrumentos e peças eruditas vindos da Europa e mesmo assim não deixava de participar de uma dança local, que tinha influencias indígenas. Percebemos que as produções e apreciações artísticas serviam como forma de afirmar que o projeto goiano era um projeto que olhava para o futuro, sem deixar de ser fiel a hábitos e costumes antigos. Vale lembrar que o gosto pelas *belas artes* era sinal de sapiência e integração. Desse modo, é importante explicitar que havia na cidade incentivos para o desenvolvimento e estudos musicais.

As famílias com maior poder aquisitivo proporcionavam aos filhos a oportunidade de se dedicarem ao instrumento de sua preferência. E, desse modo, surgiram, na cidade, diversos conjuntos instrumentais formados de pais e filhos. É notório, também, que a música vocal tornou-se uma forma de expressão dos habitantes - sobretudo nos salões da sociedade ou nas celebrações religiosas -, o canto tornou-se parte da sociedade goiana. Ademais, os saraus faziam parte das reuniões, ora na casa de um, ora de outro. Ao som da flauta, do violão ou do piano, ouviam-se um conjunto de obras bastante diversificado que abrangia as modinhas, lundus e até canções italianas.⁸² As bandas musicais eram ativas e participavam das atividades que aconteciam na cidade, como por exemplo, bailes, eventos políticos e outros.

⁸² MENDONÇA, Belkis Spencièrre Carneiro de. Op. cit., p. 36.

A cidade também contava com festas religiosas e tradicionais, algumas delas acontecem até os dias atuais, são relatadas a *Festa do Divino*, *Festa do Santo Antônio*, *São João* e *São Pedro*, *Festa de Santana*, *Festa da Pedreira*, *Festa de Nossa Senhora do Rosário*, *Festa de Natal*, *Procissão do Fogaréu* e a *Festa Nossa Senhora da Abadia*, retratada na imagem abaixo. Esta festa é em honra a Nossa Senhora da Abadia, foi trazida pelos portugueses ao Brasil e implantou-se em diversos lugares além de Goiás, por exemplo, Minas Gerais.



Imagem 06: Festa Nossa Senhora da Abadia

Fonte: Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979, p.80.

Não poderíamos deixar de mencionar que, no campo das festas dotadas de caráter religioso, apesar da soberania católica, existiram, também, manifestações com características e/ou referências de origens africanas e indígenas. Na Cidade de Goiás, como em várias regiões do país, os brancos fundiram-se aos índios e negros dando origem a uma cultura popular que ainda é recorrente folclore local através danças, lendas, festas religiosas e profanas, crendices e superstições. Exemplo disso é a *Dança do Congo*, de influência negra é um folguedo representado durante as festas Divino Espírito Santo e se trata de uma guerra

entre os povos africanos; e a *Dança do Tapuio*, de influência indígena é uma dança que sobrevive até hoje nas cidades de Jaraguá e Goiás, tem características dramáticas e, também, é apresentada nas festas do Divino Espírito Santo, tapuio é uma denominação genérica que significa índio bravo ou manso.⁸³

Ao aventarmos o cotidiano dos habitantes da cidade verificamos nos livros de memórias e diário pessoal que este estava ligado às festas religiosas, festas cívicas, festas em escolas, eventos no teatro e participar e assistir as sessões cinematográficas. Os banhos de rios também eram comuns e fazia parte da diversão da cidade, como podemos verificar na imagem 07.

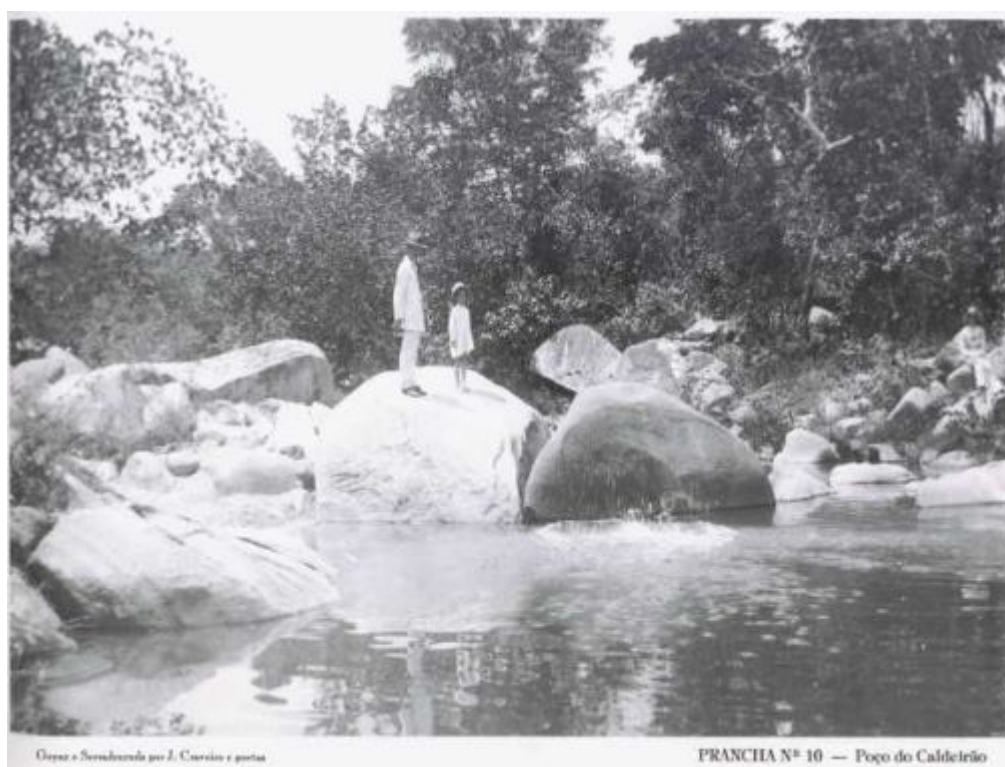


Imagem 07: Poço do Caldeirão

Fonte: CRAVEIRO, J & poetas. Goyaz e Serradourada. 1911 a 1915. Goiânia: ed. do autor, 1994, p. 53.

No diário de Anna Joaquina da Silva Marques, encontramos a sua participação e de outras pessoas nessas atividades:

Fomos a festa e Ordenação de 2 seminaristas (Americo e Oscar). O sermão foi afamado pregador p.e Caetano. Depois seguiu-se a procissão m.to bem dirigida q.do acabou fomos p.a missa do Carmo das 8 horas.

⁸³ LACERDA, Regina. Op. cit., p. 103-112.

Foi a festa da bandeira dos moços do tiro qdo acabou teve cinema no Largo, qe os moços offerecêo ao povo goyano.
 Teve a festa da Ananguera as 11 h^{as} do dia teve para no largo do xafariz, de tarde a prossição no cimiterio, teve o bonito discurso do Dr. Benjamim Vieira.
 Teve reunião de todas escolas q cantarão hynno em frente do palácio, denoite houve fogos de artifício, e t.mbem m.tos balões.
 Nessa noite houve Kermesse q. fizerão p^a fazer uma caza para lazareto.
 Teve furtibola na linha de tiro, teve mta concorrência.
 A 1h^a da tarde eu, Bened^a e Joze Evar^a fomos tomar banho no bagagem de automóvel.⁸⁴

A cidade era pacata, pois como vimos várias pessoas moravam em suas fazendas e compareciam na cidade para participar desses eventos, encontrar familiares, fazer compras. Ondina de Bastos Albernaz, revela que havia pouca vida social na cidade e que algumas vezes por ano apareciam circos e carrosséis, que animavam o povo empobrecido da cidade.⁸⁵ Devido a este fato não podemos afirmar que as demais atividades eram frequentes e sim que aconteciam algumas vezes nos meses ou no ano.

Como vimos, no capítulo 1, incentivar a educação era uma forma de levar a sociedade para o caminho da civilização, sendo assim, houve, na Cidade de Goiás, movimentos que buscavam por melhores condições no campo educacional da cidade. Aventando um breve histórico sobre o sistema educacional na cidade, antes do século XIX surgiram as primeiras aulas de instrução e instalação de escolas primarias, os professores ensinavam retórica e latim que eram matérias de ensino obrigatório. Os habitantes quem tinha posses mandavam seus filhos estudar fora, alguns para o Rio de Janeiro e São Paulo e outros para a Europa, e os que não tinham permaneciam e estudavam nas escolas locais. Em 23 de julho de 1835 é sancionada a lei numero 13, que determina: “Os pais são obrigados a dar a seus filhos instrução primária do primeiro grau, nas escolas públicas, nas particulares ou em suas próprias casas, e pagarão multa se se omitirem”.⁸⁶ Parece-nos que existia instrução para todos, mas ela era dada de acordo com as posses da família dos que queriam estudar. Vale lembrar que, do ponto de vista prático, o fato de existir uma lei de obrigatoriedade do estudo na cidade não quer dizer que todos participavam – sequer haviam vagas para todos.

Goiás do Couto em conferência pronunciada na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, relata como era a questão da educação na Cidade:

⁸⁴ MARQUES, Anna Joaquina da Silva. *Memorial de lembrança*. Cidade de Goiás, 1881-1930. Vários cadernos. Manuscrito. Fundo Cônego Trindade. IPEHBC/UCG.

⁸⁵ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. Op. cit.

⁸⁶ BRETAS, Genesco Ferreira. *História da Instrução Pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991, p. 172.

As famílias de posses nutridas mandavam seus descendentes aos estudos na Europa ou a renomados colégios da Côrte e, quando de retorno, num mimetismo curioso, o burgo inteiro se assenhorava das maneiras aristocráticas, dos costumes e da ilustração dos que regressavam aos pagos, tomando, assim, a coletividade provinciana, vernizes da Metrópole.⁸⁷

É interessante notar que os hábitos das metrópoles eram apropriados daqueles que voltavam para a Cidade de Goiás após completarem seus estudos, o que nos remete ao interesse dos grupos dominantes em apresentar os costumes das cidades que representava o ideal de sociedade. Tal fato fica evidente na fala de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro que foi moradora da Cidade, entre os anos de 1907 e 1911, e deixou registrada suas memórias sobre o período no livro *Reminiscências: Goiás de Antanho*. Monteiro relata uma situação ocorrida na Cidade de Goiás:

Querendo acompanhar rigorosamente a moda, quatro moças da sociedade combinaram fazer “Jupe Cullote” e dar uma volta pela cidade a ver como a população reagiria à novidade de Paris. À tarde saíram as quatro passeando calmamente, conversando, rindo, para disfarçar o nervosismo a aparentar indiferença. Mas a tentativa falhou completamente! Causou rumoroso escândalo na Cidade.⁸⁸

A moda que era acompanhada rigorosamente vinha dos grandes centros, do mundo moderno, mas o “Jupe Cullote”, não foi bem aceito entre a população da cidade, mas também não foi aceita em outras cidades do país, na época era um escândalo mulheres usarem calça, mas o relato nos permite perceber a presença dos costumes, ou pelo menos, a necessidade de alguns grupos em acompanhar a moda e de sentirem atualizados com o que estava acontecendo nos grandes centros. Acreditamos que a moda não foi aceita porque mulheres usando calça infringiria a moda antiga que ainda deveria ser respeitadas, mesmo com as mudanças que estavam acontecendo em prol do progresso.

Ainda no campo educacional o *Liceu de Goiás* foi criado, na cidade, em 1847 e anexado ao seu prédio havia uma Biblioteca Pública. A criação do Gabinete Literário, em 1864, foi concretizada com esforços de iniciativa particular. Também havia o *Seminário Santa Cruz*, a *Escola Normal* e o *Externato Goyano* este último era uma associação para educação intelectual metódica primária e secundária. Surge, também, o Colégio Santana, para mulheres, fundado por oito irmãs dominicanas da França. Lá, as mulheres recebiam educação/treinamento para obter um bom desempenho no lar. Percebemos que tais fatos

⁸⁷ COUTO, Goyaz do. Op. cit., p. 16.

⁸⁸ MONTEIRO, Orfélia Sócrates do Nascimento. Op. cit., p. 51.

colaboravam com os anseios políticos da época e as necessidades de uma capital. Além do que estimular a leitura, mesmo que entre os grupos dominantes, era uma forma de elevar a capacidade de poder local.

Além das escolas, também foi criado, na cidade, um *Club Literário Goyano* (que discutia assuntos literários e científicos) além da fundação, posterior, do *Grêmio Literário Goiano* que destinava-se a educação intelectual e cívica dos sócios.

Na literatura destaca-se a criação da *Academia Goiana de Letras* e do *Instituto Histórico e Geográfico Goiano*, que desenvolve o movimento literário e editorial. O Gabinete Literário Goiano que passou por altos e baixos desde sua fundação, em 1929, após um período de inatividade, voltou com mais força, além de contar nova diretoria feminina. Com entusiasmo e novas perspectivas, o Gabinete, tornou-se bastante atuante, com novos sócios e maior renda, passou a integrar em sua programação palestras, sessões de literatura, música, entre outros.

Em 1903 temos a fundação da *Escola de Direito* que funcionou até 1909, quando foi fechada devido a falta de alunos e estrutura. Em 1916, resultado da luta de um grupo de jovens (que não tinham condições de estudar fora da Cidade) a *Escola de Direito* retomou suas atividades. Essa luta resulta, também, na abertura de *Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais*. Após novas dissidências, a antiga *Escola de Direito* fundiu-se à *Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais*, e juntas dão origem a *Faculdade de Direito de Goiás*, em 1937.

Outro fator significativo para a compreensão da dinâmica cultural e social da cidade foi a circulação dos jornais. Ao aventarmos um breve histórico, vale lembrar que a imprensa, no Brasil, teve seu início a partir de 1808 com a chegada da Família Real, já que por ser uma colônia não era permitido a publicação de material impresso no País. O primeiro jornal do Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 1808. Em Goiás o primeiro jornal foi *A Matutina Meiapotense*, de 1830, que circulou até 1834, no Arraial de Meia Ponte, hoje Pirenópolis. Na Cidade de Goiás, em 1837, surge o *Correio Oficial de Goiás*. Foi a partir deste primeiro jornal que vários periódicos surgiram, concentrados na Cidade de Goiás.

Seguiram-se ao *Correio Oficial* os jornais: O GOIANO, órgão de iniciativa particular, em 1846; O TOCANTINS, em 1855, A IMPRENSA, em 1860. Desta forma foram-se sucedendo os periódicos, ora a serviço da literatura, ora apenas informativos e noticiosos, para, no final do século, predominarem aqueles de cunho político, empenhados nas lutas abolicionistas e

republicanas, como foram O LIBERTADOR, O CONSTITUCIONAL, A REPÚBLICA, O ESTADO DE GOIÁS e outros.⁸⁹

Os jornais que foram surgindo em sequencia ao jornal *Correio Oficial de Goiás*, se concentraram na defesa dos ideais abolicionistas e republicanos, além de interesses dos políticos locais, até o final do século XIX circularam mais de 30 periódicos na Cidade de Goiás. Esses periódicos, em sua maioria, estavam ligados aos grupos políticos existentes na cidade, podemos citar como exemplo o jornal *O Democrata* que era órgão do Partido Democrata, fundado e dirigido por Antônio Ramos Caiado, que foi um importante chefe político da Cidade de Goiás no início do século XX.⁹⁰

A criação da *Faculdade de Direito*, na Cidade de Goiás, promoveu uma alteração no comportamento sociopolítico e cultural e também nas dinâmicas que envolviam os jornais no período. Os jovens, que agora possuíam uma faculdade na cidade, estabeleciam residência nela (deixando de ir estudar fora) e com isso puderam participar mais fortemente dos embates, as novas perspectivas abertas pela fixação de jovens estudantes na cidade geraram intensas transformações, inclusive, no jornalismo, que deixava de lado a perspectiva mais romântica da notícia e passa apresentar artigos políticos mais contundentes, com maior viés questionador. Em consequência desses acontecimentos, em 1934, é fundada a *Associação Goiana de Imprensa*.

Ao traçarmos um “perfil” da sociedade goiana do período, um ponto que se tornou, para nós, bastante significativo é o fato de que as mulheres estavam presentes e participavam da vida social, cultural da cidade. Participavam de peças teatrais como atrizes, na luta pela abolição dos escravos, preparavam eventos e nestes faziam comidas e produtos artesanais que eram vendidos para angariar fundos, além de produzirem apresentações artísticas. Na área da música participavam dos corais, das bandas e das orquestras - sendo algumas destas fundadas por elas, as mulheres. Como profissão, as mulheres, tinham o magistério e, também, redigiram jornais - entre eles *A Rosa*, de 1904, e *O Lar*, de 1926 .

Sobre tal fato Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues, que tem um trabalho intitulado *A Modinha em Vila Boa de Goiás*, nos diz que “a participação feminina em Goiás velha foi realmente digna de nota, numa época em que as demais da Província e mesmo as da Corte, mantinham seu lugar dentro de casa e na igreja (...).⁹¹ Sabemos que no início do século XX e em outras épocas as mulheres eram relegadas aos afazeres domésticos, estudavam e

⁸⁹ LACERDA, Regina. Op. cit., p. 26.

⁹⁰ Este tema pode ser consultado no livro: TELES, José Mendonça. A imprensa matutina. Goiânia: CERNE, 1989.

⁹¹ RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. Op. cit., p. 36.

tocavam instrumentos, mas as mulheres não se deixavam abater por tal situação e participavam da vida pública, por exemplo, “no Rio de Janeiro, em 1920, Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura fundam a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e desenvolvem intensa campanha para conseguir igualdade política para as mulheres”.⁹² O fato de Rodrigues afirmar que a participação feminina da mulher, na Cidade de Goiás, era mais atuante do que das mulheres das demais cidades do país, nos parece estar ligada a posição da própria sociedade da cidade considerada conservadora, neste sentido as mulheres sobressaíram em suas atuações. Um exemplo dessas atuações está relacionada a participação das mulheres na luta abolicionista, ao participarem dos eventos, principalmente a noite, criaram uma nova imagem da mulher na sociedade. “As mulheres, ao participar de atividades culturais, à noite, implicou uma mudança nos costumes, uma ruptura com as tradições, ao desestabilizarem representações do imaginário social”.⁹³ No imaginário social as mulheres não poderiam frequentar a vida noturno, para não ficarem “faladas”, já o homem ao sair nas ruas a noite não corria este perigo. Não podemos, no entanto, considerar que tal fato foi um rompimento total com as tradições da cidade, a sociedade goiana era conservadora, a participação das mulheres neste eventos foi, sim, uma conquista. As chamadas “noites abolicionistas”, que eram organizadas no Teatro São Joaquim, foram criadas para a participação da mulher e também da família, pois, eram consideradas “noites respeitáveis” e afastava os perigos da vida noturna para as mulheres.⁹⁴

Como vimos, ocorreram transformações, na Cidade de Goiás, que serviram para aproximá-la dos benefícios do progresso e, entre eles, não podemos deixar de ressaltar a importância da construção do Teatro São Joaquim, em 1857.

⁹² BITTAR, Maria José Goulart. *As três faces de Eva na cidade de Goiás*. Editora Kelps, 2002, p. 177.

⁹³ SANT'ANNA, Thiago. “Noites Abolicionistas”: as mulheres encenam o teatro e abusam do piano na Cidade de Goiás (1870-1888). *OPIS – Revista do NIESC*, v. 6, n. 1, p. 68-78, 2010, p. 77.

⁹⁴ Idem.

2.2 – “*Theatro de São Joaquim*”

Ainda que diante de um mapeamento sobre as práticas culturais e artísticas comuns à Goiás no período, se faz necessário dar a devida observância ao fato de que o teatro teve papel importante neste ciclo cultural e social. Em consonância tais postulados vale lembrar que: o *Teatro São Joaquim*, foi inaugurado no dia 1 de junho de 1857 no Beco da Lapa, pelo Coronel Joaquim Manuel das Chagas Artiaga. Posteriormente, foi comprado pelo Major Antônio Pereira de Abreu e pelo Tenente Luiz Philemon Bernard que venderam o teatro, em 22 de julho de 1873, para o governador da Província Antero Cícero de Assis, nessa época foi instalada nas dependências do teatro a *Tipografis Provincial*.

Segundo Raimundo José da Cunha Matos, Governador das Armas da Província de Goiás, escrevendo, em 1824, sua coreografia histórica, publicada na revista trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil de 1874, afirmou ter existido um teatro na Cidade de Goiás antes do Teatro São Joaquim, mas não há nenhum registro além do escrito pelo governador.⁹⁵

O *Teatro São Joaquim* tinha mais ou menos a altura da Igreja Boa Morte, era retangular com telhado de duas águas, frontispício incrustados de malacacheta que servia de fonte de iluminação externa. Possuía duas entradas, a principal que dava para o Beco da Lapa e a secundária, voltada para o Rio Vermelho. Após a entrada principal, situavam-se o saguão e ainda uma pequena saleta onde se comercializavam guloseimas nos intervalos do espetáculo. No seu interior, existia um vasto salão de piso de madeira. O seu desenho arquitetônico compunha-se de plateia, camarote e torrinhas enfeitadas com baldaquins carmesins com franjas de ouro. Na plateia ficavam os homens, as mulheres acomodavam-se no camarote, as torrinhas eram destinadas ao presidente do Estado e ao chefe de polícia.⁹⁶

Como espaço, possibilitou, viabilizou e valorizou as apresentações teatrais, foi palco de atividades culturais, artísticas e sociais, era um espaço de interlocução e encontro entre vários grupos da sociedade goiana. As peças teatrais eram de autoria de goianos e também de outros autores, noticiadas, regularmente, nos jornais da cidade.

Sendo assim, o teatro, também, era alvo de reparações em sua estrutura e entorno que proporcionariam um melhor ambiente para os frequentadores do local. Não podemos deixar

⁹⁵ Documento disponível na Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa frei Simão Dorvi (FECIGO).

⁹⁶ O texto com o nome de “Theatro São Joaquim” foi escrito por Antônio Carlos de Bastos Costa Campos, advogado e coordenador-geral da Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República e esta disponível na Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa frei Simão Dorvi (FECIGO).

de considerar que estes melhoramentos no teatro, provavelmente, aumentariam o público e consequentemente a frequência gerando rendimentos financeiros para o dono do teatro. Neste sentido, o próprio dono, Joaquim Manuel das Chagas Artiaga, ajudava nos consertos na rua do teatro, como podemos verificar na seguinte notícia do jornal *Gazeta Official de Goyaz*: “ao capitão Joaquim Manoel das Chagas Artiaga communicando – se que o Dr. Chefe de policia, em cumprimento do que lhe foi recommendado pela presidência, mandou por a sua disposição as correntes de galés para serem empregadas nas reparações do beco do theatro, do que se acha encarregado o mesmo capitão Artiaga”.⁹⁷

Além das iniciativas de reparações no teatro pelo próprio proprietário, havia, por parte dos habitantes, ações em prol da manutenção do teatro na cidade, podemos verificar estas ações no seguinte trecho do *Jornal Goyaz*:

Collaboração

O novo “Theatro”

Calculamos em oito mil o numero de pessoas existentes nessa capital e se achão nas condições de nos auxiliar; mas como é prudente sempre se contar com muitos contratempos e devemos em conta sempre a má vontade de almas pequenas e espíritos revogados, que, a semelhança donotivagos, temem a luz e procurarão sempreas trevas, contemos que dessas 8 mil almas somente três mil compreendam o alcance do melhoramento que propomos a realizar; porquanto parece que alguns, ou por espirirto de oppsição a tudo quando é progresso, ou porque não compreenderão bem a influencia benéfica que o theatro exerce na educação do povo, ou por outro qualquer motivo que não convém examinar, negão a utilidade da empreza (...)⁹⁸

Percebemos que o teatro era um sinal de progresso e as pessoas que não contribuíram para a reforma do teatro eram contra as iniciativas que proporcionariam o benefício do teatro a população. Lembrando que, esta solicitação de apoio a reforma do teatro ocorreu no ano de 1894, já no período republicano, no qual os valores de ordem e progresso já eram divulgados, sabemos que os equipamentos culturais foram bastante utilizados como forma de propagar tais ideais. Assim, o jornal reforça que a luz é o progresso e quem não quer encontrar a luz e vive na escuridão encontram-se em oposição ao novo caminho que deve ser seguido, o progresso como signo do desenvolvimento. Acreditamos que o teatro, para as pessoas envolvidas e que buscavam pela permanência de tal empreendimento, era fundamental para a sociedade, pois colaboraria na educação, para o comportamento das pessoas e no resgate dos valores morais, fato que era ressaltada nas crônicas jornalística como podemos verificar no

⁹⁷ *Gazeta Official de Goyaz*, jornal, nº 30, pg: 1, (microfilme cx. 18) 04 de setembro de 1858.

⁹⁸ *Goyaz*, jornal, nº 454, página 2 (microfilme cx. 23), 16 de junho 1894.

seguinte trecho: “O drama Luiz – feliz escolha, posto, tanto pela moralidade, como pelo seu desenvolvimento, não saia vulgaridade, foi bem representada em geral”⁹⁹.

O Teatro encontrava-se em um beco da cidade, como vimos (no primeiro capítulo) o beco era considerado o local dos desocupados e marginalizados, mas este fato não impedia que houvesse a participação de variados grupos da sociedade goiana nos espetáculos apresentados. Sobre o público que frequentava o teatro Goiás do Couto nos diz:

(...) naquele tempo, as senhoras, a fim de assistirem aos espetáculos, usavam vestidos no mais das vezes importados ou mandados confeccionar em Paris. Nessas ocasiões recamavam-se de joias preciosas e, nos chapéus, não ficavam ausentes as *aigrettes* de brilhantes. Nas mãos cintilavam pedrarias dos anéis custosos. (...) Aso homens era obrigatório envergar a casaca ou o fraque. Nas mãos, portando luvas, gestos elegantemente estudados, conduziam eles cartolas de pêlo, bengala de unicórnio ou ébano, encimada por castão de metais raros, verdadeiros mimos de ourivesaria.¹⁰⁰

Percebemos que a alta sociedade goiana frequentava as peças teatrais, o que não deixaria de acontecer já que o teatro era um divertimento para a população da cidade. A forma de se distinguir nas festas e, também, no teatro, do restante da população era mostrar nas vestimentas as posses que tinham. É provável que estes grupos utilizavam suas melhores roupas nas ocasiões especiais. Não é possível saber se possuíam uma extensa quantidade de roupas, mas sabemos que neste período roupa era um artigo caro, assim era uma forma de distinção entre os grupos sociais.

Apesar da ida dos habitantes ao teatro, mesmo este sendo localizado em um beco, no ano de 1894 houve a tentativa de mudança do teatro para um local mais propício, como podemos verificar na notícia do *Jornal Goyaz*:

Quanto a escolha desse local parece – nos ser a mais feliz, não só porque offerece espaço suficiente, como porque a sua collocação em uma das praças principaes d’esta capital é uma circumstancia importantíssima pra nelle ser levantado um edificio como o que pretendemos construir por isso que não só por esse modo ficara preenchido aquelle vácuo, o que muito concorrerá para o aformoseamento da praça, como porque fica no novo theatro occupando um dos pontos principaes dessa capital, em um local apropriado, o que não acontece com o antigo edificio que jaz ali encravado no fundo de um becco pouco freqüentado e no local mais impróprio, possível, circumstancia de qualquer melhoramento que se pretenda introduzir, como tem sido demonstrado em varias tentativas feitas em occasiões diversas.¹⁰¹

⁹⁹ A Tribuna Livre, jornal, nº 76, pg. 3, (microfilme cx. 19), 2 ou 3 de agosto de 1879.

¹⁰⁰ COUTO, Goyaz do. Op. Cit. P. 34.

¹⁰¹ Goyaz, jornal, nº 457, página 2 - 3 (microfilme cx. 23), 6 de julho 1894.

Este local escolhido para o novo teatro era ao lado do quartel, no Largo do Chafariz, lá já existiam os alicerces da construção de uma enfermaria militar. Além das qualidades citadas para o local, como espaço para construção e o embelezamento da praça, havia a necessidade de colocar o teatro em um local mais apropriado e de preferência em uma praça principal, para que as famílias importantes pudessem frequentar o local com mais tranquilidade e segurança já que estaria ao lado de um quartel. Provavelmente, também, havia uma intenção de selecionar, ainda mais, o público que frequentaria este novo teatro, pois, certamente as praças principais só eram frequentadas pelas famílias mais importantes da cidade. Percebemos que há a organização de um espaço público específico, no qual o teatro e, também o cinema, fizeram parte da valorização das praças e ruas importantes.

Da criação do teatro, em 1857, até o início do século XX há registro de oito sociedades dramáticas que atuaram na Cidade de Goiás: *S. D. P. Recreativa, Sociedade Dramática União Militar, Sociedade Dramática de Goyaz, P. B. Ensaíes Dramáticos, Sociedade Dramática Goyana, Sociedade Familiar e Sociedade Dramática Recreio Artístico*. Os componentes desses grupos (habitantes de Goiás) organizavam diretorias que contava com sócios que pagavam mensalidades regularmente. Outro aspecto interessante é que essas companhias sobreviviam com o dinheiro das apresentações teatrais - as entradas eram divididas em valores diferentes para sócios e não-sócios das companhias, como podemos verificar no *Jornal A Tribuna Livre*:

Theatro de S. Joaquim
Sociedade Dramática
Primeira representação amanhã 27 do corrente.
As pessoas residentes n'esta capital em sua vizinhança na distância de 5 legoas, que não pertencerem ainda a sociedade, terão ingresso na 1ª representação mediante a contribuição de 5\$ por cada pessoa.
Os hospedes, que estiverem de pouso n'esta capital, poderão ter ingresso, pagando 2\$ por cada pessoa.
Os sócios podem levar ao espectáculo até cinco pessoas de suas famílias, excdendo que seja de mais de cinco pagarão mais 500 reis por cada pessoa.

O Secretário
João Rodrigues Costa¹⁰²

As temáticas compositivas das mencionadas peças teatrais giravam, principalmente, em torno de comédias *O Marido-Mulher, O Sogro da Rapasiada, Uma festa na roça*, dramas,

¹⁰² A Tribuna Livre, jornal, nº75, pg. 4, (microfilme cx. 19), 26 de julho 1879.

*A vingança de um escravo, Coração de Mulher, Barba Roxa e farsas*¹⁰³, *Patente de Capitã, Massons e Bispo, Os Dous Marujos*. Pelos nomes das peças elencadas percebemos que haviam algumas com conteúdos que visitavam o tema da escravidão, os embates entre a maçonaria e a Igreja Católica, revelando que estes grupos teatrais estavam atentos a assuntos que estavam em pauta na época. O teatro foi um importante meio de manifestações sendo palco das diversas discussões presentes na sociedade goiana, servia de palco para o encontro de diversos grupos da sociedade, alguns engajados em movimentos e outros que buscavam apenas o lazer, em todas as suas formas envolvia a sociedade provocando efeitos nos comportamentos e relações sociais. Neste sentido as peças apresentadas tinham a intenção de transpor e expressar os problemas sociais presentes na sociedade para ela mesma. Como vimos, o teatro foi palco das chamadas “noites abolicionistas”, que para além de um evento para a participação das mulheres e famílias, compreendiam também “um momento em que as pessoas, principalmente os grupos das elites, compareciam para verem e serem vistos como sujeitos engajados na defesa da causa da emancipação dos escravos”¹⁰⁴. Embora, vale salientar, que nem todos eram a favor da abolição dos escravos e alguns proprietários de escravos que estavam na plateia, provavelmente, almejavam, apenas, uma libertação gradual que envolvesse uma indenização por parte do governo.

Notamos que as sociedades dramáticas eram compostas pelos habitantes da cidade, o que evidencia o caráter amadorístico das encenações, tal fato era noticiado nos jornais como podemos verificar no seguinte trecho: “Um grupo de amadores pretende levar a scena no dia 5 de setembro do corrente ano as engraçadas comédias Quem Desdenha, Por Causa de um Algarismo, e a Festa da Roça”¹⁰⁵. Em 1892, foi criado o *Club de Amadores*, composto por homens que representavam travestidos os papéis femininos. Os componentes das sociedades dramáticas não eram profissionais das artes cênicas e sim amadores, aprendiam com cada apresentação o que deveria ser melhorado para as próximas.

Com relação às apresentações, os jornais procuravam apresentar certa postura crítica, no trecho do jornal *A Tribuna Livre* de 3 de agosto de 1879 tomamos contato com uma dessas análises:

Sociedade Dramática – Esteve bastante regular o ato representado pela sociedade dramática de domingo passado. (...)

¹⁰³ Peça teatral de poucos atores apresentada através de um simples dialogo, ação trivial ou burlesca, gracejos, situações cômicas, ridículas, etc.

¹⁰⁴ SANT'ANNA, Thiago. Op. cit., p. 76.

¹⁰⁵ *A Tribuna Livre*, jornal, nº 289, pg. 2 (microfilme cx. 19), 4 de setembro de 1882.

Os papeis de Luiz, do Morgado, do Joaquim foram bem compreendidos, desempenhados pelos srs. José de Sant'anna, Luiz de Camargo e Joaquim Jubé, o Sr. Bernardo Antonio sahio – se bem no de Duarte de Moraes e melhor que todos o Sr. Joaquim Manoel Corrêa na difícil parte de Balthasar de que carregou. A Elysa, descontadas as grandes dificuldades com que teve de dar, correspondeo ao que se podia exigir rasoavelmente o Sr Porfino mostrou ser moço inteligente, e com algum traquejo mais dos exercícios do palco pode e há de certamente tornar-se um valioso auxiliar da sociedade. (...)

Havia a cobrança para que as apresentações melhorassem cada vez mais, segundo o autor do texto no jornal a critica feita por ele deveria ser recebida de forma amigável, pois eram simples correções para que as apresentações fossem melhores e não deveriam ser tomadas pelo tom da censura. A partir das críticas jornalísticas, podemos compreender que além de considerarem importante a atuação destas sociedades dramáticas ao levar as apresentações para o público da cidade, estes críticos apontavam diretrizes para futuros ensaios, produções e apresentações. Tal fato fica evidente no trecho do Jornal *A Tribuna Livre* de agosto de 1879: “Não fasemos estas notas com animo de censura, não; desejamos que sejam recebidas e consideradas como o que na verdade são: simples e amigáveis advertências para correcção”. Quando as reclamações dos críticos eram atendidas estes não hesitavam em elogiar os atores e a produção como podemos verificar no Jornal *A Tribuna Livre* de 16 de agosto de 1879: “O espectaculo correo melhor do que na 1º apresentação, merecendo os actores geraes aplausos”.

Ainda em relação às advertências e elogios apresentados pelos críticos do jornal, percebemos que as peças eram acompanhadas pelas bandas musicais como retrata o *Jornal A Tribuna Livre*:

A orchestra foi vantajosamente desempenhada pela phylarmonica, sob a batuta do seu intelligente director, o Sr. Tocantins, e deu – nos (novidade aqui) alguns pedaços escolhidos dos Sinos do Corneville, a grande cavalina do Roberto Il Diavolo, de Meyerbeer, Roberto oh tu & e o já conhecido, mas sempre apreciado, duo do 1º acto da Semairamis, de Rossini. Foi uma feliz inspiração, e de muito effeito, a lembrança do Sr. Tocantins, de preparar os ânímos dos espectadores para os lances mais patheticos do drama, com um maviosissimo prelúdio da Ayda, de Verdi. E uma d’essas liberdades de execução, que de bom grado se perdoa.¹⁰⁶

As peças encenadas no teatro eram acompanhadas de musica e nos intervalos eram executadas valsas, tangos e shottishs, os trechos musicais eram acompanhados pela Banda da

¹⁰⁶ A Tribuna Livre, jornal, nº 76, pg. 3, (microfilme cx. 19), 2 ou 3 de agosto de 1879.

Polícia, sob a regência do Mestre Braz de Arruda.¹⁰⁷ Havia, também, concertos musicais eram organizados e dirigidos por senhoras da sociedade goiana e apresentadas em festivais que ocorriam no teatro.

Além das cobranças com relação às apresentações teatrais os jornais, também, buscavam pelo cuidado que estas sociedades dramáticas deveriam ter com os seus sócios. No *Jornal O Commercio*, há uma cobrança direta a *Sociedade Dramática Goyana* pela falta de zelo com os sócios e com a sociedade que apoiava a iniciativa, pois quando esta sociedade dramática se organizou havia recebido valores altos em dinheiro dos primeiros sócios, mas não tinham correspondido nas apresentações, neste sentido os jornais também faziam o papel de fiscalizadores dessas sociedades:

A Sociedade Dramática Goyana

Cumprimos por mais uma vez a missão da imprensa com animo tranquillo, desassombrado, esperando que cada um veja n'este nosso proceder somente o desejo de servir a causa comum e nunca aquella de invectar, malquistar a ninguém.(...)

Conhece-se bem a somma adquirida por esses dados, mas, não vemos em que se despenceo tanto dinheiro, pois a respeito de obras no theatro, só vimos que, além de pequenos reparos de goteiras, só se mudou o dístico de pano de bôcca. (...)

É por conhecermos tudo isto, que escrevemos estas linhas, procurando despertar o zelo dos directores da sociedade, que, por certo, não a quererão ver morta do mal de 7 dias, com gastos inexplicáveis.¹⁰⁸

O autor começa o texto pedindo para que compreendam que as reclamações que foram citadas não tinham a intenção de ofender ninguém, mas sim cobrar o que é certo. As reclamações, provavelmente, foram feitas pelos próprios sócios ao jornal, por se sentirem lesados por contribuírem com uma sociedade que não correspondia aos seus anseios, além de não terem claro onde o dinheiro investido fora utilizado. Parece-nos um problema relacionado ao desvio de dinheiro e uma alerta antes que providências mais sérias fossem tomadas, pois “o mal de sete dias”, nome dado ao tétano dos recém-nascidos geralmente devido a infecção da ferida umbilical, era uma indireta relacionada diretamente a sociedade dramática que tinha apenas sete meses e, como um recém-nascido pode morrer sem os cuidados devidos, essa sociedade dramática poderia acabar (morrer) devido a falta de cuidados que teve com o dinheiro arrecadado junto aos sócios.

¹⁰⁷ MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de. Op. cit., p. 61.

¹⁰⁸ O Commercio, jornal, nº 18, pg. 2 (microfilme cx. 20), 10 de dezembro de 1879.

Salta-nos aos olhos o fato de o teatro ter influenciado e proporcionado novas formas de diversão à sociedade. Desse modo é importante salientar que, em nossos estudos, notamos que de modo geral amigos e familiares se envolveram, organizavam e compunham peças que eram apresentadas no teatro e também na varanda de suas casas. Locais improvisados também eram utilizados para as apresentações das sociedades dramáticas:

Sociedade Dramática União Militar
Inaugurado na capital a associação entre os inferiores e cadetes do batalhão 20 e esquadrão, fez uma apresentação no dia 16 em um teatro improvisado no pátio do quartel. Apresentaram o drama *Coração de Mulher*, a farça *Massons e o Bispo* e a comédia *O Marido – Mulher*.¹⁰⁹
Collaboração

Além de proporcionar novas formas de diversão para a sociedade o teatro, como espaço físico e como local do exercício da arte, tinha função pedagógica, pois veiculava mensagens, formava opiniões, divulgavam maneiras de como comportar-se em público e também, o que não deveria ser feito durante as apresentações, pois poderiam prejudicá-la, neste sentido os jornais não deixavam de noticiar as atitudes impróprias ao ambiente, como podemos verificar na notícia do *Jornal A Tribuna Livre*: “Foi uma pena porem que estivessem na platéia um exame de meninos e alguns machacases, desgarrados aquelles dos seos Paes, a rirem nas scenas mais patéticas do drama, circunstância essa que de alguma forma desconcerta não só á pessoa que representa, como quem acompanha com verdadeiro interesse o curso da representação”.

No teatro também aconteciam espetáculos de prestidigitação também conhecido como ilusionismo, uma arte que cria ilusões realizadas através de meios naturais, tem a função de entreter o público fazendo-os acreditar que algo de sobrenatural aconteceu. Na cidade comparecerão dois prestidigitadores André Philippe Talon e Pedro Adames.

Percebemos que o teatro apresentava certa regularidade nas apresentações, mas não podemos afirmar que aconteciam semanalmente, já que devido as dificuldades de viagens e transportes eram raras as apresentações de companhias de fora e as sociedades dramáticas da cidade não conseguiriam dar conta de uma programação tão extensa. Ondina Albernaz relatou em seu livro *Reminiscências* que algumas vezes por ano os artistas amadores levavam ao

¹⁰⁹ O Commercio, jornal, nº 10, pg. 4 (microfilme cx. 20), 23 de agosto de 1879.

palco peças no Teatro São Joaquim¹¹⁰, fato que nos permite constatar a frequência das peças na cidade.

O Teatro São Joaquim foi palco da arte, de encontros, discussões, música, lazer, entre outros, em 1922 já não permitia a exibição de peças teatrais ou qualquer outro tipo de atividade em seu recinto, devido as péssimas condições de sua estrutura. O Jornal *A Imprensa* informou as condições em que encontrava-se o teatro:

Theatro S. Joaquim

Este velho próprio estadual, que há pouco ficou danificado pelas chuvas, está passando por alguns reparos.

Fechado há muitos annos, pela ameaça que constantemente apresentava de desabamento – theatro S. Joaquim devia antes ser demolido que reparado.

Passado por ligeiras reformas, esse immovel ainda não apresentará bastante segurança, e ninguém se arriscará a frequentá-lo.

Uma vez demolido, pelo governo do Estado o Sr. Intendente municipal com certeza trataria de embellezar o local, onde está situado o palacete da edilidade, ficando assim a nossa Capital dotada de um logradouro publico, - que realmente ainda não tem.¹¹¹

Conforme apresenta o jornal, mesmo com os reparos, provavelmente, o teatro não poderia ser frequentado, sendo assim era melhor demoli-lo. Após a reforma uma comissão foi fiscalizar se o teatro tinha condições de receber novamente o público goiano e a resposta foi a seguinte: “A nossa impressão, senão foi magnífica, não deixou de ser satisfactoria – e pensamos que aquelle prédio não offerece, ao menos durante algum tempo, nenhum perigo aos seus frequentadores”¹¹². O Teatro São Joaquim funcionou por mais 6 anos e foi demolido em 1928 para a construção do Hotel Municipal, á margem esquerda do Rio Vermelho, junto à ponte da Lapa, sendo, ao longo dos anos, um importante centro para as atividades artístico-culturais, mas antes da demolição o teatro serviu como espaço para abrigar o primeiro cinema da Cidade de Goiás em 1909.

¹¹⁰ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. Op. cit., p. 22.

¹¹¹ A Imprensa, jornal, nº 1, pg: 1, cx: 20, Goyaz 2 de fevereiro de 1922.

¹¹² Idem, nº 3, pg: 2, cx: 20, Goyaz 16 de fevereiro de 1922.

Capítulo 3 – A Cidade de Goiás e as salas de cinema

*No escurinho do cinema
Chupando drops de anis
Longe de qualquer problema
Perto de um final feliz...
(Flagra – Rita Lee)*

3.1 – Cinema Goyano

Sabemos que o cinema carregava consigo a tecnologia e a novidade, é uma invenção moderna que habita o ambiente da cidade. Apresenta vários elementos característicos do ambiente moderno e “tornou-se a expressão e a combinação mais completa dos atributos da modernidade.”¹¹³ A primeira projeção cinematográfica no Brasil ocorreu no Rio de Janeiro em 8 de julho de 1896, com um aparelho que se chamava *Omniographo*¹¹⁴. A primeira sala de cinema oficial foi o Salão de Novidades, os proprietários eram Pachcoal Segreto e Cunha Sales, ficava localizado na Rua do Ouvidor e foi inaugurado em 31 de Julho de 1897. A partir daí os *Cinematographos* começaram a se multiplicar na cidade do Rio de Janeiro e também foi levado para outras cidades.

Assim, no dia 13 de maio de 1909 tem-se a estreia do cinema na Cidade de Goiás, o Major Domingos Gomes de Almeida foi um grande investidor do Cinema Goiano que funcionou até 1917, no Teatro São Joaquim, e até 1934 em outra sede. Sobre tal fato Pedro Viggiano, em uma crônica para o jornal Cidade de Goyaz, em 1959, disse:

(...) Domingos Gomes inaugurou, apenas 14 anos após Louis Lumière, o inventor do cinema, ter feito a 1ª exibição cinematográfica a 28 de dezembro de 1895, no “*Salon Indian*” do *Grand Café da Alameda dos Capuchinhos*, em Paris, que maravilhou o público e foi o grande acontecimento do fim do século.¹¹⁵

Para a cidade a instalação do cinema foi considerado um grande evento, como, também, foi a inauguração da energia elétrica e a chegada do carro na cidade, tais benefícios faziam parte do processo de modernização e progresso almejados, sendo assim foram recebidos com entusiasmo por vários grupos da sociedade goiana. De acordo com Orfélia Sócrates do Nascimento Monteiro “a população vibrou com a grande novidade”¹¹⁶.

¹¹³ CHARNEY, Leo; SCHAWARTZ, Vanessa R. (org). Op. cit., p. 17.

¹¹⁴ Simultaneamente ao invento dos Lumière, ocorreram descobertas similares em outros países, de maior ou menor qualidade, que receberam denominações rebartivas em moda na época: mimioscópio, cinetógrafo, cronofotografoscópio, aerialgrafoscópio, shadografoscópio, bioscópio, vitascópio. In: RAMOS, Fernão (org). História do Cinema Brasileiro. 2ª ed. Secretária do estado de Cultura. Art Editora: São Paulo, 1990. P. 15.

¹¹⁵ VIGGIANO, Pedro. Jornal Cidade de Goyaz. N°s 721 e 722, 1959. Apud: MENDONÇA, Belkiss Spencièr Carneiro de. A música em Goiás. 2ª Ed. Goiânia, Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1981, p. 61.

¹¹⁶ MONTEIRO, Orfélia Sócrates do Nascimento. Op. cit., p. 81.



Imagem 08: Primeiro anuncio do Cinema Goiano na Cidade de Goiás – 1909.

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

A partir do cartaz da primeira exibição percebemos que o Teatro São Joaquim foi o local escolhido para a exibição das sessões cinematográficas. Vale ressaltar, que as primeiras exibições cinematográficas, no Brasil, não raramente foram feitas em teatros, por exemplo, em São Paulo foi no Teatro Apolo, em 1898 e em Aracaju no Teatro São José, em 1899.¹¹⁷ A *Empresa Recreio Goyano* juntamente com o *Cinematographo Pathé Frères*¹¹⁸ eram os responsáveis pelas exibições. A sessão ocorreu às oito horas da noite, várias fitas foram apresentadas com uma variedade entre cômicas, dramáticas e fantásticas, com o intuito de chamar a atenção do público. Não havia uma bilheteria, assim os ingressos eram vendidos na farmácia e nas casas de dois habitantes da cidade. Tal fato nos permite compreender que os habitantes desta sociedade passaram a ter um novo tipo de socialidade que se apresentou dentro e fora das salas de cinema.

¹¹⁷ RAMOS, Fernão (org). *História do Cinema Brasileiro*. 2ª ed. Secretária do estado de Cultura. Art Editora: São Paulo, 199, p. 19-25.

¹¹⁸ Pathé Frères, de origem francesa, foi um conjunto de empresas fundadas pelos irmãos Pathé e no início dos anos 1900 se tornou uma grande empresa cinematográfica que distribuía equipamentos e filmes. No Brasil, em 1908, o fotografo Ferrez obtinha definitivamente a exclusividade da Pathé-Frères para vender os afamados produtos franceses (filmes e aparelhos cinematográficos) em território brasileiro. In: RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. Senac, 2000, p. 174.

O major Domingos Gomes d’Almeida responsável pela *Empresa Recreio Goyano* e fundador do *Cinema Goyano*, nasceu na Cidade de Goiás, em 30 de Abril de 1851, filho de Emílio Gomes d’Almeida e Antônia Ferreira Leite. Foi seminarista e mais tarde ingressou na Escola Militar, chegando a patente de Major. Foi fazendeiro, comerciante e industrial. Casou-se em 13 de setembro de 1874 com Maria das Dores Ludovico d’Almeida e com ela teve nove filhos¹¹⁹.

Na época em que o cinema foi levado para a Cidade de Goiás não havia rodovias e os meios de transportes para a cidade eram precários. Em 1908, Domingos Gomes d’Almeida, trouxe do Rio de Janeiro para a Cidade de Goiás, com carros de boi, motores, alternadores e muitas máquinas necessárias para instalação do cinema. Nesse início o cinema era mudo, as sessões tinham início geralmente às dezenove horas. A tela era molhada antes das apresentações cinematográficas para dar brilho à imagem, os filmes eram compostos de três a cinco partes¹²⁰, havendo entre eles um intervalo de oito a dez minutos. O fundo musical era fornecido pela orquestra da Polícia Militar de Goiás. Nos dias de sessões cinematográficas saía às ruas o corneteiro carregando um quadro negro no qual estava escrito o nome do filme e o horário da apresentação.¹²¹

As sessões, do Cinema Goyano, ocorriam no Teatro São Joaquim, este já era um prédio estadual, por esse motivo o Major Domingos Gomes de Almeida arrendou o prédio para nele colocar em funcionamento as máquinas cinematográficas. O contrato entre o major e o Estado foi feito por um ano, assim em 15 de janeiro de 1910, o major pede a prorrogação por mais dois anos, tal fato foi noticiado no *Jornal Goyaz*: “Domingos Gomes de Almeida, pedindo prorrogação, por mais dois anos, do contracto de arrendamento que tem, com o Estado, do theatro de S. Joaquim para nelle funcionar as suas machinas cinematographicas, na razão de 240\$000 annual”¹²².

O Estado negou a prorrogação do aluguel do teatro, dizendo que se fosse de interesse do major que ele apresentasse melhores condições, provavelmente, que pagasse um aluguel mais alto. Devido a este fato o major decidiu rescindir o contrato no começo do mês de

¹¹⁹ Depoimento concedido por Edgard Viggiano Teixeira, bisneto do Major Domingos Gomes d’Almeida, em 14 de novembro de 2013. Fato relevante na entrevista diz respeito ao parentesco do Major Domingos Gomes d’Almeida, ele era tio de Pedro Ludovico Teixeira, futuro interventor do Estado de Goiás, no governo de Getúlio Vargas e responsável pela mudança da capital da Cidade de Goiás para Goiânia. Sobre o assunto Edgard Viggiano Teixeira nos disse: “O fundador do cinema em Goiás, o Major Domingos Gomes d’Almeida disse aos seus netos que seu sobrinho Dr. Pedro Ludovico Teixeira estava propenso a mudar a capital de Goiás e, caso isto viesse a acontecer, não deixassem de levar o cinema para a nova capital, pois seria uma boa fonte de renda”.

¹²⁰ Naquele tempo as fitas não eram classificadas como longas ou curtas, mas sim de acordo com o número de partes que continham, ou por sua extensão em metros. In: RAMOS, Fernão (org). Op. cit. p. 16.

¹²¹ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. Op. cit.

¹²² Goyaz, jornal, 29 de janeiro de 1910, nº 1100

fevereiro de 1910. Após análise o Estado decide renovar o contrato no dia 7 de maio de 1910, como consta a informação no jornal: “Submettendo a aprovação de S. Exa. a minuta do contracto que se vai lavrar com o cidadão Domingos Gomes de Almeida para o arrendamento do Theatro de S. Joaquim”¹²³. Este contrato foi aprovado.

Provavelmente a renovação não foi feita por dois anos, pois em 1911, há uma nova solicitação de renovação noticiada no jornal: “Domingos Gomes de Almeida requerendo prorrogação do contrato de arrendamento do Theatro S. Joaquim, por mais um ano, e solicitando reparos necessários à conservação do mesmo edifício, correndo por conta do peticionário os de asseio e comodidades do publico”¹²⁴.

As reformas no teatro já eram solicitadas haviam muito tempo – discutidas no capítulo 2 – pois, como foi construído em 1857, já era necessário melhorar a sua estrutura para receber os frequentadores. Tal fato não era uma solicitação apenas do locatário, mas do próprio Estado que percebia tal necessidade, na *Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz*, pelo Dr. Olegario H. da Silveira Pinto, em 13 de maio de 1914 temos a solicitação:

Theatro
Entre os edifícios públicos pertencentes ao Estado está o velho theatro de S. Joaquim.
(...)
Infelizmente a sua architectura, commodidades e solidez deixam muito a desejar.
O theatro moderno tem exigências que precisam ser attendidas. Sendo um ponto de reunião de centenas de pessoas, torna-se neccessario que o edificio offereça aos seus frequentadores ar, luz, segurança e commodidade.
Não permitindo o nosso estado financeiro despende grande quantia com a construcção de um novo e melhor local, penso que o Congresso deverá dotar o orçamento com uma verba para o melhoramento desse theatro.¹²⁵

O “velho” teatro já não oferecia a segurança e comodidade para os seus frequentadores e isto não estava de acordo com as novas exigências do mundo moderno. Vale lembrar que as reformas indicavam características dos novos tempos, tempos do progresso.

Além das reformas externas havia também uma preocupação com a manutenção do equipamento cinematográfico, o *Jornal Goyaz* trouxe a informação para os leitores: “Grande função cinematographica com as melhores fitas do repertorio como abaixo se vê. A machina

¹²³ Idem, 7 de maio de 1910, nº 1114

¹²⁴ Idem, 17 de fevereiro de 1911, nº 6

¹²⁵ Memórias Goianas 17. Relatório dos Governadores da Província de Goyaz de 1906-1917: relatórios políticos, administrativos, econômicos, religiosas etc./Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, Centro de Cultura Goiana – Goiânia: Ed. UCG, 2004, p. 106-107.

depois dos últimos reparos esta magnífica com uma luz tão brilhante como nunca esteve”¹²⁶. Na mesma notícia deste jornal há a informação que se houvesse chuva a sessão seria adiada para o dia seguinte, a chuva apresentava problemas para as sessões cinematográficas, que poderiam ser devido a estrutura do teatro, o alagamento de ruas ou, talvez o equipamento ficava em local que não tinha total abrigo contra a chuva, como podemos verificar na imagem 09 o fundo do teatro não era totalmente coberto. No Rio de Janeiro houve problemas semelhantes, o Kinetografo Portugues apresentado por Aurélio Paz em janeiro de 1897 no Teatro Lucinda, teve problemas com as chuvas sendo um fracasso de público¹²⁷.



Imagem 09: Fundo do prédio do Cinema Goyano

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

Além das apresentações cinematográficas no teatro, ele também estava disponível para outras atividades, como podemos verificar na noticia do Jornal *Correio Oficial*:

Nomeando o praticante da respectiva Secretaria, Ludgero Luz Vieira, zelador do theatro S. Joaquim que d’ora avante será alugado de acordo com a tabella seguinte

Por noite de exhibição de fitas cinematographicas 15\$000. Por noite de dramas, comedia e outras quaisquer representações publicas 30\$000 percebendo o zelador por noitada de cinema 5\$000 e por noitada de drama e etc. 10\$000. Auctorizando-o a receber do Sr. Domingos Gomes de Almeida todos os objectos pertencentes ao Theatro, constante do contracto que o mesmo firmou nesta secretaria.

¹²⁶ Goyaz, jornal, nº 1099, pg:4, cx. 25, Sabbado 2 de janeiro de 1910.

¹²⁷ RAMOS, Fernão (org). Op. cit., p. 16.

Vale lembrar que o local era um cine-teatro e o cinema era uma das atrações, provavelmente a principal, naquele momento. Percebemos que para as sessões cinematográficas o valor cobrado para exibição era menor, pois o cinema era a novidade na cidade e provavelmente suas sessões teriam mais público que outras atividades gerando maiores lucros. O cinema indicava, para a cidade, o progresso, assim os jornais afirmavam e incentivavam a postura que os habitantes deveriam ter diante o cinema: “as pessoas que residem nesta cidade e que gostam de acompanhar o progresso em todas as suas modificações”¹²⁸, devem ir ao cinema e prestigiá-lo. As apresentações teatrais já eram conhecidas pelo público da capital, elas não deixaram de existir, mas passaram a ter menor importância diante do cinema. A própria frequência com que as peças aparecem nos jornais diminuiu, as sessões cinematográficas se tornam constantes.

Em 1914, há uma notícia relativa a um contrato firmado entre o Cinema Goyano e o *Cinematographo Parisiense*: “Havendo um contracto entre o seu proprietário e o Sr. Staffa, de Cinematographo Parisienese do Rio, este fornece-lhe films de valor, razão porque o Sr. Domingos Gomes tem organizado bellos programmas para as ultimas sessões do Cinema Goyano”.¹²⁹ Em outro momento houve comemorações de aniversário do *Cinematographo Parisiense*, nessa ocasião os filmes escolhidos para a sessão foram pelo Sr. Staffa:

Com um magnífico programma extra, adrede escolhido pelo Sr. J. R. Staffa, e Cinema Goyano commemorará no dia 10 do corrente o novo aniversário do Cinematographo Parisiense, no Rio, ou seja da abertura do primeiro Cinema no Brasil.¹³⁰

O *cinematographo pariesiense* foi construído em 1907 pelo italiano Giacomo R. Staffa, na Rua Chile, próximo ao Hotel Avenida, no Rio de Janeiro, lá passavam filmes franceses e dinamarqueses. Giacomo Staffa começou comprando filmes de forma avulsa em Paris, logo se tornou revendedor exclusivo das produtoras *Itália* e da *Film d'Art*. Em 1910 ele consegue a exclusividade da empresa dinamarquesa *Nordisk*.¹³¹ Ondina Albernaz, em suas memórias, conta que os filmes que passavam no Cinema Goyano contavam com obras dinamarquesas e norueguesas, acreditamos que os filmes desta nacionalidade eradevido ao contrato com a empresa de Staffa citado acima. Quanto a notícia do jornal o cinema de Staffa

¹²⁸ A Imprensa, jornal, nº 446, pg: 2, cx: 28, Goyaz, 11 de abril de 1914.

¹²⁹ Idem, jornal, nº 447, pg:2, cx: 28, Goyaz 18 de abril de 1914.

¹³⁰ Nova Era, jornal, nº 92, pg:3, impresso, Goyaz 3 de agosto de 1916.

¹³¹ RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). Op. cit, p. 174.

não foi o primeiro do Rio de Janeiro, mas ele conseguiu estabelecer uma grande rede de distribuição de filmes, com sedes em varias capitais brasileiras, como São Paulo, Porto Alegre e Recife e tinha escritórios de compras em Nova York e Paris¹³².

Ao longo dos anos, até 1917, aparecem nos jornais as notícias da renovação dos arrendamentos do teatro para o funcionamento do cinema, quando o major construiu um prédio próprio para o Cinema Goyano. Edgard Viggiano Teixeira, bisneto do Major Domingos Gomes d’Almeida, em depoimento nos relatou que o motivo para a saída do cinema do teatro foi político:

(...) Logo ao acontecido da retirada do cinema do Teatro São Joaquim, o Major Domingos Gomes d’Almeida, foi para a cidade do Rio de Janeiro, para falar com o General Comandante do Exercito e expor o motivo político da sua saída do prédio do teatro São Joaquim. Como o general do exercito era muito seu amigo, mandou que ele voltasse para a Cidade de Goiás, e, construir um prédio, ao lado do Quartel do 20, onde veio a funcionar o Cinema Goyano, até o ano de 1934, atualmente neste local funciona a Agencia dos Correios.¹³³

Acreditamos que os motivos que levaram a saída do teatro foram embates com o Estado sobre a questão da locação do teatro. Nas notícias de jornal vimos que as solicitações de renovação eram constantes e tiveram alguns momentos que foram negadas. Havia a necessidade de construção de um local específico para o cinema, por motivos de segurança, já que o teatro não apresentava boas condições em sua estrutura e, também, para competir com os novos cinemas que estavam surgindo na cidade. O novo endereço era no Largo do Chafariz, ao lado do Quartel do 20, como podemos verificar na imagem 10. Como vimos, esse mesmo local havia sido cogitado para a construção de um novo teatro, para que este fosse retirado do seu local de origem, o Beco da Lapa.

¹³² Idem.

¹³³ Depoimento concedido por Edgard Viggiano Teixeira, bisneto do Major Domingos Gomes d’Almeida, em 14 de novembro de 2013.



Imagem 10: Quartel do 20 (lado esquerdo da primeira criança) e Cinema Goyano (atrás da segunda criança)

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

O acompanhamento musical, na nova sede, contou com uma novidade, a criação da Orquestra do *Cinema Goyano*, no *Jornal Voz do Povo* temos a notícia : “uma hora antes da sessão – a Banda Policial – tocará varias peças carnavalescas e durante a sessão a soberba e maravilhosa orchestra do Goyano executará excellentes peças do seu vasto repertório”¹³⁴. Essa orquestra contava com a participação da pianista Edméa Camargo, que mais tarde faria parte da orquestra do *Cinema Ideal*.

Em 1918, foi noticiado no *Jornal Nova Era* a saída de Domingos Gomes d’Almeida da direção do cinema, no seu lugar ficou seu filho Oswaldo Gomes de Almeida que havia entrado como sócio do cinema.¹³⁵ Nesse mesmo ano o *Cinema Luzo Brasileiro* foi alugado para a exibição dos filmes do *Cinema Goyano*, lá ficou instalado de junho a dezembro, quando o contrato foi encerrado¹³⁶. O novo local onde funcionou o *Cinema Goyano* tinha sido construído em 1917, provavelmente, esse aluguel, do cinema *Luzo Brasileiro*, foi necessário para algum ajuste no *Cinema Goyano*.

¹³⁴ *Voz do Povo*, jornal, nº 74, cx: 29, 16 de novembro de 1928, p.3.

¹³⁵ *Nova Era*, jornal, nº 18, impresso, 30 de maio de 1918, p.3.

¹³⁶ *Jornal Goyaz*, jornal, 8 de fevereiro de 1919, nº 207.

Como vimos o terreno ao lado do quartel foi cedido a Domingos Gomes, pelo exercito, para a construção do cinema, que até então estava instalado no Teatro São Joaquim. Em 1922, esse terreno foi solicitado de volta como podemos verificar na notícia do Jornal *A Imprensa*:

Cinema Goyano

Sabemos que o Commando do 6º Batalhão de Caçadores em obediência a Circular do Ministério da Guerra, de 4 do corrente, officou, ao proprietário do “Cinema Goyano” solicitando providencias no sentido de ser entregue aquella unidade, no praso de 10 dias, o terreno em que se acha construído o referido estabelecimento de diversão, que lhe fora cedido a titulo precário.¹³⁷

Mesmo com a solicitação ainda apareceram nos jornais notícias informando horários e filmes que seriam apresentados no *Cinema Goyano*, inclusive uma comemoração do 13º aniversário deste: “essa antiga casa de diversão, fundada e mantida nesta Capital pela tenacidade dos esforços do major Domingos Gomes de Almeida, commemorou a 9 do andante a passagem do seu 13º anniversario¹³⁸”.

Após o ano de 1922, não há mais informações sobre o Cinema Goyano, provavelmente deixou de funcionar devido a devolução do terreno onde foi construída a sala. Somente, em 1927, o Jornal *Voz do povo* traz a notícia que o *Cinema Goyano* tinha alugado a sala do Cinema Ideal para a exibição de filmes:

CINEMA GOYANO

Acaba de ser arrendado à empresa do afreguezado Cinema Goyano, de propriedade do nosso estimado amigo cel. Domingos Gomes de Almeida, o prédio do Cinema Ideal.

Essa acreditada casa de diversões vae passar por vários melhoramentos, de modo a satisfazer melhor as exigências do publico.

Aos domingos haverá sessões, sendo uma as 18 horas, só de fitas cômicas de grande valor e outra as horas de costume, de escolha dos films da vida real, de muito sucesso.¹³⁹

O Cinema Goyano, apesar das adversidades, continuou funcionando por vários anos. Em 1930, tem-se a notícia da morte de Domingos Gomes d’Almeida:

Cel. Domingos Gomes.

Na madrugada de 20 do corrente deu-se o infausto passamento do distinto Coronel Domingos Gomes de Almeida, laborioso industrial, fundador e

¹³⁷ A Imprensa, jornal, nº 9, cx: 20, 1 de abril de 1922, p.1.

¹³⁸ Idem, cx: 20, 13 de maio de 1922, p.3.

¹³⁹ Voz do Povo, jornal, nº 24, cx: 29, 2 de dezembro de 1927, p.3.

proprietário do “Cinema Goyano”, única casa de diversão que existe nessa capital e também da fábrica “Cerveja Goyana”¹⁴⁰.

Pela notícia percebemos que no ano de 1930, a única sala de cinema ainda em funcionamento era o *Cinema Goyano*, este fechou suas portas em 1934. Ademais, é importante salientar a existência de outras salas de cinema como o cinema *Luzo Brasileiro*, *Ideal Cinema*, *Cinema Iris*, que, juntos com o *Cinema Goyano*, fizeram parte do cenário urbano da Cidade de Goiás.

¹⁴⁰ Idem, nº 135, pg: 3 cx: 29, 24 de janeiro de 1930, p.3.

3.2 – *Estamos informados que, em breves dias, terá a capital a agradável surpresa da primeira função cinematographica da nova empresa*

A primeira sala de cinema construída na Cidade de Goiás foi a do Cinema *Luzo Brasileiro*, inaugurado dia 11 de abril de 1914, pelo Coronel Joaquim Guedes de Amorim. Vale lembrar que o *Cinema Goyano*, primeiro da cidade funcionou, de 1909 a 1917, no Teatro São Joaquim.

A inauguração do *Luso-Brasileiro* comentada os jornais como o grande empreendimento que chegava a cidade, afinal era uma sala específica para as sessões cinematográficas. O jornal *A Imprensa* teceu elogios a “casa de diversões”: “terá lugar a 11 do corrente a inauguração do cinema Luzo Brasileiro que com todo o luxo e asseio foi montado em edifício próprio, pelo nosso amigo Cel Joaquim Guedes”¹⁴¹. Segundo as notícias dos jornais, a sala de cinema contava com um restaurante na entrada do prédio que possuía “um completo sortimento de bebidas finas, conservas, charutos e comidas frias”¹⁴². O salão era grande, espaçoso e bem iluminado, com ventiladores, a máquina de projeção contava com um motor que acionava o desenrolamento dos filmes.¹⁴³ De acordo com Ondina Albernaz os assentos eram de cadeiras de palhinha. Na imagem 11 temos a fachada do cinema *Luso-Brasileiro*, nos jornais consta que a fachada do novo cinema era considerada a mais bela da cidade.



Imagem 11: Cinema Luzo-Brasileiro ao lado direito da imagem com a bandeira.

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

¹⁴¹ *A Imprensa*, Jornal, , nº 445, cx: 28, 4 de abril de 1914, p.2.

¹⁴² *Idem*.

¹⁴³ *A imprensa*, jornal, nº 456, cx: 28, 20 de junho de 1914, p.2.

Uma novidade disponibilizada pelo cinema *Luso* era a distribuição dos programas dos filmes para os habitantes antes das sessões cinematográficas: “Já estão sendo distribuídos os programmas dos importantes films. (...) O público que vá lendo as descrições nos programmas dessas duas grandiosas fitas, para poder apreciar obras d’arte cinematographica”¹⁴⁴ Tal fato permitia a interação maior do público com as obras fílmicas que eram apresentadas, talvez, até despertando sentimentos de curiosidade e ansiedade para a chegada do dia da sessão. Vale lembrar que isto era importante também para o dono do cinema, já que ao gerar o interesse na população os ingressos seriam obtidos antecipadamente garantindo uma frequência de público.

Em 1919 foi inaugurado o *Cinema Iris*, de propriedade de Geraldo Sarti, administrada por Carlos Lins. Provavelmente, nessa época, o *Luso-Brasileiro* já tinha fechado as portas, pois, o *Cinema Iris* estava instalado na mesma sala onde funcionou o *Luso*, outro fato que colabora para tese que o *Luso-Brasileiro* tenha encerrado suas atividades nessa época é o fim da *Orquestra Luso-Brasileira*, que ocorre em 1918, responsável pelo fundo musical da sala. Após o fechamento do *Iris*, em 1923, Edilberto Santana fundou, no mesmo local, o *Cinema Ideal* que funcionou até 1927.¹⁴⁵ Como vimos, após o fechamento do *Cinema Ideal*, a sala foi alugada para o funcionamento do *Cinema Goyano*. O *Goyano* funciona neste local até 1934 e em 1935 Wadjou da Rocha Lima inaugurou o primeiro cinema falado do Estado, na Cidade de Goiás, batizando-o, por coincidência ou não, de *Cine Progresso*. Devido a todos os cinemas da cidade ter, em algum momento, partilhado a mesma sala localizada na Rua Couto Magalhães, esta rua ficou conhecida como a “Rua do Cinema” retratada na imagem abaixo.

¹⁴⁴ Idem, nº 457, pg: 2, cx: 28, Goyaz, 27 de junho de 1927.

¹⁴⁵ Encontramos referências sobre o Cinema Iris e o Cinema Ideal no livro Enciclopédia do Cinema Brasileiro de Fernão Ramos. Salas com este nome foram abertas em São Paulo, pela Companhia Cinematográfica Brasileira (CBB), em 1914, porém, em 1917 a CBB muda o nome para Companhia Brasil Cinematográfica e fica momentaneamente sem nenhuma sala de exibição em São Paulo. O cinema Iris é inaugurado em 1919 e o Ideal em 1923, não encontramos nos jornais referências que pudessem indicar que as salas inauguradas na cidade de Goiás fossem franquias destas de São Paulo, mas devido as salas terem fechado em São Paulo, talvez o nome dessas salas foi vendido ou, também, foi apenas uma inspiração dos empresários que abriram os cinemas na cidade com este nome.



Imagem 12: Rua Couto Magalhães, hoje Rua Coronel Joaquim Guedes, conhecida como Rua do Cinema.

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

Somente em 1935 chega à cidade o cinema falado, até então bandas e orquestras faziam o som de fundo para as sessões. A primeira orquestra fundada para cinema foi a *Orquestra Luso-Brasileira* (1914-1918), comandada por Maria Angélica da Costa Brandão, conhecida na cidade por Nanhá do Couto. A orquestra contava com os seguintes instrumentos: piano, violinos, violoncelo, contrabaixo, flauta, clarinetas e bombardino¹⁴⁶.

As notícias eram de elogios às sessões e a música que as acompanhavam, o repertório constava de músicas variadas, valsas, óperas, e outras do mesmo gênero:

Cinema Luzo Brasileiro.

Tem sido grande a concorrência às sessões desta elegante casa de espetáculo. Os films focalizados tem sido muito apreciados pela sua cuidadosa escolha, concorrendo para a animação das sessões irrepreensível orchestra que sobre a abalisada direcção da maestrina D. Nhanha do Couto tem deliciado os há bitueés do Luzo. A modificação feita pelo proprietário do Luzo, substituindo a banda policial pela actual orchestra, mereceu os apllausos de todos

¹⁴⁶ MENDONÇA, Belkis Spencièr Carneiro de. Op. cit., p. 65.

aquelles que querem que a nossa terra acompanhe o progresso. É verdade que bandas de músicas em Cinemas, só se vêm em Goyaz.¹⁴⁷

Sabemos que não era só em Goiás que existiam as orquestras para cinema, era comum, já que o cinema era mudo e em Goiás elas ficaram por mais tempo devido ao fato que cinema falado só chega a cidade em 1935. No trecho percebemos que o proprietário do cinema estava sempre na busca por mudanças, o que nos remete a ideia de ação, projeção, rumo ao progresso. Não podemos deixar de falar que essa melhoria no cinema ia de encontro, também, com o fato de que a melhoria do local proporcionaria mais ganhos.

A sala de cinema era cedida, pelo proprietário para a realização de programas artísticos. Nanhá do Couto, também, liderava a “Club Caravana Smart” que organizava concertos e saraus na Cidade de Goiás, participando como cantora ou pianista, como podemos verificar nos cartazes abaixo:



Imagem 13: cartaz de divulgação de Soirée e sessão cinematográfica realizada no Cinema Luzo Brasileiro.

¹⁴⁷ Idem.

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.



Imagem 14: Programas apresentados no salão do cinema “Luso-Brasileiro”.

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

O *Cinema Iris*, também, possuiu a sua própria orquestra com direção da pianista Deborah Tocantins Esteves. Sob seu comando a orquestra funcionou até 1922 quando Vera Celt assumiu a liderança, a direção era feita por Joaquim Edson de Camargo. A orquestra do *Cinema Ideal* estava sobre a direção de Edméa Carmago que, também, atuou na orquestra do *Cinema Goyano*, após o encerramento das atividades do *Cinema Ideal* a orquestra não se dissolveu, continuou os ensaios e participava de serenatas.¹⁴⁸ Abaixo temos a imagem da orquestra no *Cinema Ideal*.

¹⁴⁸ Idem, Ibidem, P. 73.

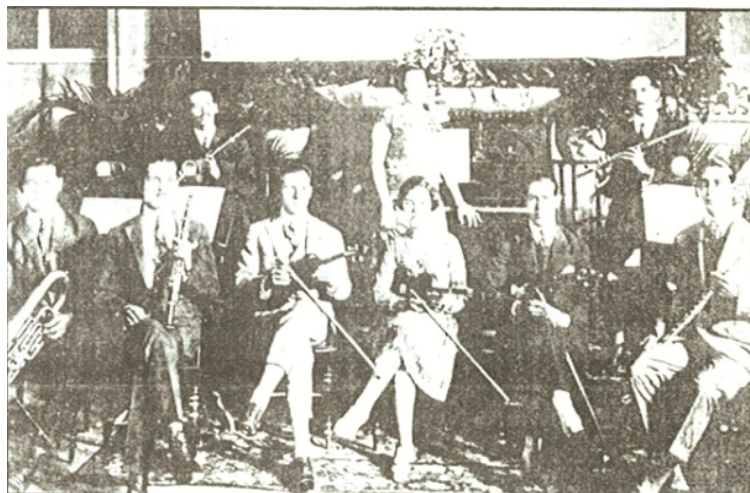


Imagem 15: orquestra Ideal – fevereiro de 1927

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

Os jornais anunciavam com frequência os horários das sessões, os filmes que seriam passados, além de crônicas relativas aos acontecimentos em relação ao cinema. Constavam, também, informações como o nome das distribuidoras que disponibilizavam os filmes. Abaixo relacionamos os filmes que foram exibidos na cidade¹⁴⁹:

Cinema Goyano	1909 Vida publica de N. S. Jesus Christo (3ª parte da vida de Christo), Recepção do General Roca no Rio de Janeiro (Discriptiva), O filho prodigo, colorida (drama), Romanza de Amor (drama), O trovador (Colorida), A flauta mágica (A pedido), As proesas de D. Quixote (500 metros de fita), Uma fita interessante, Santos Dumont, O enforcado (cômica), Chegada partida de trens de ferro, Dança 1910 Tomada de Roma, Carro de aluguel, Pesca em pleno mar, Bolina em apuros, Os meninos se divertem, Fructo proibido, Gatunos modernos, Ataque aos automóveis, O fogão se esfumaça, Caçada de javalis, O chapéo, Escandalo na escada, Mignolino, Restaurant moderno, O cão do cego, Pulga importuna, Chegada do rei da Grécia em Roma, Namorada de um exercito, Danças das nações, Contra o amor a
----------------------	---

¹⁴⁹ Aqui relacionamos os filmes que encontramos nos jornais que estavam disponíveis no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC).

	rasão não tem valor, O purgante, Flauta mágica, Luta pela ida, Estrea de um automobilista, Allucinação musical, Casa-te e veras, por um colar, aventuras de um namorado, Pará La purga, Mundial amestrador, Dança cosmopolita, O pedeiro, Pierrot assascino, A inquisição, Filha do cineiro, Cães contrabandistas, Menina cega, O enforcado, A gruta encantada, Parteira da madame, A procura da cabelleira, Recepção do general roca, Lavadeiras alegres, Transformação da borboleta, Viuva do marinheiro, Romanza de amor, Cataratas do niagara, Bengala encantada, Manequins encantados, Representação Cinematographica, Atraz de objectiva, Colmea maravilhosa, Baby e sua família, Brinquedo de creança, A fada dos céos e dos mares. 1914 Felicidade Mata – <i>Nordisk</i> 1916 Chancellor Negro, Diabo Verde, As cartas de prego roubadas, Dantzig (natural), O poder do rei – drama <i>Nordisk</i>, Um idyllio na lama – Ceystone, A mancha negra, A explosão, Beatriz, ou a morte na beleza, A americana no harem – <i>Nordisk</i>, O relógio atravez dos séculos, Festas indianas 1927 Lua de Israel – Paramount Uma Noite de apuro 1929 Inferno verde Minha mãe
Cinema Luzo-Brasileiro	1914 In hoc signo vinces (Com este signal vencerá) - Savoia Torino, Quo Vadi?, Sapho, Os Noivos, A Vida de Christo, Mary do Calvario, Pró Patria Morri -, Cines, O pesadello, Homem mysterioso, A policia moderna – Cines, Os lombardos – Pathé, Willy – Pasquali, Gravoche –, Eclair, O pesadello – Pasquali, Kri-kri –, Cines, Carteiro Improvisado – Gaumont, O menino polegar – Gaumont, Polidor carregado por amor – Pasquali, Marco Antônio e Cleópatra, Os dous Sargentos, O segredo do finado – Gaumont, La femine Noé, O segredo do Finado - Gaumont 1916

	Envelope Negro, Conde de monte Christo Escola de heroes, A mulher nua, Sangue azul, A filha de Neptuno, Entre homens e feras, A dama das camélias , Rocambole, O bando negro, Grandeza e decadência de Roma, Za- La-Mort, Diana, a fascinadora, Pacto de sangue, Cavalgada infernal, Memorias do Diabo, O heroe da cidade eterna, Longe do ninho, Cabiria
Cinema Iris	1922 Sultana do amor Admiravel Vendita O homem da meia noite O Principe e Betty Quarta cara Desflorecida
Cinema Ideal	1924 Coió com sorte Amor Rebelde Folias Mundanas Casamento dos Índios Gaúchos Casa dos Murmúrios – Universal film 1926 SCARAMOUCHE 1927 Babilonia Testa de Ferro – Paramount O manquim – Paramount História de uma alma – Vida E Milagres de Santa Therezinha do Menino Jesus – Vera Cruz Film

Nesta lista a maioria dos filmes são internacionais, mas também há filmes de produção nacional, como é o caso da fita exibida em 1909 no *Cinema Goyano* “As proezas de Dom Quixote” anunciado como uma verdadeira fabrica de gargalhadas.¹⁵⁰ Esse filme foi exibido em São Paulo em 1902, sendo assistido por autoridades do Estado.¹⁵¹

¹⁵⁰ O Lidador, jornal, nº 25, cx.34, 24 de junho de 1909, p.3.

¹⁵¹ Nesse momento as companhias cinematográficas só disputavam o mercado europeu, já que o Terceiro Mundo permanecia uma miragem ainda explorada por empresários independentes. (...) Assim, embora o negócio cinematográfico não fosse seguro, o mercado não fora invadido, restando campo para quem tivesse iniciativa. É confiando nisso que, já na virada do século, Paschoal Segreto monta um estúdio e laboratório, como estrutura para filmagens de exteriores, mantendo uma programação de atualidades nacionais que lhe dá a liderança do

As companhias cinematográficas mais frequentes, das quais os filmes passaram na cidade, encontradas nas notícias dos jornais, são: *Pathé, Paramount, Savoia Torino, Cines, Pasquali, Gaumont, Nordisk, Universal Films e Vera Cruz Films*. A *Pathé-Freres* tinha como concessionária no país os irmãos Marc Ferrez e Julio Ferrez. Paschoal Segreto, assinou, em 1908 a exclusividade da produtora *Cines*. A *Nordisk* era representada por Giacomo R. Staffa. Esses concessionários das companhias cinematográficas europeias no Brasil mais tarde ficaram conhecidos como distribuidores¹⁵², com as quais os donos de cinema da Cidade de Goiás faziam os contratos para receber os filmes e equipamentos.

De acordo com as notícias dos jornais podemos constatar que os filmes que chegavam a cidade tinham procedência do Rio de Janeiro e São Paulo: “Já acha despachada do Rio a importante fita *In hoc signo vinces*”¹⁵³ e “segundo estamos informados, o primeiro destes films saiu de S. Paulo a 2 do corrente”¹⁵⁴. A primeira notícia o filme é destinado ao *Cinema Goyano* e na segunda ao *Cinema Luso-Brasileiro*.

Verificamos que ao longo dos anos os cinemas da Cidade de Goiás fizeram contratos com diferentes distribuidoras de filmes, uma dessas foi com a *Empresa Cinematographica Brasileira*, criada em 1911, por Francisco Serrador, um empresário espanhol do ramo do entretenimento. Essa empresa era bastante ativa nos campos da distribuição e da exibição e teve contratos com o *Cinema Goyano* e com o *Cinema Luso-Brasileiro*.

Até 1915 essa parceria entre companhias cinematográficas europeias, os distribuidores e os exibidores, no Brasil, funcionou, mas com a Primeira Guerra Mundial, que tem início em 1914, o mercado cinematográfico europeu sofre as consequências, pois a importação de filmes europeus se tornou bastante irregular, atingindo o Brasil. Tal fato leva o comércio cinematográfico ao colapso generalizado, devido a ausência de material, seja filmes virgens ou impressos. Com isso as empresas norte-americanas começam a se instalar no Brasil¹⁵⁵, em

nosso primeiro mercado exibidor. As proezas de Santos Dumont projetadas em São Paulo, em 1902, ensejam uma grande festa da nacionalidade. In: RAMOS, Fernão (org). Op. cit., p. 23-24.

¹⁵² A distribuição comercial cinematográfica no Brasil, a exemplo do que acontece em outros países do mundo, foi, historicamente, o último ramo que surgiu como uma verdadeira especialidade da indústria, completando o tripé produção-distribuição-exibição. Na fase inicial da cinematográfica comercial brasileira (1897-1900), o importador de películas cinematográficas, utilizando-se do expediente da importação direta das principais empresas produtoras cinematográficas da época e sendo também exibidor, ocupa o papel de um verdadeiro demiurgo do mercado. (...) Somente entre 1905 e 1915, a atividade comercial de importação de películas e equipamentos cinematográficos passa gradualmente a ser operacionalizada por um representante exclusivo ou concessionário de empresas locais ou representantes de produtoras-distribuidoras estrangeiras. In: RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). Op. cit., p. 173.

¹⁵³ A imprensa, jornal, nº 451, cx: 28, 16 de maio de 1914, p. 3.

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ As produtoras-distribuidoras norte-americanas passam também a trazer os melhores filmes europeus, liquidando, em um único golpe, os produtores e importadores nacionais. Os distribuidores brasileiros passam a não ter mais como se utilizar do expediente da importação direta, já que os distribuidores norte-americanos

1915 instalaram-se a *Fox* e a *Universal* e em 1916 a *Paramount* abre uma filial no Rio de Janeiro sob a denominação de *Películas de Luxo da América do Sul* posteriormente foi chamada de *Paramount Films (S.A.)*.¹⁵⁶

Essa crise do mercado cinematográfico também atinge a Cidade de Goiás, verificamos que os empresários do cinema na cidade tomaram iniciativas para tentar contornar a crise. De acordo com o Jornal *Nova Era* esta iniciativa tinha influências do sistema utilizado pelos cinemas no Rio de Janeiro:

Cinema Luso – Brasileiro
Empreza – Abel Garcia

O Emprezaio deste cinema, attendendo a grande crise que atravessamos, com o fim de tornar menos dispendioso á sua dilecta freguesia, e tornarem-se mais assíduos ás sessões cinematographicas, resolveu instituir nesse cinema as bonificações pelo systema das diversas empresas deste mesmo gênero no Rio de Janeiro.

Os números ou numero de cartões de bonificações poderão ser distribuídos á escolha dos freguezes, observando-se sempre a seguinte regra: vendendo-se 100 bilhetes de ingresso para o cinema, poderão ser distribuídos 5 cartões de igual numero a uma só pessoa.

Bonificações

No caso de conferir o numero da serie com os dois finaes do total da venda de bilhetes de ingresso, terão direito a cinco entradas para as sessões seguintes ou a quantia correspondente em dinheiro, podendo receber durante o intervallo, na bilheteria do cinema.¹⁵⁷

Esses cartões de bonificações eram distribuídos em todas as sessões e todos poderiam participar homens, mulheres e crianças. Para conseguir pegar o cartão de bonificação os habitantes deveriam vender 100 ingressos, assistir a sessão que custava nas cadeiras mil reis ou nos bancos que custavam quinhentos reis para receber o cartão de bonificação. Se fosse sorteado o ganhador recebia 5 entradas para a próxima sessão ou cinco mil reis se tivesse comprado entrada para as cadeiras, nos bancos o valor diminuía pela metade. Dessa forma o empresário conseguia manter uma frequência em seu cinema e não saia perdendo, já que as pessoas que quisessem participar das bonificações teriam que pagar entradas para as sessões.

Acreditamos que esse sistema não surtiu muito efeito, pois alguns meses depois, em outubro do mesmo ano, o prêmio aumentou de cinco ingressos para vinte ou a mesma quantia

compravam filmes em escala dos produtores europeus, para exhibi-los em vários países, incluindo os Estados Unidos. In: RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). Op. cit, p. 174.

¹⁵⁶ RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). Op. cit, p. 174.

¹⁵⁷ Nova Era, jornal, nº 65, pg:3, impresso, Goyaz 6 de janeiro de 1916.

em dinheiro. Outro fator que pode ter colaborado para o insucesso desse sistema estava relacionado aos programas exibidos que constavam de filmes repetidos.

Nesse período o controle do mercado cinematográfico estava nas mãos dos norte-americanos, que ao se estabelecerem no mercado brasileiro introduziram novas técnicas de distribuição cinematográfica. Tal fato fica evidente quando verificamos a notícia do *Jornal Nova Era*:

O Parisiense, do Rio, comprou por vinte mil dollars (cerca de 83:000\$000) a exclusividade da exibição no Brasil do film norte americano “Defesa Nacional”. Esse filme e calcado sobre a conferencia do celebre inventor das metralhadoras, mr. Hudson Maxim, vesando sobre a invasão dos Estados Unidos.¹⁵⁸

Além de informar a provável chegada de novos filmes a cidade, o jornal nos chama a atenção para esta nova técnica de distribuição que ganhava força no país. De acordo com Fernão Ramos a principal técnica de distribuição ficou conhecida como “linha de exibição”, os filmes passaram a seguir uma linha de salas de exibição, o lançamento do filme “era feito com exclusividade em uma única sala (normalmente aquela com ingressos mais caros), partindo depois para salas com ingressos mais baratos, obedecendo à lógica centro – periferia, capital – interior e assim por diante”¹⁵⁹. Devido a essa nova lógica, acreditamos que os filmes demorariam mais a chegar às cidades do interior do Brasil, na Cidade de Goiás podemos perceber tal fato a partir da lista de filmes exibidos, somente em 1924 consta um filme da *Universal Films* chamado “Casa dos Murmúrios” exibido no *Cinema Ideal*.

De 1925 a 1927, o *Cinema Ideal*, passa a ser dirigido pela empresa *Veiga, Fleury & Comp^a*, de propriedade de Eugênio da Veiga Jardim e Marionito Fleury, essa empresa, também, era responsável pela distribuição dos filmes da *Paramount* em Goiás. Além do *Cinema Ideal* o *Cinema Goyano*, também, passou a exibir filmes da *Paramount* como podemos verificar na notícia a seguir: ““Films” Paramount – Os srs. Veiga, Fleury & Comp^a, concessionários dos films da Paramount neste Estado, estão focalizando, na tela do Cinema Goyano, excellentes pelliculas daquela fabrica”¹⁶⁰. Os filmes da *Paramount* passam a abastecer os cinemas da cidade e a propaganda, para a divulgação desses filmes, é intensificada, como podemos verificar no anuncio abaixo:

¹⁵⁸ Idem, nº 11, pg: 103, impresso, Goyaz 19 de outubro 1916.

¹⁵⁹ RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). Op. Cit. P. 174.

¹⁶⁰ O lar, jornal, nº 27, pg: 3, Goyaz 15 de setembro de 1927.



Imagem 16: comercial da *Paramount*

Fonte: Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

De acordo com informações obtidas Fundação Educacional da Cidade de Goiás (FECIGO) a *Paramount* disponibilizava um catálogo com os filmes a serem escolhidos, pelo empresário do cinema, para exibição nas sessões cinematográficas. O *Cinema Ideal*, como vimos, era gerenciado pelos concessionários da *Paramount* na cidade. Em 1927 foi feito um concurso chamado *Paramount Press* que elegeu a mulher mais bonita da cidade, para sair na capa deste catálogo, a vencedora foi a senhora Altair Camargo e em sua homenagem foi composta, por Dr. Armando Esteves, uma valsa chamada “Rainha do Ideal”.

Como vimos os cinemas movimentaram a Cidade de Goiás a partir deles novas convenções e demandas sociais, políticas e culturais foram se desenvolvendo e vindo à tona. Para compreendermos melhor essas transformações se faz necessário conhecer o envolvimento desta sociedade com estes cinemas.

3.3 – *Fitas focalizadas na tela, á meia escuridão; fitas passadas as claras, á vista dos papás e das bondosas mamãs, que fingem nada ver*

O cinema tornou-se a expressão e a combinação mais completa dos atributos de modernização e do progresso, no qual constituiu-se em um conjunto mais abrangente de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim, as salas de cinema proporcionaram um espaço, em seu ambiente interno e externo, onde as pessoas partilharam de uma nova experiência tecnológica que atingiu a sociedade de diversas formas, criando novas formas de sociabilidade e de interação com o espaço urbano. A interação entre os hábitos novos e antigos geraram novas formas de socialização resultante de um processo em que há elementos rejeitados ou negados, transmutados ou negociados, pois a sociabilidade é uma construção social realizada por meio da interação entre os indivíduos e o espaço em que se localizam, é uma forma de juntar as ações humanas. As formas de interação existente entre os indivíduos se expressam nas sociabilidades.

Para compreender tais elementos se faz necessário investigar as relações estabelecidas com esse novo espaço. Na Cidade de Goiás, o *Cinema Goyano*, o *Cinema Luso-Brasileiro*, o *Cinema Iris* e o *Cinema Ideal* possibilitaram uma compreensão desse novo ambiente de sociabilidade.

Um aspecto importante a se considerar sobre a Cidade de Goiás é que ela era essencialmente católica e ao longo de sua história contou com a construção de sete igrejas. O reflexo da religiosidade era visto na forte presença de elementos cristãos, principalmente, nas festas populares, como a tradicional (e ainda viva) *Procissão do Fogaréu*. Nas notícias apresentadas pelo jornal *O Lيدador* (que pertencia a diocese), percebemos os embates de interesse, apoios e a participação da Igreja quanto às práticas e usos do cinema:

Espectaculo

No dia 25 do fluente mês, realizar-se-á nesta capital, um espetáculo de cinematographo, sendo a metade da renda liquida destinada ás obras da cathedral desta diocese. (23 de março de 1911)

Cinema Luso – Brasileiro

Com um brilhantismo desusado entre nós e com enorme concurrencia de espectadores, inaugurou-se a 11 do corrente o cinema Luso-Brasileiro, sito á rua couto de Magalhaes e de propriedade do distincto catholico Cl. Joaquim Guedes de Amorim. (...)

No dia 11, o Revino P Confucio de Amorim, Cura da Cathedral convidado pelo Cl. Joaquim Guedes, benzeu o prédio. (23 de abril de 1914)

Cinematographo

Discordamos em absoluto do modo de pensar daquelles que, apreciando o cinematographo, affirmam ser uma necessidade esse gênero de divertimento. (...)

Não procede a argumentação de que os mesmo quadros obscenos e immoraes que as fitas cinematographicas, em suas passagens vertiginosas representam, são ao vivo e pessoalmente exibidos nos theatros dramaticos e lyricos, porque, como se nota, em taes espectaculos, já devido aos preços das localidades, já tem assumptos que não instiguem a attenção da meninada, outros são os frequentadores, habituaes dos dramas, comedias, operetas, etc. Isto posto, se nestes theatros como nos cinematographos scenas se representam que offendem á pudicia, conforme a qualidade dos assistentes, a impressão de taes representações podem produzir consequências nocivas. (17 de julho de 1913)

Percebemos que, politicamente, a Igreja ora alinhava-se as possibilidades abertas pelo advento do cinema e, ora acusava-o, de ir, moralmente, contra os princípios da fé. As notícias chegavam de todos os lados sobre o novo invento. Nesse ínterim, entendemos que ainda estava sendo descoberto o que era aquele invento, mas também vemos que o apoio não deixava de beneficiar a igreja. Tal fato fica perceptível no seguinte trecho do jornal:

Já temos affirmado muitas vezes e repetimos ainda, ser a Egreja hostil somente aos divertimentos que offendam á Moral e aos bons costumes. O proprietário do Cinema Luzo-Brazileiro sabemos nós, como bom catholico, não quer e não pode consentir que a sua casa de diversões sirva de pasto nas maos instintos.¹⁶¹

Vale lembrar que o Papa Pio X havia liberado a utilização de filmes na igreja com o intuito de reforçar a doutrina católica assim, ela não poderia ser totalmente contra as exhibições cinematográficas. Foi divulgado no jornal *O Lidador* como deveria ser essa utilização:

Diz assim: “É licito explicar o catecismo na egreja , com projecções instantâneas? Afim de emular os fieis para que assistam na egreja aprehender o catecismo, alguns parochos desejariam adoptar as projecções instantâneas – É isso licito?

Sabemos que alguns logares se tem introduzido este uso com grande fructo. As egrejas ficam cheias; todos admiram com gosto as projecções, e ouvem com attenção a explicação do catecismo, apreendendo, e retendo-o mais fortemente na memória.

É preciso, não obstante, eliminar todo o perigo de abuso e profanação do logar sagrado.

¹⁶¹ O Lidador, jornal, nº 27, cx: 35, 9 de julho de 1914, p.2.

A Igreja tinha ciência dos efeitos positivos que o cinema traria para ela, a exibição de filmes atraía os fieis, deixando as igrejas mais cheias e tornavam o ensinamento católico mais frutífero. As cautelas quanto a utilização centravam nas seguintes práticas: retirar o sacramento da igreja no momento da exibição fílmica; só no momento da projeção a igreja poderia ficar escura; fiscalização durante a exibição do filme para evitar atitudes inconvenientes; obter a licença para a exibição dos filmes e separar os homens e as mulheres na hora da exibição. Esta última exigência não era novidade já que era comum, nesse período, homens e mulheres sentarem separados.

Nessa função de alertar a sociedade e principalmente os fiéis sobre os “perigos do cinema” a igreja se manteve atualizada sobre as discussões sobre a exibição dos filmes. No *Jornal O Lídador* foram divulgadas algumas atitudes tomadas em cidades como Frankfurt na Alemanha e São Paulo no Brasil:

A Gazeta de Francfort noticia que, a começar de 1º de abril a municipalidade de Munich exercerá uma severa fiscalização sobre todas as casas de diversões onde se façam projeções cinematográficas.¹⁶²

(...) diante do grau de abastardamento moral e mesmo de corrupção a que nos cinemas da capital paulista desceu a exploração das fitas cinematográficas em sua grande maioria nocivas à moralidade pública e privada, e até mesmo à boa ordem social.¹⁶³

A igreja cobrava do governo da Cidade de Goiás uma postura semelhante para que os filmes considerados imorais fossem barrados, buscavam por leis que estabelecem a censura nos cinemas da capital. Para a igreja, também ficava “a missão” de combater os filmes que pudessem alterar bruscamente as tradições da cidade ou apresentassem conteúdo imoral, por exemplo: questionamento da ordem, cenas consideradas “picantes” e etc. A igreja se tornou uma intermediária entre a população e o cinema, avaliando o que deveria ser visto e como deveriam compreender as mensagens que eram passadas pelos filmes.

Vale ressaltar que os anos iniciais do cinema não havia a obrigação de passar o filme pelo crivo policial antes de serem exibidos – o teatro contava com a censura desde o tempo do Império – no Rio de Janeiro somente em novembro de 1919, por iniciativa do chefe de polícia da Capital, Geminiano Franca, que teve início a censura cinematográfica obrigatória. Antes

¹⁶² O Lídador, jornal nº 17, cx: 34, 25 de abril de 1912, p.3.

¹⁶³ Idem, nº 33, cx: 34, 22 de agosto de 1912, p.1.

desta data, apesar de não existir obrigação de que os filmes passassem pela análise policial, havia exigências quanto aos programas que eram exibidos.¹⁶⁴

O fato do cinema ser um local de sociabilidade e interação interpessoal acabava por refletir, inclusive na forma de se vestir de seus frequentadores sendo, mais das vezes, um espaço para trajes de “gala”. Também percebemos o comportamento das moças e rapazes diante dos filmes que eram apresentados. No jornal *O Lar* temos uma crônica sobre o assunto:

Cinema: Salão artístico onde as moças exibem suas toilettes chics e expõem grande quantidade de rouge. Fitas focalizadas na tela, á meia escuridão; fitas passadas as claras, á vista dos papás e das bondosas mamãs, que fingem nada ver.

Quando a fita e moral, bem; pois o cinema é uma grande escola, mas quando há excesso de beijos, malandragens e futilidades, então o resultado logo se faz ver. As mocinhas insinuadas pelos maos exemplos passados na tela, pensam em imitar os artistas, apaixonam-se por elles, ficam mesmos intoleráveis...

Os rapazes então cançados de fazer fitas, afinal vendo que estão sendo suplantados pelos artistas, entram na bagaceira, procuram as moreninhas de Paracatu, dormem na chuva e algumas vezes até no pote. Afinal fazem fitas coloridas, duplas, ás claras e no escuro. (Grifo nosso)

O cinema influenciou na modificação de comportamento ao permitir o contato com um universo diferente daquele vivido na cidade. Ao ver as imagens na tela as pessoas poderiam rir, chorar e sonhar, os filmes proporcionavam estes sentimentos. Os habitantes da cidade queriam copiar a maquiagem, o vestuário, o modo de falar e de agir. A crônica do jornal *O Lar* apresenta-nos um fato interessante, como por exemplo, as moças se apaixonavam pelos astros do cinema e os rapazes procuravam distração em outros locais, pois as moças só queriam saber dos galãs de cinema, evidenciando um novo tipo de comportamento.

Nas salas de cinemas também ocorreram situações inusitadas como a morte de um senhor que assistia a um filme, *Estando o Dr. Horacio Azº assestindo o cinema goyano foi acometido de uma cincopi cardíaca e sahio de lá morto*; e de uma família que fica preocupada com a falta de notícia sobre o paradeiro de um membro da mesma, *Denoite Pacifico veio tarde pr.qe. sahio do circo e foi pª cinema, nos ficamos acordados até ½ noite sem saber onde elle estava*. Estas situações mudavam a rotina da cidade e também o comportamento de alguns cidadãos, provavelmente foi um susto para as pessoas que assistiam

¹⁶⁴ CUNHA, Getúlio Nascentes da. A polícia nos teatros e cinemas do Rio de – 1890-1930. In: ANPUH – XXII Simpósio Naciona de História, 2003. João Pessoa. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.267.pdf> Acesso em: 28. Dez. 2013.

ao filme e acabam tendo que lidar com um morto na sala de cinema e uma angustia para a família que, ao ficar acordada até meia-noite esperando o retorno do parente “desaparecido”, deixa de fazer suas atividades rotineiras.

Entre os filmes havia intervalos que eram utilizados como espaço educativo e de afirmação da moral que a sociedade deveria ter. O jornal *A Imprensa* relatou a palestra do Sr. Tobias Rios Filho que apresentou uma palestra literária sobre a psicologia do beijo. Segundo o jornal o Sr. Rios evidenciou os diversos aspectos que um beijo poderia ter, mas enalteceu o beijo de amor e o beijo materno, o beijo “voluptuoso” foi condenado como a expressão da luxúria.¹⁶⁵ Aqui percebemos certa dualidade nas atitudes desta sociedade, o ato de ir ao cinema era novo, o cinema era sinal de progresso e de modernização, porém esse novo hábito não poderia caminhar sozinho, deveria ser fiscalizado, olhado de perto. Essa palestra evidencia que era necessário manter a moral da sociedade e não copiar tudo que era visto nas telas, pois de acordo com a crônica do Jornal *O Lar*: “quando a fita é moral, bem; pois o cinema é uma grande escola, mas quando há excesso de beijos, malandragens e futilidades, então o resultado logo se faz ver”.

Outro fato interessante sobre os intervalos entre os filmes é relatado por Ondina Albernaz, ela conta que entre os filmes havia intervalos de 8 a 10 minutos, as luzes eram acesas e as pessoas faziam comentários sobre os filmes, desses intervalos também se beneficiavam os fumantes.¹⁶⁶ A sala se torna um ponto de encontro onde às pessoas poderiam conversar sobre o filme ou sobre coisas do cotidiano. Permitia a interação desse público que poderiam transpor essas novas relações para fora da sala de cinema.

Como espaço de sociabilidade o cinema, também, foi utilizado para prestação de serviços às instituições públicas. Esses eventos representavam as afirmações políticas regionais e as ambições da liderança política no âmbito nacional. “Em comemoração da grande Victoria no pleito abriram-se as portas do nosso teatro S. Joaquim, n’um espetáculo cinematographico gratuito, offerecido ao valente eleitorado hermista.” A comemoração era a vitória da candidatura do Marechal Hermes da Fonseca¹⁶⁷, o evento foi considerado uma verdadeira festa republicana. Nela estavam presentes as famílias importantes da cidade, além dos políticos regionais que apoiavam o presidente eleito. O discurso, segundo o jornal, foi aplaudido dando vivas ao Marechal e em seguida foram apresentadas as “melhores fitas do

¹⁶⁵ *A Imprensa*, jornal, nº 469, cx:28, 16 de setembro de 1914, p.2.

¹⁶⁶ ALBERNAZ, Ondina de Bastos. Op. cit., p. 22.

¹⁶⁷ Foi um militar e político brasileiro, presidente do Brasil entre 1910 e 1914.

cinematographo”¹⁶⁸. O cinema, como espaço de interação social, era utilizado para diversas comemorações, para arrecadação de dinheiro para obras da cidade, em quermesses para a Igreja – nesse sentido percebemos haver, na sala de cinema, certa “função social” que além de servir como espaço de entretenimento e contato com a arte, servia também como local onde empreitadas políticas e sociais podiam se materializar.

Acreditamos que o público nas salas era dividido pelo valor do preço dos ingressos. Nos anos iniciais do cinema na cidade as cadeiras custavam três mil reis e a geral ou galerias custavam dois mil reis. Esse valor por si só já selecionava o público que frequentava este cinema. Mais tarde verificamos que este valor foi diminuindo as cadeiras passaram a custar dois mil reis e a geral mil reis, na época da crise do cinema, em 1916, esses valores caíram para a metade. Nesse período o *Jornal Nova Era*, traz a seguinte nota sobre o *Cinema Luso-Brasileiro*: “no cinema Luso-Brasileiro não há luxo nem distinção de classes: é para todas as classes e o Empreziario recebe com gosto toda e qualquer pessoa que procurar o seu cinema.”¹⁶⁹ Em um momento de crise o dono do cinema não poderia se dar ao luxo de escolher quem frequentaria o seu cinema, por isso o cinema, neste momento, era para todos. Sabemos que as cadeiras eram destinadas as pessoas com maior poder aquisitivo e as gerais ou galerias eram frequentadas pelas “pessoas do povo”.¹⁷⁰

Não podemos afirmar que toda a população da cidade assimilou o cinema ou teve acesso a ele, já que nessa época as diferenças de classes, cor e faixa etária eram motivos para exclusão em diversas atividades, mas acreditamos que o cinema pode ter possibilitado maior interação, eliminando algumas barreiras. O valor mais baixo dos ingressos, provavelmente, permitiu que pessoas que antes não teriam condições de ir assistir a um filme, passassem a frequentar o cinema.

Para as crianças irem ao cinema haviam sessões especiais, as *matinéés*. Havia ingressos para os adultos que quisessem acompanhar os seus filhos. Essas *matinéés* ocorreram, na Cidade de Goiás, somente no *Cinema Luso-Brasileiro*: “O coronel Joaquim Guedes, inicia no próximo domingo a exibição de fitas em *matinéés*, para que as crianças possam também admirar esse maravilhoso invento que se chama Cinema”¹⁷¹. Tal fato possibilitou uma nova forma dos adultos e crianças aproveitarem o seu momento de lazer no cinema, pois para cada horário os filmes passados seriam diferentes de acordo com o público.

¹⁶⁸ Goyaz, jornal, nº 1105, cx. 25, 5 de março de 1910, p.1.

¹⁶⁹ *Jornal Nova Era*, nº 65, 6 de Janeiro de 1916, p.3.

¹⁷⁰ “Toda sociedade goyana esteve ali representada, desde a mais fina elite até as pessoas do povo que enchiam as galerias”. Goyaz, jornal, nº 1105, cx. 25, 5 de março de 1910, p.1.

¹⁷¹ *A Imprensa*, *Jornal*, nº 447, cx: 28, 18 de abril de 1914, p.3.

Também permitiu que as crianças pudessem frequentar o cinema, devido ao fato de que, talvez, a noite sua entrada não fosse permitida.

Os jornais não deixavam de ressaltar a importância que o cinema tinha para a cidade e que a inauguração da primeira sala de cinema da cidade era um passo importante para o progresso. Em três passagens dos jornais podemos verificar essa relação do cinema com o progresso e, também, com a modernização:

O Sr. Joaquim Guedes, activo e inteligente industrial, vae dotar a nossa capital com um estabelecimento de diversão de primeira ordem, nada deixando a desejar, tal a commodidade, o asseio e o bom gosto que presidiram a construcção do elegante prédio destinado ao cinema.¹⁷²

As pessoas que residem nesta cidade e que gostam de acompanhar o progresso em todas as suas modificações, terão de assistir hoje as 20 horas, a inauguração de uma linda casa de diversões – o Cinema Luzo Brasileiro.¹⁷³
(Grifo nosso)

Essa bella e elegante festa, prova mais cabal de que a nossa velha urbs caminha em demanda do progresso, encheu-nos a alma de muito contentamento; mas, um contentamento vivo, intenso e sincero.¹⁷⁴

Comodidade e asseio eram consideradas características de um ambiente urbano moderno, esse fato foi discutido nas iniciativas tomadas por parte do governo para projetar na Cidade de Goiás um ambiente que estava a par da modernização. As pessoas que gostavam de acompanhar o progresso em todas as suas modificações deveriam participar da inauguração deste cinema. O jornal tenta impor um comportamento que a sociedade deveria ter, para participar do progresso era necessário participar das atividades próprias desse novo mundo.

O novo cinema, segundo os jornais, proporcionava um ambiente mais agradável comparável até com os cinema do Rio de Janeiro, como podemos verificar na notícia do jornal *A Imprensa*:

O Luzo-Brazileiro é hoje o ponto predilecto da nossa melhor sociedade e não fora de propósito relatar o que ouvimos de dous deputados, na ultima sessão. Porque preferes o Luzo ao Goyano?
E que estando no Luzo Brasileiro se parece que estou na Avenida, da Capital Federal.
Não se pode dizer melhor e mais propósito.¹⁷⁵

¹⁷² A Imprensa, jornal, nº 434, cx. 28, 17 de Janeiro de 1914, p.2.

¹⁷³ Idem, nº 446, cx: 28, 11 de abril de 1914, p.2.

¹⁷⁴ O Lidador, jornal, nº 16, cx. 35, 23 de abril de 1914, p. 2.

¹⁷⁵ A Imprensa, jornal, nº 459, cx: 28, 11 de julho de 1914, p.3.

A partir desta notícia verificamos que havia o desejo de equiparar-se aos grandes centros. A capital agora era dotada de um cinema que não perdia em nada para os do Rio de Janeiro, tal fato era motivo de orgulho. Os jornais ressaltam um desejo de um grupo da sociedade goiana que almejavam participar dos atrativos mais importantes que os grandes centros pudessem proporcionar, fosse o comportamento, vestuário ou portar uma sala de cinema a altura dos grandes centros.

Não podemos deixar de ressaltar que o cinema, também, foi visto como um incomodo em alguns momentos. Em 1924 a população da cidade fez um abaixo assinado solicitando que o proprietário do *Cinema Iris* colocasse um silenciador no motor da maquina cinematográfica. Os motivos para tal pedido foram relatados na carta entregue ao Intendente Municipal:

1º Com o barulho infernal que faz tem até adoecido pessoas, a ponto de verem-se obrigados a mudarem de casa, como aconteceu com a senhora do ex-delegado fiscal, Dr. Mario Linhares e tal foi o encommodo daquela senhora que teve necessidade de chamar um facultativo e neste sentido tem acontecido a diversas famílias.

2º Dos 3 cinemas que temos na capital é o único que caprichosamente não colloca aquele aparelho, parece que visando só perturbar a tranquillidade publica, pois possui silenciador e de capricho não o quer colocar.

V. Ex. mesmo de sua casa hade necessariamente ouvir o barulho que faz, mormente quem tem a infelicidade morar nas proximidades de tão encommodo visinho. (...)

Morando em uma capital pacata e tranquilla e só cabe a primazia de se ro Cinema íris o único a provocar o desassossego das famílias.¹⁷⁶

O cinema teve impacto direto no ambiente dos habitantes da Cidade de Goiás. O autor ressalta o sossego, a vida pacata e tranquila da cidade como fatores que deveriam ser mantidos e preservados. Percebemos que o cinema é bem vindo, pois os que não provocam problemas para a tranquilidade pública devem ser mantidos, mas no momento em que atrapalha a vida desses habitantes passa o limite que estes podem ou querem suportar. O *Cinema Iris*, na figura de seu proprietário, tirou a calma que existia na cidade e como diz o documento era o único a provocar tal fato. É um querer moderno, mas sem perder os antigos hábitos. Querem poder aproveitar as *benesses* do progresso, mas sem perder os seus costumes, sua identidade.

Como espaço de sociabilidade o cinema permitiu aos habitantes da cidade, conviverem, dividir o mesmo ambiente e impulsionou a circulação de ideias. Novas formas de interação entre os indivíduos surgiram e também novos hábitos, mas vale lembrar que

¹⁷⁶ Documento disponível na Fundação Educacional da Cidade de Goiás – Casa frei Simão Dorvi (FECIGO).

esses novos hábitos nos parecem uma negociação e articulação entre o desejo do novo com os valores tradicionais.

Considerações Finais

É interessante perceber que a primeira república do Brasil foi marcada por intensas mudanças que atingiram a vida social de diversas regiões do Brasil. De acordo com Marshall Berman¹⁷⁷ a economia capitalista estende suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta, transformando essas áreas de modo profundo. Tais transformações promoveram um surto modernizador apoiado no discurso do progresso.

A *Belle Époque* chegou aos principais centros brasileiros com o intuito de civilizar e modernizar as cidades e a sociedade. Nesse ínterim, as cidades do interior do Brasil não ficaram de fora e receberam uma avalanche de transformações, alcançando, assim, os benefícios do chamado progresso.

Diante destas transformações, buscamos compreender como uma cidade do interior do Brasil, no caso a Cidade de Goiás, recebeu esses novos elementos e qual a relação que estabeleceram com eles e entre si.

Como meio urbano que emergiu a partir da extração de metais e pedras preciosas à época da colonização portuguesa no Brasil, a Cidade de Goiás, como tantas outras da época, mesclava hábitos rurais com hábitos urbanos que se desenvolviam de forma peculiar. Percebemos que a cidade existe, mas a ruralidade ainda é bastante presente, evidenciada nas casas com suas grandes janelas e nos quintais vastos.

Assim, as marcas da modernização e do progresso apresentaram um estilo próprio na cidade. As alterações urbanas foram caracterizadas pelas mudanças nos códigos de posturas, a criação do cemitério e do mercado no intuito de criar um ambiente com mais higiene. As melhorias urbanas indicavam um novo padrão de vida para a sociedade, criar um novo ambiente que tivesse estética e técnica. A energia elétrica e a chegada do primeiro carro vieram para colaborar com a construção desse novo ambiente.

O ambiente urbano sofreu as transformações almejadas, mas a sociedade ainda permanecia conservadora, mantendo sempre uma ordem social. Nesse novo ambiente que primava pelas características modernas, ainda havia uma continuidade de poder dos grupos mais abastados que ditavam as regras da sociedade e para quem esses elementos do progresso eram realmente importantes.

Há nesses grupos um desejo de eliminar as características arcaicas e participar desse mundo moderno, seja nas atividades e principalmente no comportamento, mas não foi bem

¹⁷⁷ BERMAN, Marshall. Op.cit.

assim que aconteceu. Havia a apropriação de um referencial moderno dos grandes centros urbanos, mas não deixavam de lado os hábitos antigos, a moralidade e as características conservadoras.

Nesse ínterim, as artes eram cultivadas pelas famílias que tinham maior poder aquisitivo, a educação era vista como forma de levar a sociedade para o caminho da civilização, a construção do Teatro São Joaquim já estabelecia uma relação com uma sociedade que almejava o progresso. Mas esses ambientes e essas atividades não possibilitava a participação de todos, a população mais pobre ficava a parte deste processo.

A chegada do cinema como representante máximo desse processo de modernização na cidade, proporcionou um novo espaço de interação entre os habitantes dessa sociedade. Podemos dizer que o cinema possibilitou maior participação de diversos grupos da sociedade, pois haviam eventos nos cinemas que eram gratuitos, outros que estavam incluídos na programação das festas religiosas, a própria igreja dispunha de um equipamento para o ensinamento do catolicismo e ao longo dos anos, devido a crises no mercado cinematográfico e a quantidade de cinemas que existiu, os ingressos ficaram mais baratos.

O cinema criou um novo espaço de sociabilidade, onde as pessoas se interagiam, conversavam sobre o filme, lanchavam na cafeteria, fora desse espaço, os programas que eram divulgados pelo cinema, permitia a interação com o público, os cartões de bonificação, lançados pelo *Cinema Luso-Brasileiro*, incentivou de certa forma a comunicação, já que era necessário vender os ingressos pela cidade. As salas de cinema divulgaram novos hábitos que eram apresentados nos filmes, criando o desejo nas pessoas que assistiam de usar as mesmas vestimentas, a maquiagem, os trejeitos entre outros.

A interação com o cinema possibilitou o contato com novas formas de agir e de pensar, diferente daqueles que eram trazidos pelas pessoas que moraram fora da cidade, na sala de cinema o contato era mais direto, era visto pelos olhos daqueles que estavam ali assistindo. Assim, a Cidade de Goiás e os seus habitantes formaram laços com o cinema que nos permitem perceber as disputas que ocorreram entre as características que indicavam o progresso e a tradição no momento em que estes buscavam definir o seu espaço naquela sociedade. Percebemos que esses novos hábitos não eram apropriados sem antes haver uma adaptação entre ele e os valores antigos, daí surgem as novas práticas de sociabilidade, resultante da interação entre o ambiente, as pessoas e o cinema.

Fontes

a) Diário:

MARQUES, Anna Joaquina da Silva. *Memorial de lembrança*. Cidade de Goiás, 1881-1930. Vários cadernos. Manuscrito. Fundo Cônego Trindade. IPEHBC/UCG.

b) Imagens:

As imagens utilizadas no trabalho foram retiradas dos livros:

ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. 2ª edição. Goiânia: Editora Vieira, 2009.

CRAVEIRO, J & poetas. *Goyaz e Serradourada. 1911 a 1915*. Goiânia: ed. do autor, 1994.

Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979.

E do site:

Blog *O Vilaboense* <<http://ovilaboense.blogspot.com.br/2009/05/100-anos-do-cinema-em-goias.html>>. Acesso em: 15. Jan. 2011.

b) Jornais (*Exemplares disponíveis no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) em Goiânia, Goiás*):

Informações referentes aos jornais foram consultadas em: TELES, José Mendonça. *A Imprensa Matutina*. Goiânia: CERNE, 1989.

A Tribuna Livre: 1878 - 1884 – tendo como redator Antônio Félix de Bulhões Jardim e como editor José do Patrocínio Marques Tocantins, Tribuna Livre tornou – se jornal goiano em defesa da causa abolicionista. José do Patrocínio Marques Tocantins era liberal,

abolicionista e amigo de Rui Barbosa, com o qual se correspondia. O jornal defendia a integridade e a liberdade do homem e, no dizer do José Lobo, “foi um jornal de lutas do homem e nenhum outro exerceu, na província, maior influencia sobre a opinião publica”. Segundo Oscar Sabino, *Tribuna Livre* circulou até o nº 253, que saiu no dia 24 de dezembro de 1884. *A Tribuna Livre* de 3 de agosto de 1879

- A Tribuna Livre, jornal, nº75, (microfilme cx. 19), 26 de julho 1879.
- A Tribuna Livre, jornal, nº 76, (microfilme cx. 19), 2 ou 3 de agosto 1879.
- A Tribuna Livre, jornal, nº78, (microfilme cx. 19), 16 de agosto de 1879.
- A Tribuna Livre, jornal, nº 289, (microfilme cx. 19), 4 de setembro de 1882.

A Imprensa – propriedade de uma sociedade anônima, Diretor Geral Armando Esteves.

- A Imprensa, jornal, nº 467, (microfilme cx: 28), Goyaz 2 de setembro de 1914

Cidade de Goiás – Direção de Garibalde Rizo de Castro. Semanário. Circulou vários anos sob a direção de Goiás do Couto. Relançado em junho de 1985, sob a direção de Luiz Alberto Di Lourenzzo do Couto.

- Cidade de Goyaz - 19 de junho de 1938.

Correio Oficial de Goyaz - noticioso, circulou pela primeira vez no dia 3 de junho de 1837, com a mudança da capital o jornal foi transferido para Goiânia. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>

- Jornal Correio Oficial de Goyaz, nº 268, 17 de abril de 1920.

Goyaz – fundado pelos irmãos Antônio Félix e José Leopoldo de Bulhões Jardim. Impresso em prelo Alausête, de propriedade de Inácio Soares de Bulhões. Jornal de vida longa, defendia ardorosamente as causas abolicionistas e republicanas.

- Jornal Goyaz: Órgão do Partido Liberal, nº 1101, 5 de fevereiro de 1910. (Disponível em: < <http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>

- Goyaz, jornal, nº 1105, (microfilme cx. 25), 5 de março de 1910.

Nova Era – Literário e noticioso. Tinha como diretor o poeta Joaquim Bonifácio de Siqueira e como gerente Aurélio Patroclo. Foram seus colaboradores os jornalistas Gercino Monteiro, Teódulo de Castro e Cilineu de Araújo, o Leo Lynce. Circulou até 1917.

- Jornal Nova Era, nº 65, Goyaz, 6 de Janeiro de 1916.

O Estado de Goyaz – filiado ao partido republicano federal, tinha orientação político do Monsenhor Inácio Xavier da Silva. Era semanário. Em 1896 passou a ser dirigido pelo desembargador Luiz Gonzaga Jaime, sob a gerência do major Augusto Alves de Castro. Circulou até 1897.

- Estado de Goyaz, jornal, nº 55, (microfilme cx. 24), 14 de julho de 1892.

O Lidador – Hebdomadário pertencente à Diocese. Fundado pelo Bispo Dom Prudêncio Gomes da Silva. Tinha como redator e diretor o Cel. Edmundo José de Moraes. Noticioso e literário.

- O Lidador, jornal, nº23, (microfilme cx. 34), Goyaz, 10 de Junho de 1909.

- O Lidador, jornal, nº 28, (microfilme cx: 34), Goyaz 17 de julho de 1913

- O Lidador, jornal, nº 13, (microfilme cx. 34), Goyaz 23 de março de 1911

- O Lidador, jornal, nº 16, (microfilme cx. 35), Goyaz 23 de abril de 1914

O Publicador Goyano: 1885 – propriedade de Tocantins & Aranha. Impresso, semanalmente, em prelo Marioni, na Tipografia Perseverança. Em seu primeiro número a seguinte nota: “este jornal será publicado uma vez por semana, em dias indeterminados. Este modesto periódico tem por fim servir de órgão a todas as pessoas que tiverem necessidade de recorrer à imprensa, contando que se expressem em linguagem decente. O nosso redator é o povo e o nosso objetivo é o bem público”. Circulou até 2 de Março de 1892. Goiás.

- O Publicador Goyano, jornal, nº 50, (microfilme cx. 21), 7 de Fevereiro de 1886.

O Commercio: 1879 – jornal de interesses comerciais, impresso na tipografia do major Antônio Pereira de Abreu. Inicialmente defendia as idéias liberais, passando depois, para a

linha conservadora, sob orientação do desembargador Luiz da Rocha Vidal, mais tarde como editor Veridiano José do Sacramento. A tiragem era de 500 exemplares. Deixou de circular no ano de 1884. Goiás.

- O Commercio, jornal, nº 10, (microfilme cx. 20), 23 de agosto de 1879.

O Lar – literário e noticioso, dirigido somente por mulheres: Altair de Camargo, Maria Ferreira, Laila de Amorim, Ofélia Socrates do Nascimento e Genesi de Castro e Silva.

- O lar, jornal, nº 16, Goyaz 30 de março.

Província de Goyaz: circulou pela primeira vez no dia 8 de agosto de 1869. Era propriedade do Major Inácio Soares de Bulhões e dirigido por seu filho, Antônio Félix de Bulhões Jardim. Não pertencia a nenhuma facção política, simplesmente defendia idéias liberais e batia – se pela causa abolicionista. Era intransigente defensor das potencialidades goianas. Circulou até o ano de 1873, quando foi vendido a prelo a Tipografia Imperial. Typografia de Inácio Soares de Bulhões. Goiás.

- Província de Goyaz, jornal, nº 37, (microfilme cx. 18), 9 de setembro de 1870.

c) Memorialistas:

ALBERNAZ, Ondina de Bastos. *Reminiscências*. Goiânia: Kelps, 1992.

COUTO, Goyaz do. *Memórias e Belezas da Cidade de Goiás*. Conferência pronunciada na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás, em 1 de Agosto de 1956. Cidade de Goiás, 1958.

MARQUES, Octo. *Colcha de Retalhos – casos e crônicas*. Goiânia: Editora da Ufg, 1994.

MONTEIRO, Orféia Sócrates do Nascimento. *Reminiscências: Goiás de antanho, 1907 – 1911*. Goiânia: Oriente, 1974.

d) Sites:

Site da *Assembleia Legislativa do Estado de Goiás* <<http://al.go.leg.br/>>. Acesso em: 10. Ago. 2013.

e) Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros 1891 a 1929:

Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz pelo Exm. Sr. Coronel Dr. Urbano Coelho de Gouvêa, Presidente do Estado, em 15 de maio de 1911. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 15. Ago. 2013.

Mensagem apresentada ao congresso legislativo do Estado de Goyaz pelo Dr. Olegário H. da Silveira Pinto em 13 de maio de 1914. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 15. Ago. 2013.

Mensagem apresentada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz, Na 1ª sessão da 8ª legislatura, em 13 de maio de 1917, pelo Exmo. Sr. Coronel Joaquim Rufino Ramos Jubé, Presidente do Senado em exercício do cargo de Presidente do Estado. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 15. Ago. 2013.

Mensagem enviada ao Congresso Legislativo do Estado de Goyaz pelo Presidente do Estado Dezebargador João Alves de Castro, Na 2ª sessão da 8ª legislatura, em 13 de maio de 1918. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/uf.aspx>>. Acesso em: 15. Ago. 2013.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Wilson Rocha. *Estudos de História de Goiás*. 2ª edição. Goiânia: Editora Vieira, 2009.

AZEVEDO, Veruschka de Salles. *Entre a tela ea platéia: theatros e cinematographos na Franca da Belle Époque (1890-1930)*. Franca: Dissertação (Mestrado–História), FHDSS, UNESP, 2001.

BARROS, Fernanda. *Lyceu de Gyaz: elitização endossada pelas oligarquias goianas 1906 – 1937*. 2006. 167 F. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2006.

BARROS, José D’Assunção. *Teoria da História – Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BENFICA, Eduardo; LEÃO, Beto. *Goiás no século do cinema*. Goiânia: Kelps, 1996.

LEÃO, Beto. *Centenário do Cinema em Goiás 1909 – 2009*. Goiânia: Kelps, 2009.

BERTRAN, Paulo. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.

BITTAR, Maria José Goulart. *As três faces de Eva na cidade de Goiás*. Goiânia: Editora Kelps, 2002.

BRETAS, Genesco Ferreira. *História da Instrução Pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

BRITO, Clóvis Carvalho. *Das cantigas do beco: cidade e sociedade de Cora Coralina*. Sociedade e Cultura: revista de ciências sociais, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 2007, pp. 115-

129, Universidade Federal de Goiás. Pg. 6. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=703101110>>. Acesso em: 10.ago.2013.

CAMPOS, Francisco Itami. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.

CARVALHO, Euzebio Fernandes de. *O Rosário de Aninha: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881 – 1930)*. 2008. 285 F. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História) Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás (UFG), 2008.

CARVALHO, Jailson Dias. 2010. 165F, *Lazer, cinema e modernidade: um estudo sobre a exibição cinematográfica em Montes Claros (MG) – 1900 – 1940*. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

CHARNEY, Leo; SCHAWARTZ, Vanessa R. (org). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Tradução: Regina Thompson. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CHAUL, Nasr Fayad. *Goiânia: a capital do sertão. Dossiê cidades planejadas na hinterlândia*. Revista UFG, ano XI, nº 6, junho 2009. Pg. 104. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/goiania.pdf>. Acesso em: 15 junho 2013.

_____. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3ª ed. Goiânia, Editora UFG, 2010.

CUNHA, Getúlio Nascentes da. A polícia nos teatros e cinemas do Rio de – 1890-1930. In: ANPUH – XXII Simpósio Naciona de História, 2003. João Pessoa. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.267.pdf> Acesso em: 28. Dez. 2013.

DOIN, José Evaldo de Mello. *Olhar, Desejo e Paixão: lazeres e prazeres nas terras do café (1864 - 1930)*. ArtCultura, nº II, Vol. I, Dezembro de 2000. P. 40 – 53.

_____. *O Bucaneirismo no inicio da 1ª República: especulação e violência*. ArtCultura, nº 3, Vol. 3., Dezembro de 2001. P. 100 – 114.

_____. Et Al. *A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)* – a proposta do Cemumc. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 91-122, 2007.

FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo no Estado de Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura. In: CHAUL, Nasr Fayad (org). *Coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias*. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998.

FERREIRA, Joaquim Carvalho. *Presidentes e Governadores de Goiás*. Coleção Documentos Goianos 5. Goiânia: Editora da UFG, 1980.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 5ª ed, Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org.). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

GOMIDE, Cristina Helou. *Centralismo político e tradição histórica: Cidade de Goiás (1930-1978)*. Dissertação de Mestrado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 1999.

_____. Cidade de Goiás: da idéia de preservação à valorização do patrimônio – a construção da imagem de cidade história (1930 – 1978) In: CHAUL, Nasr Fayad; SILVA, Luis Sérgio Duarte da. *As cidades dos sonhos: desenvolvimento urbano em Goiás*. Goiânia: Ed. Da UFG, 2004.

GUNNNING, Tom. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Cia das Letras. 26ª Edição, 11ª Impressão, São Paulo, 1995, p. 73.

LACERDA, Regina. *Vila Boa: história e folclore*. 2ª Ed. Goiânia: Oriente, 1977.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, SP: Papirus, 1986.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *Anhanguera: mito fundador de Goiás*. Revista Temporisação, 2006. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/24/37>>. Acesso em: 02 sep. 2013.

MACHADO, Fabiana Moraes. *Entre cablocas e Thedas Baras: a tradição e a modernidade a partir do cinema na década de 20 na jovem capital mineira*. Belo Horizonte: Dissertação de mestrado em História – FAFICH-UFMG – 2005.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. Tempo [online]. 2009, vol.13, n.26, pp. 15-31. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a02v1326.pdf>>. Acesso em: 15. Out. 2011.

MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de. *A música em Goiás*. 2ª Ed. Goiânia, Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1981.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

NEVES, Kellen Cristina Marçal de Castro. *Cinema: modernidade e suas formas de entretenimento*. Revista de História e Estudos Sociais. Fênix, Vol. 03, Ano III, nº 04, Outubro/Novembro/Dezembro de 2006. Disponível em: < http://www.revistafenix.pro.br/PDF9/8.Artigo.Kellen_Maca.pdf>. Acesso em: 10. Jun. 2011.

NISBET, Robert A. *História da idéia de progresso*. Trad. De Leopoldo José Collor Jobim. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1985, c1980.

NÓVOA, Jorge. Cinematógrafo. Laboratório da razão poética e do novo pensamento. In: *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. In NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (orgs.). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. *A percepção da mudança: os registros na cidade de Goiás. História* [online]. 2011, vol.30, n.1, pp. 189-208. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a09.pdf>>. Acesso em: 15. Jan. 2012.

OLIVEIRA, Jocyléia dos Santos; OLIVEIRA, Maria de Fátima. Sensibilidades e Sociabilidades no Ensino de História. In: PESAVENTO, S. [et. al]. Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa. Goiânia: Ed. UCG, 2008.

PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. *História de Goiás*. 7. Ed. Goiânia: Ed. Da UCG, Ed. Vieira, 2008.

PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. *Tramas da Política e Transformações Urbanas em Riberão Preto (1902 – 1920)*. ArtCultura, v. 5, n. 7, julho-dezembro de 2003; v. 6, n. 8, janeiro-junho de 2004. P. 52 – 62.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. *Anhanguera: mito fundador de Goiás*. Revista Temporisação, 2006. Disponível em: <<http://www.nee.ueg.br/seer/index.php/temporisacao/article/view/24/37>>. Acesso em: 02 sep. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1999.

RAMOS, Fernão (org). *História do Cinema Brasileiro*. 2ª ed. Secretária do estado de Cultura. Art Editora: São Paulo, 1990.

RAMOS, Fernão Pessoa; MIRANDA, Luiz Felipe (Ed.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. Senac, 2000.

RODRIGUES, Eliane Aparecida Silva. *Sociabilidade em Catalão (GO): entre o arcaico e o moderno (1920-1960)*. 2004. 177 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História. Universidade Federal de Uberlândia.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. *A modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia, Ed. Da Universidade de Goiás, 1982.

ROSA, Maria Luiza Araújo. *Dos Bulhões aos Caiado: um estudo da História Política de Goiás, 1889 – 1909*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1984.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. Saúde e doenças em Goiás (1826-1930). In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org.). *Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada, 1975.

SANT'ANNA, Thiago. “Noites Abolicionistas”: as mulheres encenam o teatro e abusam do piano na Cidade de Goiás (1870-1888). OPSIS – Revista do NIESC, v. 6, n. 1, p. 68-78, 2010.

SILVA, Ana Lucia da. *A revolução de 30 em Goiás*. Goiânia: Cãnone Editorial e Agepel, 2001.

SILVA, Cristina Ennes da; PUHL, Paula Regina; STRÖHER, Carlos Eduardo. *Lazer e sociabilidade em Novo Hamburgo: no escurinho do cinema*. Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, v. 16, n. 21, p. 41-68, 2010.

SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

TAMASO, Izabela. *Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na Cidade de Goiás*. 2007. 787 f. Tese (Doutora em Antropologia Social). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília (UNB), 2007.

TELES, José Mendonça. *A Imprensa Matutina*. Goiânia: CERNE, 1989.

TOSTES, Simone Parrela. *Arquitetura, Modernização, Modernidade e Modernismo: os significados do moderno*. Revista Interpretar Arquitetura, Ed.14, 2009. P. 1. Disponível em: http://www.arq.ufmg.br/praxis/textos/simone_IA1.pdf. Acesso em: 01. Dez. 2013.

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

URZEDA FILHO, Osiris de. *História visual em Goiás: modernidade e tradição*. Disponível em: <http://www.ufg.br/this2/uploads/files/112/37_OsirisDeUrzeda_HistoriaVisualEmGoias.pdf> Acesso em: 15jul.2011.

Vila Boa de Goiás. Berlendis e Vertecchia Editores. Rio de Janeiro, 1979.